

^^ ^^ ^^ ^^ ^^ ^^ ^^ ^^



# DEUSES ENFURECIDOS



||||| ||||| ||||| ||||| ||||| ||||| ||||| ||||| ||||| |||||



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Deuses Enfurecidos*

AUTORIA: *Renato Fontinha*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2011 Edições Saída de Emergência*

REVISÃO: *Gabriela Varino*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide – Artes Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Outubro, 2011*

ISBN: 978-989-637-381-8

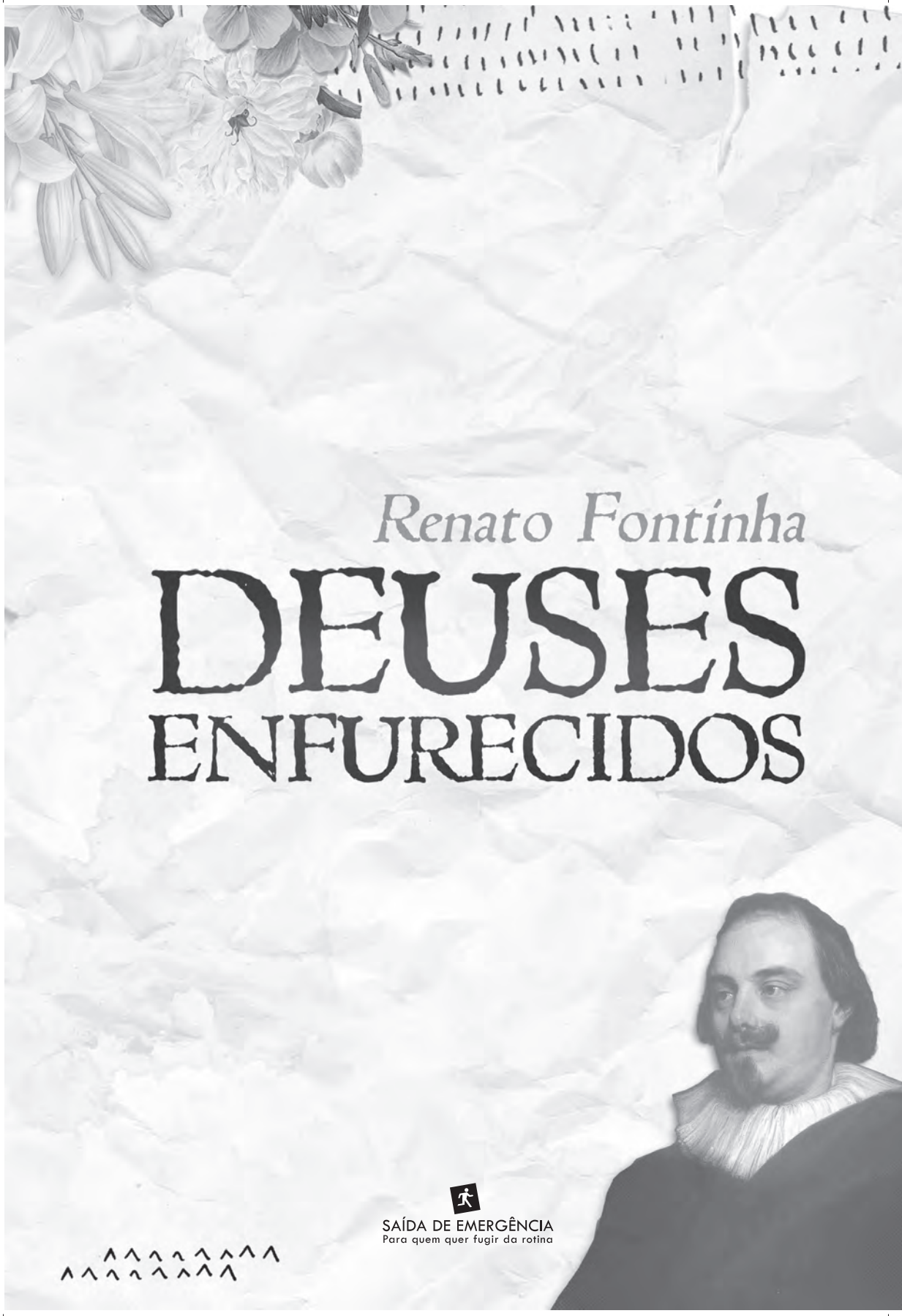
DEPÓSITO LEGAL: 333565/11

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*R. Adelino Mendes nº 152, Quinta do Choupal 2765 — 082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

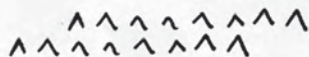


*Renato Fontinha*

# DEUSES ENFURECIDOS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



«Ricardinho...»

## PREÂMBULO

— MAS COMO DOUTRINAMOS ESTES ÍNDIOS?

— Através da rotina no modo de vida que pretendemos para eles, da incessante repetição da palavra. Por exemplo, depois do sino do nascer do Sol, as crianças, mulheres solteiras e todos os demais que queiram participar recebem instrução religiosa durante duas horas. Depois, as raparigas vão coser e costurar as roupas com que todos que aqui vivem se cobrem e os rapazes vão caçar ou tratar dos campos. Quando o calor se torna insuportável, assistem à missa e, por volta do meio-dia, é servido o jantar. Seguem-se mais aulas, em que aprendem a ler e escrever e, mais para o fim da tarde, voltam aos campos. O dia termina com as ave-marias e com uma refeição, após a qual todos têm de recolher às suas cabanas. A nossa esperança é que, com o contacto repetido com a palavra do Senhor e com os ofícios e tarefas dos homens tementes a Deus, se afastem cada vez mais das suas práticas gentias. Aos poucos, obtemos resultados positivos, noto que alguns se interessam verdadeiramente pela palavra da salvação, que encontram paz de espírito nos cânticos, liturgias e pregações. Esses já regressaram ao curral do Senhor. Mas não te iludas, muitos, principalmente os mais velhos, ressentem-se deste modo de vida tão diferente do que estavam habituados. Quando o fascínio pelos nossos instrumentos e música passar, não tenhas dúvidas de que serão os primeiros a fugir e regressar ao regaço do Demónio. Os homens cresceram na expectativa de matar muitos inimigos, viviam para a guerra, ansiavam por ter muitas mulheres e, agora, vêem-se com uma enxada na mão a cavar a terra, a viver com uma única esposa, sem adornos... Que é aquilo?

Um homem caminhava ao longo do trilho que levava à missão jesuíta. Nos braços, trazia dois embrulhos.

— Deve ser um dos colonos que vem doar utensílios — o padre mais velho agarrou o robe negro com ambas as mãos e desceu apressadamente a torre da igreja. — Já os avisei que não nos visitassem, que recolheríamos as doações em Nova Lisboa.

Ofegante, correu para o recém-chegado, que já se encontrava rodeado de índios, aborrecidos com a monotonia da missão e gratos pela interrupção. O superior abriu caminho e, quando conseguiu chegar-se à frente, viu o estranho jogar ambos os embrulhos no chão.

Num, havia utensílios agrícolas e no outro, armas.

— *Eu sou Manuel Lobo e vou para a guerra. Os que entre vós forem homens, agarrem nos arcos e sigam-me; os que forem mulheres, agarrem em enxadas e fiquem.*

PARTE I  
VIAGEM







## CAPÍTULO 1

### GUIANA

1550.

Músculos contraíram-se sob o enorme peso, veias latejaram violentamente, faces distorceram-se em máscaras de agonia, costas curvaram-se, ameaçando quebrar. Por momentos, nada aconteceu, o esforço revelava-se inútil, um desperdício. Mas, por fim, o tronco começou a mover-se, relutantemente, incomodado com a teimosia das irritantes criaturas. Deslizou um passo, dois, em breve, deixaria de bloquear a passagem, três, qua...

Um estrondo ensurdecedor silenciou a selva.

— Pelas chagas de Cristo! — trovejou Michel.

A árvore, sentido a momentânea desconcentração dos que tentavam desalojá-la, voltou a deslizar para o seu pouso entre as rochas, quase esmagando a perna do marinheiro.

— Estás satisfeito? — rugiu aquele para Cartier, ao mesmo tempo que esgravatava o ouvido para fazer parar o sino que lhe badalava dentro do cérebro.

— Era uma vaca! — O companheiro recarregava freneticamente o arcabuz. — Vi-a, ali, no meio do rio.

— Uma vaca de água? Uma vaca de água! — gritou um marinheiro na margem para os outros em redor.

Todos interromperam o que estavam a fazer e fitaram o rio, expectantes. As águas barrentas prosseguiram a sua caminhada imparável, indiferentes à ansiedade dos homens. Em redor, estendia-se a densa selva tropical da Guiana. Vigiava-os, observava com curiosidade os estranhos que ousavam desafiá-la. Os guinchos, urros, silvos, trinados e milhares de outros sons que produzia soavam a gargalhadas trocistas, como se o atrevimento das pequenas criaturas a divertisse.

Michel cuspiu na direcção das árvores. Detestava a selva, detestava o calor, detestava a humidade, detestava os pequenos monstros voadores que o atormentavam, picavam, devoravam, detestava...

— Ali está ele! — alguém gritou.

Uma chuva de setas e balas precipitou-se sobre o animal e a água em redor ergueu-se como que em ebulição.

— Cessar fogo — ordenou o capitão, do cimo da *Jacques*, a chalupa na qual subiam o rio. — Acertám...

O sabor da deliciosa carne do manatim transformou-se no amargo travo da derrota quando a cabeça do animal surgiu no meio da espuma, incólume. A saborosa refeição fitou os homens, abriu a boca num sorriso desafiador e mergulhou, lentamente, tragada, mas pelas águas do rio.

Michel sentiu lágrimas aflorarem-lhe aos olhos. A subida do rio Orinoco começara meses atrás. Buscavam o fabuloso *El Dorado*, o reino das Amazonas, o império perdido dos Incas, o... ouro! Tinham encontrado índios hostis, mosquitos, calor, chuva, fome, doenças, sofrimento. Morte.

Dos duzentos companheiros que tinham iniciado a aventura, mais de cinquenta haviam perecido, vitimados pela selva impiedosa e, antes disso, por um encontro com uma nau espanhola, cujo capitão, irritado com a intromissão dos franceses na sua metade do mundo, lhes movera teimosa perseguição. Num golpe de sorte, um dos tiros de canhão acertara em cheio num mastro, que tombara em cima de cinco homens, causando morte imediata a quatro e uma longa agonia ao restante.

— Não sabem do que se safaram — sussurrou o marinheiro.

Contemplou com tristeza os farrapos humanos em que se tinham tornado os companheiros. Na margem, um deles afadigava-se em redor de uma pequena panela onde cozia algumas ervas e um bocado de rédea: o cavalo fora comido havia muito. Mais adiante, um homem fitava intensamente um tronco de uma árvore. Com gestos ponderados, ergueu uma besta, apontou demoradamente e disparou. A pontaria foi magnífica, a iguana caiu trespassada, mas a sorte não o foi e o animal perdeu-se nas águas rápidas. O atirador fitou estupidamente a arma, a árvore e o rio, como se não compreendesse qual culpar pela perda da refeição.

— Vamos, vamos! Remem! Cuidado com as ondas!

Michel benzeu-se. Quem falara fora um dos que, semanas atrás, devorara com avidez algumas raízes de mandioca, sem saber que o sumo era mortífero. Alguns homens tinham adoecido e morrido, mas aquele sobrevivera.

— Jean, ajuda aqui! Içar velas! Virar a bombordo!

Melhor, corrigiu-se Michel, o corpo sobrevivera, a mente perecera.

— Jean! Vem cá, seu preguiçoso!

Ninguém respondeu. Jean, o irmão pequeno do louco, morrera havia muito, emboscado numa aldeia onde fora pedinchar comida. Os índios ao longo do rio aceitavam, muitas vezes, as bugigangas — tesouras, anzóis, contas, facas — que os franceses tinham para trocar, mas algumas tribos mostravam-se hostis e atacavam sem provocação ou aviso.

Um moscardo zumbiu-lhe aos ouvidos e esbracejou para o afastar. Sa-

bia que os seus esforços eram inúteis, como as enormes borbulhas espalhadas pelas suas costas provavam. O gesto fê-lo virar-se e o que viu provocou-lhe um arrepio de medo. Um tronco enorme boiava tranquilamente ali perto.

— Todos fora de água! Fora!

Os homens, que tentavam afastar a árvore tombada que bloqueava o rio e que impedia a chalupa de seguir caminho, atropelaram-se para sair da água.

— Que se passa? — perguntou o capitão, irado. — Que aconteceu?

Michel sentiu-se invadir por uma onda de irritação e frustração. Aquele homem e os seus sonhos loucos do *El Dorado*, reino de Omágua e outros que tais, era o responsável pela morte de tantos companheiros, pelo estado em que se encontravam os sobreviventes. Sobreviventes? Cadáveres! Cadáveres vivos que a morte parecia ter prazer em prolongar a agonia. Ou, talvez, a morte não fosse tão louca como eles a ponto de se aventurar naquela selva infernal para os recolher. Pelo canto do olho, notou que o jacaré, perdido o elemento surpresa, se afastava, mas resolveu não se justificar ao capitão.

— Para mim, acabou — cruzou com veemência os braços sobre o peito maciço. — Estou farto.

O capitão semicerrou os olhos ante o acto de insubordinação que raiava a rebelião. Alguns dos homens afastaram-se, para se demarcarem da posição do companheiro, mas a maioria permanecia a seu lado, semblantes carregados e decididos. Após uma curta hesitação, decidiu que seria melhor apelar à amizade em vez de tentar impor a sua autoridade.

— Acaso não estamos todos na mesma situação?

Esboçou um gesto ao longo do corpo e o rosto de Michel suavizou-se. Tal como os demais, estava quase nu — as roupas há muito que tinham apodrecido no clima húmido dos trópicos, e somente um punhado de folhas mal cosidas umas às outras lhe tapava a nudez —, o sangue, terra, detritos e insectos mortos emaranhados na teia em que se tornara a barba testemunhavam as agruras que passara, as feridas, picadas de mosquitos e moscardos e nódoas negras que lhe cobriam o corpo provavam o sofrimento a que fora sujeito, as mãos esqueléticas de veias salientes e a pele amarelada colada às costelas asseguravam que passava tanta fome como os demais.

— Voltemos, então, atrás! — implorou Michel, pedido logo secundado por meia dúzia de companheiros, que acenaram vigorosamente. — Nada há neste lugar que nos interesse.

— Sim — acrescentou outro —, quando nos contratastes em Marselha dissestes que era uma expedição fácil: pilhar alguns navios espanhóis e portugueses, vender bugigangas aos índios e regressar, ricos! Mas...

— Exacto — cortou Cartier, um homem nervoso, de longa cabeleira

ruiva apanhada num rabo-de-cavalo, e que não conseguia manter as mãos quietas, que dardejavam entre o arcabuz, o nariz e o farrapo em que se tornara o gibão vermelho que tanto estimava, prenda do pai. — Estamos aqui há seis meses e nada encontramos.

— Nada encontramos, mas perdemos muito! — Michel retomou a palavra. — Roupa, armas, cavalos, munições, dedos, pernas, orelhas, olhos, amigos, irmãos, primos, filhos. Até o juízo alguns perderam! — apontou para o companheiro que procurava Jean entre as árvores na margem. — Será que não basta? Quando voltaremos? O Inverno já chegou há muito. Será necessário que as águas das chuvas nos arrastem de volta ao mar?

Todos se calaram e fitaram o capitão. Numa árvore ali perto, um macaco-uivador urrava sonoramente, como se também ele manifestasse o seu desagrado.

O interpelado tentou controlar a ira. Armara e apetrechara a nau por sua conta e risco, toda a sua fortuna fora investida naquela viagem. Regressar? O que o esperava? Uma matilha de credores que o atirariam para a prisão quando não lhes pagasse. Não, tal estava fora de questão. Tudo corra mal desde o início: apanhados numa tempestade, tinham-se visto obrigados a jogar fora a maior parte da mercadoria, destinada à troca com os índios do Brasil, ao se aperceberem que metia água; não só não tinham apesado nenhum navio português ou espanhol, como, ao largo da ilha de Trindade, tinham escapado por milagre a uma frota castelhana fortemente armada. Após querenarem a nau para reparar os estragos causados pela tempestade e pela batalha e ao constatarem que a reparação demoraria semanas, mandara construir uma chalupa. Movido pelo desespero, decidira explorar o rio Orinoco e os seus muitos afluentes na pequena embarcação, mais apropriada para a tarefa, pois podia ser impulsionada por velas ou por remos. Assim, partira em busca de um golpe de sorte, de uma fábula, de uma qualquer cidade de ouro perdida na densa selva. Era a sua derradeira oportunidade, a diferença entre uma vida de luxo ou no calabouço. E agora aqueles brutos queriam regressar? Só se o fizessem a nado!

— Homens, quando vos escolhi julguei que estava a recrutar guerreiros destemidos, que não virariam costas à primeira dificuldade. Deverei lembrar que os castelhanos que descobriram riquezas imensas partiram como mendigos e sofreram muito mais do que nós antes de Deus os recompensar? — subiu para um tronco caído, para dar mais ênfase às suas palavras. — Deverei mencionar que Cortés esteve várias vezes cara a cara com a morte antes de conquistar os Mexica? Quereis que relate os contratemplos que Pizarro passou antes de encontrar os Incas?

— Mas eles, ao menos, sabiam que havia ouro entre esses povos!

O protesto soou fraco e o capitão sentiu que a determinação dos homens

esmorecia. Todos conheciam aquelas histórias, em como um bando de vagabundos armados deparara com tesouros fabulosos. Felizmente que tendiam a esquecer que por cada aventureiro que enriquecia, centenas encontravam a morte. Ali, a fortuna de poucos era paga com a vida de muitos outros.

— E nós também sabemos que aqui o há!

Todos se calaram, expectantes.

— Quando Pizarro derrotou Atahualpa, um largo contingente de índios fugiu dos Andes e refugiou-se nestas selvas. Aqui fundaram um império a que chamam Paytiti.

Alguns homens bufaram de exasperação. Tinham ouvido aquela história muitas vezes.

— E depois da derrota dos seguidores de Almagro, ainda não há muitos anos — acrescentou o capitão rapidamente —, alguns deles estabeleceram-se no sopé da grande cordilheira, onde encontraram muito ouro!

— No leito de rios! Nos Andes! Bem longe daqui!

— Mas — atalhou o capitão, ainda com mais rapidez —, quando Orellana navegou por aqui, os índios falaram-lhe de reinos riquíssimos e um cacique, ao enumerar as tribos suas vizinhas, finalizou dizendo que eram todos filhos do Sol. Quereis melhor prova que se trata dos Incas, que o adoravam como a um deus? — empertigado, galvanizava-se a cada palavra. — Ele próprio terminou a viagem tendo em sua posse peças de ouro que comprovavam a existência desses reinos! E nós estamos aqui para os encontrar! Quem está comigo?

Se julgava que o discurso disporia os homens a seguirem-no cegamente, sofreu uma grande desilusão. Os marinheiros limitaram-se a fitá-lo com expressão enfastiada. Não era a primeira nem a décima vez que ouviam aquela ladainha.

— Esquecesteis-vos de referir que Orellana nunca contactou pessoalmente esses povos que cagam pérolas — troçou Michel.

Os homens riram e assobiaram, manifestando o seu acordo, e o capitão soube que a sua posição era precária, muito precária.

— Mas muitos índios confirmaram-lhe a existência do reino das Amazonas. Ele próprio as viu combater, altas e fortes, armadas com arcos e flechas, ao comando de vastos exércitos e a matar à paulada os que viravam costas à luta — insistiu, à beira do desespero. — E tal como elas são reais, também o lago de *El Dorado* o é, que...

— Capitão! Capitão! — interrompeu um homem baixo e com o corpo cheio de feridas, o resultado de ter caído num arbusto coberto de espinhos, numa expedição em busca de caça. — Estais enganado. Estou farto de vos dizer, esse lago é no reino de Nova Granada. Os índios Guatavita, que ali viviam, acreditavam que um deus, que mais não é que o próprio Demónio,

habitava nessas águas. Para o adorar, o cacique besuntava o corpo com óleo e espojava-se em ouro em pó. Depois, entrava numa canoa e, no centro do lago, oferecia-lhe ouro, esmeraldas e outros tesouros, malditos gentios. Deixaram de o fazer quando foram conquistados pelos índios Zita de Bogotá, algumas décadas antes da chegada dos Espanhóis. Por isso, como vedes, esse lago não é nesta região, mas mais para ocidente — apontou para diante, hesitou e, depois, ergueu o dedo na direcção oposta.

Os homens esforçaram-se por controlar o riso ante tão veemente conhecimento da história do Novo Mundo. Todos sabiam como ia acabar.

— E quem te contou isso? — ronronou um dos marinheiros.

— Foi um escravo negro que tive — explicou alegremente o interpe-lado, sem se aperceber de que estava a ser alvo de chacota. — Ouviu-o de um marinheiro que aportou em Marselha, que por sua vez soube por um soldado que estava com Pizarro durante a guerra com os infiéis, os Incas, que foi informado por um dos criados de Atahualpa, residente em Quito, que o soube por...

— Por uma prostituta portuguesa, que o ouviu da boca de um mouro de Arzila que o soube por um turco que se perdeu no regresso da mesquita e foi parar a Bogotá, tendo atravessado o Mar Oceano dentro de um barril?

Os homens desataram em grande risota e o marinheiro que partilhara o segredo do *El Dorado* enrubescceu e afastou-se, furioso. O capitão decidiu capitalizar o momento de boa disposição.

— Companheiros, não vos esqueçais que Alfinger, no ano de trinta, partiu de Coro, na Venezuela, em busca desse lago que todos sabemos ficar nestas selvas, e que essa viagem rendeu sessenta mil dólares. Ora, se cada dólar espanhol vale oito reais...

— Capitão — cortou Michel —, não vos esqueçais que esse cavaleiro regressou após três anos, depois de perder muitos homens para os mosquitos, fome, febre e índios, e que ele próprio morreu na sequência de uma ferida no pescoço resultante de uma dessas batalhas.

— S... sim, mas... mas convém então recordar que Fredeman partiu também de Coro em trinta e seis e que conseguiu chegar ao reino dos Chibchas, onde o saque das suas cidades rendeu uma fortuna imensa!

— Certamente, capitão. Mas também convém recordar que muitos homens morreram antes de lá chegarem, alguns deles levados pelos jaguares, e que esse reino de que falais rendeu de facto uma fortuna imensa, mas a Quesada e Belalcázar, os espanhóis que lá tinham chegado antes dele.

— Sim... claro — guinchou o capitão, à beira do desespero. — Mas também houve a expedição de von Hutten, em quarenta e um, que descobriu uma das cidades do reino de Omágua, possuidores de muito ouro e prata.

— Sim... claro — papagueou Michel. — Esses, em vez de regressarem

carregados de tesouros, fugiram escorraçados por uma horda de índios em fúria, que não gostaram que um bando de maltrapilhos tentasse assaltar o seu templo.

O capitão ia mencionar a expedição de Quesada mas resolveu não o fazer. Essa correria ainda pior que as outras. Olhou em volta, para as árvores, para um grupo de araras que passavam a voar, para o tronco enorme que barrava a parte navegável do... seria o Orinoco? Tinham passado tantos afluentes que já nem sabia em que rio estavam. Só sabia que já não dispunha de mais argumentos para contrapor e que não podia valer-se da sua autoridade, que os homens já não lhe obedeciam e que a perspectiva de serem executados, acusados de motim, soar-lhes-ia como uma libertação e não como um castigo. E talvez... talvez nem fosse má ideia regressar. O Inverno começara havia muito e as chuvas torrenciais... ainda mais torrenciais, tornavam a subida do rio uma tarefa hercúlea. Além disso, nada tinham encontrado, nenhum ouro, nada. Sim, era melhor abandonar aquela louca expedição, regressar à nau — os homens que nela deixara ainda lá estariam? Ou teriam partido, julgando-os mortos, após meio ano de ausência? — e rumar a... Onde? Para os braços dos credores e o aconchego do calabouço? Não, isso não. Ofereceria os seus serviços ao monarca castelhano ou português. Teria de esconder o facto de ser luterano, mas seria melhor que... Hesitou. Conseguiria praticar esse acto de traição? E a sua mulher e filhos? E...

— Capitão!

O interpelado e os homens, que aguardavam que o seu líder tomasse uma decisão, viraram-se. Na orla da floresta, estava Martin, um grumete de Barcelona que fora raptado pelos índios quando rapaz, numa das expedições que o capitão mencionara, e que este resgatara, já homem, para servir de guia e intérprete. Custara-lhe várias tesouras e anzóis e revelara-se de pouca utilidade, pois, poucas vezes, viajara para além da aldeia onde vivia e, como tal, não só não sabia onde se localizavam os reinos que tanto ambicionava encontrar como desconhecia a sua existência. Além disso, apesar de até à data ter demonstrado gratidão ao capitão por este o ter salvo, havia sempre o perigo de os atraiçoar aos seus compatriotas se a ocasião se propiciasse. Em suma, dera prejuízo.

— Que descobriste? — grunhiu Michel, com maus modos. Não gostava do companheiro.

— Mais adiante, há uma catarata que não conseguiremos transpor...

O marinheiro não conseguiu esconder um sorriso triunfante.

— Então, não nos resta alternativa a não ser regressar. Concordais, capitão? — cantarolou.

— ... Mas descobri um trilho que entra na floresta e que talvez valha a pena seguir.



Michel fulminou o catalão com um olhar homicida.

— Magnífico! — guinchou o capitão. — Quem sabe, não nos levará a um tesouro fabuloso! — levantou a mão para impedir o protesto de um dos homens. — O tesouro dos Incas encontrava-se no fim de um caminho de cabras. Vamos!

Agarrou Martin pelo cotovelo e incitou-o a indicar o caminho. O espanhol avançou até ao arvoredo e deixou-se engolir pela vegetação. Alguns homens, depois de curta hesitação, seguiram no encalço, a discussão de momentos atrás completamente esquecida. A resmungar entredentes, Michel chamou quatro companheiros, regressou à embarcação, distribuiu arcabuzes, pólvora, bestas e setas, vasculhou alguns caixotes e barris em busca de mantimentos, nada encontrou e, sem deixar de praguejar, desembarcou e seguiu os restantes.

Assim que se embrenhou entre o arvoredo, sentiu-se como se o tivessem tapado com um cobertor. O ar denso e abafado sufocava-o, o calor cozia-o vivo, a humidade fazia-o transpirar profusamente. Mas mais perturbador foi constatar que o trilho se resumia a ocasionais galhos partidos e a um ou outro vislumbre de pegadas. Após alguns passos, já não fazia ideia onde se encontrava, já não saberia regressar ao rio, se o desejasse. O pânico começou a tomar o controlo e respirou fundo, tentando acalmar-se. Estugou o passo e alcançou a retaguarda da coluna. Mais tranquilo por estar de novo com os companheiros, deixou-se conduzir por aquele labirinto de verde.

Caminharam durante horas, tropeçando em raízes, escorregando em folhas, esbarrando contra galhos. Ocasionalmente, um deles soltava um sonoro urro e sentava-se agarrado ao pé, gemendo de dor.

— Cuidado onde pisam — avisou Martin, enquanto arrancava mais um espinho, com a ponta de uma seta. — Há cobras aqui, muitas delas venenosas.

Michel caminhava de olhos pregados no chão e mente a deambular pelas tabernas e bordéis de Marselha. Atravessou mais uma teia de aranha que lhe barrava o caminho e estacou de súbito.

— Porque paraste? — resmungou o companheiro atrás, mal-humorado.

O francês não respondeu. Com a ponta do arcabuz levantou uma folha no solo. Nada. A disposição da vegetação fizera-o ver ali uma cobra pronta a atacar.

— Porque vi uma índia nua e com as pernas abertas — resmungou, igualmente irritado.

A caminhada prosseguiu. A certa altura, atravessaram um tronco escorregadio empoleirado sobre um regato, sinal que Martin entendeu como



estando no caminho certo, acompanharam o curso de água durante alguns passos e, depois, sem motivo aparente, o espanhol virou e internou-se entre a vegetação. Michel começou a notar, com algum nervosismo, que a pouca luz que as árvores permitiam que chegasse ao solo ia diminuindo e temeu terem de passar a noite ali. Somente uma vez, pernoitara na selva e jurara que fora a última. Passara a noite acordado, aterrorizado com os urros do jaguar que não cessara de rondar o acampamento, para de manhã constatar que tinham sido os mosquitos a banquetear-se com o seu sangue.

Um pássaro cantou nas árvores, mais um som entre muitos outros, mas Martin estacou e ficou à escuta.

— Estamos a chegar a uma aldeia.

Michel bufou de desprezo, alto o suficiente para se assegurar de que o guia o ouvia. Um pássaro que avisava quando uma povoação estava próxima? Ridículo.

— Será a tal tribo de anões, mistura de índios e macacos, de que nos falaram? — perguntou um homem, ao mesmo tempo que empunhava a faca e mirava a selva com expressão desconfiada.

— Ou, talvez, os selvagens com os pés virados para trás, para enganar os perseguidores.

— Quem sabe...

De súbito, começou a chover e o comentário perdeu-se em meio ao matraquear da água, que caía em catadupa. O espanhol fez sinal para prosseguirem.

Por fim, quando a falta de luz e a torrente de água faziam Michel tropeçar a cada passo, chegaram a uma clareira onde cresciam diversas plantas e árvores que não ofereciam dúvidas de terem sido plantadas por mão humana. Mais adiante, erguia-se uma barreira de troncos de palmeira, amarrados entre si por lianas, com mais de dez pés de altura.

— Uma paliçada! É aqui — o entusiasmo do capitão era evidente. — Que estará do outro lado?

Michel olhou para os troncos e não viu ouro, prata ou pedras preciosas embutidas. Preparava-se para fazer notar tal facto quando a chuva cessou abruptamente e as nuvens abriram para revelar um céu tingido de vermelho. Ao longe, o Sol agarrava-se teimosamente ao horizonte, não desejando retirar-se sem também ele vislumbrar o tesouro que se encontrava no interior da fortificação.

Martin aproximou-se de uma pequena abertura e retirou os arbustos que a cobriam, que restolharam ruidosamente, como que indignados pela perturbação. De seguida, afastou-se e... todos se imobilizaram, olhos fixos na estreita passagem.

— Cambada de cobardes! — rosou Michel.

Curvou-se e espremeu o seu corpo musculado por entre a abertura. Ficou entalado nos troncos, praguejou, torceu-se, desequilibrou-se e caiu para a frente. As suas narinas foram tomadas de assalto por um fedor a sujidade e vegetação podre. O seu estômago tentou rebelar-se contra semelhante pivete, mas sem êxito, pois nada dispunha para jogar fora.

Levantou os olhos e deparou com dezenas de homens nus, entroncados, cobertos de suor e de semblante carregado. As suas vestes resumiam-se a fios de algodão ao redor dos pulsos, tornozelos e cintura. Das narinas da maioria, escorria uma baba verde que nalguns tombava até ao peito. Outros tinham bocados de tabaco entalados entre os lábios, o que lhes conferia um aspecto ainda mais grotesco, deformado. Como toque final, cada um apresentava o prepúcio amarrado ao fio de algodão que lhe envolvia a cintura.

Mas a Michel, todos estes pormenores lhe escaparam. Os seus olhos não se desviavam dos arcos que empunhavam e das longas flechas que deles saíam, prontas a disparar.

E todas apontadas ao seu peito.

## CAPÍTULO 2

### CONGO

AS MULHERES REVOLVIAM PREGUIÇOSAMENTE A TERRA COM RUDES ENXADAS de madeira, debaixo do Sol abrasador. Outras deambulavam por entre pequenas plantações de inhame, milho, feijão macunde, ervilhas e luco ou dedicavam-se, simplesmente, a apanhar cogumelos, frutos e tudo o que julgassem comestível, para colmatar o pouco que as suas pequenas hortas produziam, nem sempre o suficiente para sustentar as suas famílias. Mais adiante, um grupo de aldeões fazia uma queimada para livrar um pequeno terreno do capim que o invadira e, ao longe, um homem, empoleirado no topo de uma palmeira, esforçava-se por fazer um furo no tronco. Dali, jorraria um líquido semelhante ao leite, no início doce, mas que amargaria com o passar dos dias. Era a bebida que servia de vinho aos nativos. Apesar de estar há poucas semanas no reino, Afonso já sabia o quão essencial era a palmeira para os nativos: comiam os seus frutos assados ou simplesmente crus, ou deles extraíam óleo para temperar a comida e untar os corpos, da seiva faziam vinho e vinagre, as folhas e ramos eram utilizadas para a construção das habitações e diversos utensílios.

Bebeu um pouco de água, puxou o chapéu mais para diante, para se proteger do Sol impiedoso, e continuou a sua contemplação.

Vislumbrou um carreiro que partia do caminho principal e que serpenteava por entre as suaves encostas dos montes, no fim do qual, lá ao longe, se estendia uma pequena aldeia. Construída propositadamente longe do caminho, as suas casas — rudes cubatas rectangulares, que se resumiam a paus espetados no solo e cruzados entre si, amarrados por lianas e cobertos de capim — eram circundadas por sebes construídas de maneira que se formasse um pequeno labirinto, protecção necessária contra intrusos de duas e quatro pernas.

Afonso tropeçou numa pedra e soltou uma imprecação. O Sol amolecia-o, a visão daqueles corpos seminus — a única peça que os Congueses usavam como vestuário era um pedaço de tecido tosco feito de folhas, preso à cintura e que caía até ao meio das pernas —, brilhantes do suor e óleo de palmeira, distraíam-no. Os seios saltitantes das mulheres eram

anzóis para o seu olhar e faziam com que o seu corpo fosse percorrido por arrepios de excitação: havia muito tempo que não saciava o seu apetite sexual. Toda aquela cena tranquila e pacífica toldava-lhe o espírito e fazia-o sentir-se seguro e embalado, como se ali nada de mal pudesse ocorrer, como se aquele vale estivesse a salvo da guerra, peste e outras calamidades, um oásis num mundo cruel e implacável. Fechou os olhos e saboreou aquela paz eterna, aquela...

Um estrondo ensurdecedor atravessou o ar, quebrando o feitiço, e fazendo homens e mulheres debandarem em todas as direcções, aterrorizados.

— Fugam, pretos!

O pai. Segurava ainda o arcabuz fumegante e estendia um punho para os congueses em fuga.

Afonso encolheu-se e tentou passar despercebido. A viagem ao interior, à região de Pumbo, para lá do reino do Congo, revelara-se um fiasco. Tinham ocorrido a um dos grandes mercados lá realizados na esperança de comprar escravos para embarcar para São Tomé e daí para o Novo Mundo, mas, uma vez chegados, haviam deparado com um cenário inusitado: não havia mercadoria que comprar. Um dos negociantes negros informara-os de que, na última semana — que para os Congueses é constituída por quatro dias —, vários mercadores do Congo tinham adquirido quase todos os escravos que se encontravam à venda. O pai ficara siderado. Calcorreara o mercado, várias vezes, como se não acreditasse e tencionasse descobrir o local onde os tinham escondido, mas acabara por se ver forçado a reconhecer a futilidade dos seus esforços e a aceitar o fracasso. Liderados pelo pai mal-humorado, acompanhados pela meia dúzia de escravos que tinham, miraculosamente, achado à venda quando já se preparavam para desistir da busca, e vigiados pela escolta que velava pela segurança do grupo, caminhavam lentamente de volta a Pinda.

— Mexe-te, besta estúpida — rosnou o pai para uma das mulas que transportava os tecidos e roupa tão do agrado dos nativos. Regressava tão carregada como quando partira, um facto que recordava o fiasco da viagem e que acentuava a irritação do homem mais velho.

Afonso tentou deixar-se ficar para trás discretamente. Sabia que o pai procurava um bode expiatório e não pretendia ser escolhido — de novo — para o papel.

Admirou a graciosidade com que uma águia deslizava pelo céu e o azul infinito fê-lo recordar o mar que embalava a sua adorada ilha de São Tomé, onde nascera e crescera. Passara a infância e adolescência entre a capital da colónia portuguesa, Povoação, e a fazenda do pai, onde cultivavam a cana-de-açúcar destinada ao fabrico de pães para exportação. Era o seu mundo, o seu reino, onde ocupava o tempo em “conversação” com as escri-

vas negras, a estourar a fortuna paterna em jogos de azar com os amigos, a pescar nas águas límpidas, a...

Sufocou um soluço. Fora arrancado a essa existência idílica quando o pai interrompera um dos seus longos períodos de ausência ao aparecer de súbito e decretar que, dentro de dias, regressaria ao Congo e que Afonso o acompanharia. De nada valeram as súplicas da mãe, que implorara que não levasse o seu único filho para longe dela e alegara que era ele quem zelava pelo bom funcionamento da fazenda e que, na sua ausência, iriam à ruína. O pai bufara de desprezo e declarara que quem geria a imensa plantação era o negro forro Matias, que a única utilidade do filho era gastar o dinheiro que tanto lhe custara a ganhar, que já era altura de fazer dele um homem, pois, um dia, haveria de herdar tudo, e que, se queria que se tornasse num bom comerciante, teria de o levar para onde se faziam bons negócios, que era no Congo, com o seu comércio de escravos. As lamúrias e preces da mãe, que se queixara e choramingara ininterruptamente, nos dias seguintes, nenhum efeito haviam produzido no homem, que... Na verdade, corrigiu-se, tiveram o condão de o irritar e de o fazer espalmar com grande estrondo a mão no tampo da mesa e urrar que, já que não queria separar-se do seu bebé, que fizesse as malas, que ela e as duas filhas iriam também. E assim...

— Afonso!

O rapaz estremeceu. Não se apercebera de que o progenitor se colocara a seu lado. Fitava-o como um gato diante de uma bancada atulhada de peixe fresco. Duarte, um escravo negro que acompanhava o pai desde que se lembrava, arreganhara os dentes, divertido, ajeitou o barrete vermelho do qual não se separava nem para dormir, e aproximou-se discretamente para ouvir. Ambos sabiam que o pai encontrara o seu bode expiatório.

— Fala-me do Congo. Conta-me a sua história — ordenou aquele, ao mesmo tempo que vergastava o ar com um pequeno pau, como que a testá-lo.

Afonso engoliu em seco. Sabia qual o castigo caso se enganasse.

— Be... bem... Diogo...

— Fala mais alto! — rosnou o pai.

— Diogo Cão chegou ao rio Nzadi, ao qual nós chamamos Zaire, em oitenta e oi... oitenta e quatro...

— Oitenta e dois.

— E dois, e dois. Aí, tendo sido bem recebido pelos Congueses, resolveu deixar alguns portugueses para explorar o reino e recolheu alguns nativos, sob a promessa de os devolver ao fim de catorze luas.

— Quinze!

— Sim, sim. Quinze. Sim. Rumou a Portugal e ao regressar ao Congo constatou que os portugueses que deixara tinham sido bem tratados pelo

monarca do reino. El-rei decidiu, então, enviar uma expedição com fidalgos, missionários, artífices e outros para proceder à conversão dos gentios e estabelecer os portugueses no reino. A princípio...

— Em que ano foi isso?

— Mil quatrocentos e... noventa.

O pai grunhiu em assentimento e fustigou o lombo da mula com o pau, como que decepcionado por o filho ter acertado na resposta.

— A princípio tudo correu bem, eram baptizadas milhares de pessoas por dia, os congueses aderiam com entusiasmo à verdadeira fé. Até o rei do Congo foi baptizado e recebeu o nome de Dom João. Mas, depressa, o furor religioso esmoreceu, quando as pessoas...

— Os pretos estúpidos!

— ...Quando os pretos estúpidos perceberam que a nova religião impunha regras contrárias aos seus costumes ancestrais. Quando Dom João faleceu, est...

— Em que ano?

— Em mil quinhentos e... e...

O pau desceu, desta vez nas costas de Afonso, que suportou a pancada com um esgar de dor, mas sem um queixume.

— Seis! — rosnou o pai.

— Seis. Pois. Quando Dom João faleceu, estalou uma guerra civil entre uma facção que apoiava a nova religião e outra que defendia os valores tradicionais e que comparava os brancos aos bruxos, semeadores do caos, que tanto temem. A...

— Gentios! — urrou o pai, rubro de indignação. O escravo Duarte afastou-se apressadamente, para longe do bastão. — Isso era somente uma desculpa. Apesar de dizerem que o novo rei é eleito, a transição nunca é pacífica, a sucessão acaba sempre por ser decidida pela força. Mesmo sem a nossa presença, haveria sempre uma guerra entre os pretendentes. Continua!

Afonso demorou a perceber que a última palavra lhe era dirigida. Pigarreou e prosseguiu:

— A vitória coube a Dom Afonso, que, apesar de comandar tropas inferiores em número, conseguiu derrotar o seu rival, Mpanza a Nzinga.

— E como?

— Durante a batalha, quando Dom Afonso invocou Santiago, uma cruz branca e um exército de cavaleiros apareceram nos céus. O inimigo fugiu, em pânico, e Mpanza foi capturado e executado.

O pai acenou a sua aprovação e Afonso prosseguiu a narrativa.

— O reinado deste bondoso e devoto rei, que mandou queimar uma infinidade de ídolos, estendeu-se até quarenta e quatro...

— Três! — o erro foi corrigido com uma paulada nas coxas do filho. — Será que não prestas atenção a nada do que te dizem? E não era bondoso e devoto. Era um fraco, que passava a vida a queixar-se dos excessos dos portugueses, em especial dos de São Tomé — abanou a cabeça, indignado, como se o monarca se referisse a ele especificamente. — E ainda teve o descaramento de solicitar a el-rei o envio de frades de bons costumes, que os que na altura cá viviam se dedicavam a práticas pouco cristãs, que traficavam escravos e viviam com mulheres. Um preto a julgar os homens de Deus!

O pai calou-se e Afonso hesitou. Após curta deliberação, decidiu que seria melhor retomar a narrativa.

— Seguiu-se Dom Pedro, que reinou somente dois anos e que foi deposto por Dom Diogo, o rei actual, após mais uma guerra que durou dois anos.

Aquela era a história do reino até à data. Calou-se e aguardou o veredicto do pai. Este, inflamado com a história, tomou a palavra.

— Sim, esse gentio ingrato que não reconhece nada do que fizemos pelo reino e pelas suas gentes e que nos insulta com as suas decisões — irritado, agitava vigorosamente o pau, o que fez com que Afonso e Duarte se afastassem sub-repticiamente. — Sabias que enviou um embaixador a el-rei solicitando que os portugueses abandonassem a capital, Mbanza Congo, e o resto do território e se confinassem ao porto de Pinda? E que tentou estabelecer relações directas com a Santa Sé, desrespeitando o nosso direito de padroado? Pior — agarrou o filho por um braço, para o alertar para a enormidade do que se seguia —, aos poucos, vai limitando a actividade dos missionários e, assim, tolhendo a propagação da palavra do Senhor. Estes gentios não têm salvação, preferem manter as suas práticas infernais a abraçar a verdadeira fé — meneou a cabeça, desolado.

Afonso abriu e fechou a boca, encolheu os ombros e mexeu-se, inquieto. Não sabia que responder. Mas não foi necessário fazê-lo. A indignação do pai cavalgava descontrolada.

— Trouxemos a civilização e a salvação a estes pretos, mas de nada serviu. Se têm comida, enchem a panela sem armazenar para o dia seguinte — esticou o indicador e começou a contar pelos dedos. — Tentámos ensiná-los que o herdeiro é o filho mais velho, mas para eles somente os descendentes da mãe contam. Assim, sempre que el-rei morre, o reino cai em guerra, cobiçado pelos irmãos, sobrinhos e tios, todos parentes da mãe do monarca. Quanto derramamento de sangue evitariam, se fizessem subir ao trono o filho primogénito do defunto. De resto, só os descendentes da mesma mulher, o clã, como lhes chamam, têm importância para os pretos. Pouco valor dão à autoridade real. Há mesmo chefes de aldeias que se esquecem de enviar tributo! Esquecem-se! Não se recordam da existência

d'el-rei! — levantou outro dedo e prosseguiu — Mas não é somente isso. Que dizer do costume de matarem algumas das escravas dos chefes que morrem, para que o continuem a servir no além? Devem precisar de alguém que rode o espeto onde o Diabo os enfia quando chegam ao Inferno! E as suas danças? Obscenos! Sujas! Parecem cães e cadelas no cio! E os feiticeiros que tanto veneram? Adoradores do Demónio! — neste ponto já o pai tinha passado para os dedos da outra mão. — E que dizer do rito da circuncisão? Judeus, é o que são! Haverá maior prova que são gentios? E quanto a essa pretensa conver...

Um forte ataque de tosse cortou-lhe a palavra. Afonso não se atreveu a falar. Conhecia aquele discurso: o pai ainda não terminara e era melhor não o interromper. Um movimento mais adiante, entre as árvores, chamou-lhe a atenção. Vislumbrou um homem que estudava atentamente o terreno e o arvoredo.

— E quanto a essa pretensa conversão — prosseguiu o pai, imparável —, quando se aperceberam, como disseste, que só podiam ter uma esposa, perderam a fé imediatamente. Na verdade, as próprias mulheres, julgando-se despeitadas, amaldiçoaram a nova religião, os padres, os brancos, enfim! É verdade que acreditam num só Deus, mas julgam-no inacessível, tão acima dos homens que está para além de qualquer prece ou adoração. Em vez disso, convenceram-se de que o mundo está povoado de espíritos. Adoram-nos, fazem-lhes sacrifícios e oferendas, veneram o culto dos mortos, dos antepassados, que julgam habitar em aldeias subterrâneas e influenciar o destino dos vivos...

Afonso, a quem as longas tiradas do pai aborreciam, deixara de ouvir havia muito e seguia, fascinado, os movimentos do homem entre as árvores, que subira a um ramo e pendurava algo que não conseguia perceber do que se tratava. Uma cacetada nas coxas fê-lo despertar.

— Agora percebo porque é que não sabes responder ao que te pergunteo — sibilou o pai. — Não prestas atenção. Olha ali.

Afonso seguiu a direcção do dedo esticado. Apontava para um campo cultivado.

— Onde? — perguntou timidamente.

O pai bufou de frustração.

— No meio do campo! Que vês?

Nada.

— Vejo um... bem... um... arbusto?

— Precisamente — Afonso ficou aliviado por se ter livrado do castigo, sem compreender muito bem como acertara na resposta. — Dizem que ali habita um espírito com forma de serpente, chamado Uri. Não limpam a vegetação no centro do terreno, pois julgam que lhe serve de abrigo, e,



quando cultivam o campo, juntam-se em redor, oferecem sacrifícios ao Demónio e pedem chuva e uma boa colheita. Gentios! Tais práticas só lhes garantem entrada directa no Inferno. Mas julgas que se preocupam? Não! E porquê? Porque, quando morrem... Mas, afinal, para onde estás a olhar tão atentamente?

Afonso, apanhado novamente distraído, limitou-se a apontar com um dedo trémulo.

Todos pararam para observar o homem que, tendo pendurado algo nos ramos, descia agilmente a árvore.

O pai suspirou.

— Já devias saber do que se trata — lastimou-se. Virou-se para Duarte e ordenou:

— Explica-lhe.

O negro rodopiou o barrete vermelho entre as mãos, presenteou Afonso com um sorriso desdentado, e disse em voz rouca:

— Pendurou um pedaço de carne envenenada numa árvore para matar um leopardo, senhor.

O escravo e Afonso fitaram-se em silêncio. Era óbvio que o negro considerava a explicação suficiente, mas o rapaz nem sequer sabia o que era um leopardo. Foi salvo de mais uma situação embaraçosa por um restolhar entre as ramagens.

— Quietos! — sussurrou Duarte.

Os guerreiros que compunham a escolta empunharam nervosamente os arcos e apontaram-nos para a vegetação. O pai acendeu a mecha do arcabuz e elevou a arma. Seguiram-se momentos de tensão, em que os ramos se mexiam como que sacudidos por uma mão invisível. Muito tempo passou, até um monstro cinzento, enorme, com um longo corno encimando uma cabeça onde um par de pequenos olhos brilhavam com ferocidade, fazer a sua aparição.

— Um rinoceronte — sussurrou Duarte. — Baixem as armas e mantenham-se quietos.

O animal meneou a cabeça e resfolegou. Afonso olhou em redor, em busca de uma árvore para trepar, ao mesmo tempo que se interrogava se o animal não veria os homens mesmo à sua frente, a pouco mais de um tiro de besta.

— Vê muito mal — explicou Duarte, como se pressentisse as dúvidas do rapaz. — Se carregar, mantenham-se quietos e ele, talvez, falhe.

Talvez?

Não foi necessário testar a pontaria do rinoceronte. O animal virou-se vagarosamente e embrenhou-se entre a vegetação.

Os homens suspiraram de alívio e Duarte voltou a colocar o barrete

vermelho na cabeça. Afonso interrogou-se se a intenção do negro fora tourear o animal, caso este tivesse investido.

O pai ia dar ordem para retomar a marcha quando um gesto de Duarte o fez imobilizar-se. O escravo aproximou-se do homem branco e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Depois de uma curta troca de palavras, o negro fez sinal a dois homens da escolta e, juntos, internaram-se entre o arvoredo. Afonso ia interrogar o pai quando este, com um gesto brusco, lhe indicou que devia permanecer em silêncio. O tempo arrastou-se, em que ninguém, escravos e guerreiros, se atrevia a falar, enquanto... Enquanto o quê? Afonso não sabia. Que se estava a passar? Porque tinha Duarte...

— Acorda e vem connosco — sibilou o pai.

A sua voz, apesar de reduzida a um leve murmúrio, quase inaudível, ainda assim carregava o tom de censura que tantas vezes ouvira nos últimos tempos.

Em silêncio, os escravos adquiridos no mercado e dois guerreiros afastaram-se na direcção contrária, enquanto o pai, Afonso e os demais se dirigiam à orla da floresta, de onde Duarte lhes acenava. Silenciosa e rapidamente, o homem mais velho distribuiu três arcabuzes entre o escravo e dois outros guerreiros, assim como munição e pólvora. Afonso sentiu um leve ressentimento por o pai não acreditar nele a ponto de lhe confiar uma das armas.

Em fila indiana, seguiu os outros por entre as árvores, sem saber onde se dirigia ou o que o esperava no fim da caminhada. Homens? Animais? Talvez um daqueles formidáveis elefantes, bestas gigantescas e estranhas, mas cujos dentes de marfim eram tão cobiçados pelos Portugueses. Ou será que era o tal leopardo, um animal que nunca vira, mas que todos temiam? Sentiu a curiosidade arder e desejou...

Estacou a tempo de evitar chocar com o homem da frente, que parara sem que se apercebesse. Corou, olhou em redor e verificou, com alívio, que o pai não notara que o filho se encontrava, mais uma vez, a “sonhar acordado”. Os homens dispersaram e cercaram uma clareira entre as árvores onde fora montado um acampamento para a noite que se avizinhava. No centro, ardia uma pequena fogueira onde estavam pousadas duas panelas de barro e o odor a guisado de peixe seco, sem dúvida a nadar em espesso molho de óleo de palma, recordou-lhe que havia muitas horas que nada comia. Não que apreciasse a comida demasiado condimentada e oleosa que os Conguezes tanto gostavam, mas...

Um restolhar à sua esquerda fê-lo virar rapidamente a cabeça e segurar a espada com firmeza. Um negro deixava o acampamento e dirigia-se à floresta, em busca de lenha. Pelo canto do olho, notou o sinal que o pai fez a um dos guerreiros para o seguir. Voltou a concentrar a atenção no grupo e

reparou que mais de cem se encontravam amarrados pelo pescoço a longas varas, escravos, portanto. Somente cerca de dez eram homens livres, quase todos armados com arcos e flechas. Os cativos fitavam tristemente o fogo, como se não acreditassem que o seu destino, a sua vida, já não lhes pertencia. Vira aquela expressão, muitas vezes, nas fazendas de São Tomé. Por ela, conseguia dizer quais os que já se tinham resignado à sua sina e quais os que nunca a aceitariam, que fugiriam à primeira oportunidade. Orgulhava-se de, poucas vezes, se ter enganado. Segundo lhe ensinara o pai, no reino do Congo a escravatura era uma instituição aceite e natural para os nativos. Um homem livre podia tornar-se escravo a título de indemnização por um crime cometido, para servir de garantia de dívidas ou se capturado na guerra ou numa emboscada. A chegada dos Portugueses, no entanto, viera alterar a situação. As fascinantes mercadorias que o homem branco trouxera cedo se haviam tornado alvo de cobiça de todos e se, no início, somente os grandes chefes podiam adquiri-las, por possuírem muitos escravos para dar em troca, depressa aldeias inteiras se haviam mobilizado e emboscado povoações de clãs diferentes para os aprisionar e fazer negócio com os brancos, sempre ávidos de mão-de-obra.

Sentiu um toque no cotovelo e deparou com Duarte. O negro, sorridente, apontava para diante.

Iam atacar.

## CAPÍTULO 3

### PORTO

— ACASO, DESDE QUE AQUI VINDES, VOLTASTES A SOFRER DE LUME NOS OLHOS?  
— sibilou Jorge Vicente, brandindo a tesoura demasiado perto do homem diante de si, que se encolheu.

— Não... O que eu quis dizer...

— A mezinha que vos recomendei da última vez não surtiu efeito?

— Sim, claro. As minhas costas nunca mais...

— Aí tendes. E sabeis que Francisco Magalhães — apontou a tesoura para um homem encostado à parede, entretido a limpar as unhas com uma faca —, não voltou a sofrer de febre desde que cá vem para eu o sangrar? E que, da única vez que faltou, caiu doente?

— É verdade — aquiesceu aquele, divertido.

— Pois claro que é verdade — continuou Vicente, enquanto abria e fechava furiosamente a tesoura junto às orelhas do cliente, que cada vez deslizava mais na cadeira. — Recomendei que cá viesse ser sangrado: em Março e Abril, para prevenir o lume nos olhos; em Maio, para a febre; em Outubro, para os maus humores, e...

— Claro, claro — cortou o homem sentado na cadeira, em tom apaziguador. — O que eu quis dizer quando mencionei o exame...

— O exame! — guinchou Vicente. Seguiu-se uma longa série de acrobacias da tesoura que fizeram com que o outro cobrisse as orelhas e olhos com as mãos. — Deixai-me falar-vos desse exame! Sim, é verdade, reprovei. Não me concederam carta de prática de físico. Mas sabeis porquê? Porque quem me examinou era cristão-novo!

Os clientes fitaram-no com expressões de incompreensão.

— Era um judeu, um falso convertido! Reprovam os cristãos-velhos para que as mercês e privilégios da profissão recaiam sobre essa raça de... de...

À falta de palavras, a tesoura descreveu duas voltas sobre as orelhas do cliente, como uma ave de rapina antes do ataque.

— E como sabeis isso?

— Porque aviou uma receita para um doente à minha frente, em latim

— rugiu Jorge. — Mesmo sabendo que as leis obrigam que sejam passadas em português.

Os ouvintes entreolharam-se, perante tão incompreensível argumento.

— Então, não sabeis que é desta forma que os físicos e boticários, cristãos-novos, envenenam os cristãos, velhos!? — trovejou o barbeiro.

Francisco aproveitou a deixa para filosofar.

— A seguir a Deus, são os boticários que têm a nossa vida nas suas mãos.

— E vós tínheis em vossas mãos uma excelente oportunidade para estar calado — ladrou Jorge.

O interpelado sorriu com prazer e voltou a atacar as unhas sujas de terra.

— Mas vós próprios dissestes que estáveis nervoso durante o exame...

— Sim, é verdade que me enganei — admitiu Jorge, contrariado. — Já era Abril e eu sangrei o paciente na veia da cabeça em vez de na arcal. São ambas no braço direito e, com o nervosismo, confundi-as. Também tirei quatro dedos de sangue, quando o recomendado são três. Por outro lado, não me lembrei de dizer que a posição da Lua era a adequada e que aquele não era um dia nefasto. Assumi que era óbvio e que não eram necessárias explicações. O maldito judeu, que Deus o leve, ficou a pensar que eu era um charlatão, que... que...

A fúria fez com que o barbeiro se atrapalhasse com as palavras e continuou a sua argumentação gesticulando largamente com a tesoura, para desespero do cliente diante de si.

— Mas isso não era motivo para me reprovar! — guinchou, depois de se sentar e respirar fundo algumas vezes. — Ele devia... devia ter-se apercebido que fora o nervosismo que me fizera errar e... Não é justo e o Senhor...

Calou-se, irritado por compreender que o que dizia não fazia sentido. O exame fora no ano de quarenta e quatro e, no seguinte, o rei Dom João III ordenara que só poderia exercer a profissão quem fosse licenciado em artes e tivesse oito anos de estudo de medicina na Universidade de Coimbra. Para Vicente, fora o golpe final, pois não reunia aqueles requisitos. Incapaz de conter a revolta, voltou à carga.

— Francisco, quando Nuno Sá apareceu aqui doente, rosto inchado e dorido, mão esquerda sobre o peito e sempre a tocar no nariz, não disse que Deus o levaria brevemente?

— Decerto.

— E que lhe aconteceu?

— Morreu passada uma semana.

— Isso — respondeu o barbeiro com um sorriso, contente por a morte não o ter deixado ficar mal. — E quando...

— Bons dias! Que Deus vos salve e alumie neste magnífico dia.

Todos se viraram. Emoldurado pela porta, encontrava-se uma figura robusta e avantajada. Era o padre João Cunha, que sorria abertamente, braços estendidos como se esperasse que todos corressem para lhe pedir a bênção.

— Bons homens, quantas pessoas tenho à minha frente?

— Se vossa mercê quiser, posso ceder-vos o meu lugar — ofereceu Francisco.

— Nem por sombras, senhor. Já São Paulo dizia: “O pobre e o rico esperarão lado a lado que Deus os chame, cada qual na sua vez”.

— Este cliente — Jorge indicou o homem diante de si — está a terminar, aquele vem pentear, frisar e perfumar o cabelo e a barba e Francisco vem para ser sangrado. Diria — efectuou um cálculo rápido — mais umas duas horas.

— Muito bem, bom samaritano. Voltarei daqui a pouco, então. Vou ouvir em confissão uma paroquiana. Bons dias vos dê Deus.

E saiu para a rua.

Estava na Ribeira. Diante de si, estendia-se o Rio Douro, polvilhado de botes, barcaças e caravelas. Atrás, a cidade trepava as colinas da Sé e Vitória, como que numa corrida para atingir a muralha no alto.

Foi para lá que o padre se dirigiu. Embrenhou-se por entre as ruas estreitas e sinuosas, esquivando-se com ligeireza aos cães, gatos, porcos e galinhas que passeavam tranquilamente pelas ruas, evitando habilmente os montes de esterco, bosta e animais mortos espalhados por todo o lado.

Passou por uma fogueira que ardia diante de uma casa, onde na semana anterior uma família morrera devido a um surto de febre.

— Que o Altíssimo abençoe esta fogueira e o alecrim que utilizais para defumar esta casa e purificar a rua, que o Demónio fuja ante as vossas orações e que os antigos moradores encontrem a paz na vida eterna. Já Jacob dizia: “Quem crê em Deus terá a salvação.”

— Obrigado, padre — respondeu um dos homens que se atarefava de volta do fogo, o irmão do falecido.

Continuou o seu caminho, esquivou-se agilmente a um chuveiro de urina, proveniente de uma janela no primeiro andar e parou ao ouvir um grande tumulto.

— Ide-vos daqui! — gritava um mendigo andrajoso, de longas barbas brancas e olho vazado, para outro que passava. — Já diz o ditado «nem velho soldado nem velho namorado». Ide a Lisboa mendigar uma tença a el-rei.

O visado abria e fechava os punhos, hirtido de raiva. Antes que pudesse responder, João Cunha interveio.

— Porque ofendeis este bravo cristão? Não conheceis igualmente o

provérbio que diz «velho soldado vale muito»? Não vos recordais do que Deus disse a Moisés? «A vossa espada será a minha espada, o vosso escudo será o meu escudo, quando erguerdes o braço, o meu se erguerá e juntos expulsaremos os Infiéis da Terra Prometida.» Este homem — João Cunha abraçou o soldado maltrapilho — combateu os mouros em África e na Índia, arriscou a vida pela fé e pela coroa. E se o Senhor já lhe reservou um lugar à sua direita, não ficaria mal a el-rei recompensar os esforços e sofrimento de quem lhe prestou bons serviços.

O mendigo carregou o sobrolho e fitou o solo, em contrariado silêncio.

— Tomai, tomai uma moeda, bom homem — continuou o padre —, e lembrai-vos, sempre que a olhardes, que vo-la dei a troco de nada, mas que outros verteram sangue e nada receberam. Que Deus vos proteja e abençoe, a ambos.

Prosseguiu o seu caminho, desviou-se para deixar passar um carro de bois, cumprimentou um escravo que corria ao mercado de peixe e acercou-se de dois homens que murmuravam entre si, num vão de porta.

— Meus amigos, meus companheiros — cumprimentou. Ambos se voltaram de uma assentada, assustados com a aparição repentina do clérigo. — Deverei preocupar-me por vos ver em tão grande conspiração? Espero que não estejais de novo a cair em tentação. Lembrai-vos que jogar a dinheiro é pecado e que sempre que recebeis uma carta do baralho, o Diabo recebe mais um pedaço da vossa alma — olhou de um para o outro e, como se limitavam a fitar as mãos, envergonhados, concluiu com um provérbio:

— «A grão gastador, o muito não basta, a grão poupador, o pouco sobeja.» Que Deus vos proteja da tentação.

Passou por uma padeira que apregoava as suas fogaças, cumprimentou um grupo de lavadeiras que, carregadas de roupa suja dos clientes, se dirigia para o Rio da Vila, um pequeno regato que corria entre as duas colinas. Ouviu-as amaldiçoar um mulato, vindo da Rua das Flores, acusando-o de lavar o penico, na calada da noite, onde elas lavavam a roupa, de dia, e ameaçando-o que o denunciariam à Câmara. Chutou o corpo de um cão morto para a berma da estrada, para junto a um monte de entulho e desviou-se para deixar passar o meirinho e um grupo de homens, que escoltavam um prisioneiro.

— Ladrão! — gritou uma velha a seu lado. — A mim não me roubas mais, gatuno.

— Que aconteceu, boa senhora?

— Perdão, padre, não vos vi aí. Trata-se de um mercador de vegetais que foi apanhado pelo almotacé com um peso falso — afastou as pernas, ajeitou ligeiramente as saias e urinou sonoramente, o líquido amarelo a

deslizar-lhe pelas coxas. — Está a ser levado para o pelourinho, para ficar à vista de todos — cuspiu para o lado para mostrar o seu desprezo.

— Compreendo, senhora. Lembrai-vos, no entanto, do que Cristo dizia: «Quem não tem pecados que atire a primeira pedra.» Um dia santo para vós e vossa família.

Limpou o suor e viu que estava perto da muralha e, portanto, do fim da escalada. Olhou para trás, passeou o olhar na cidade que se erguia a seus pés, nos mosteiros, prédios, hortas, jardins, que se acomodavam naquelas duas colinas e no vale entre elas, e deliciou-se com o azul do rio, que cintilava naquela manhã límpida de início de Primavera.

Após descansar um pouco, fez-se ao caminho. Sorriu para um bando de miúdos que se entretinha a assustar dois bacorinhos arremessando-lhes pedras, para desespero da mãe, que grunhia aflitivamente, e acercou-se de uma mulher ricamente vestida que descompunha um criado por este ter tropeçado numa pedra e ter deixado a cauda do vestido arrastar por uma poça de lama.

— Desastrado! — ralhava, ao mesmo tempo que agitava furiosamente o indicador e abanava energicamente a cabeça, fazendo com que o cabelo, metido numa rede de fio de seda, apertada no alto, se começasse a soltar. — Não vês por onde vais? Vais ficar de castigo. Vou...

— Se me perdoais a ousadia, senhora — cortou João Cunha —, lembrai-vos das palavras de São Tomás: «Cada ofensa que perdoardes é mais uma gota no cálice da salvação, uma ofensa que retiverdes fará que o entorneis.» Um bom dia e que Deus vos abençoe.

Chegou, por fim, às portas na muralha e, após dar passagem a um agricultor carregado de estrume para os seus campos, recolhido aqui e acolá nas ruas da cidade, livrando-a de parte da imundície, saiu para o exterior.

— Padre, já sabeis? — ganiu um homem que vinha a esbracejar para lhe chamar a atenção. — É um milagre. Um milagre! Parto daqui a dois dias para Compostela, para...

— Mas que aconteceu? — interrompeu João Cunha, com um sorriso largo nos lábios.

— Parto em peregrinação para cumprir a promessa — continuou o outro, sem ter ouvido a pergunta. — É um milagre. Deus... Deus...

Começou a chorar.

— Esperai, meu bom homem. Referis-vos...

— Sim, padre! À minha operação às cataratas! Já vejo! — benzeu-se repetidamente. — Os físicos fizeram-me jejuar e ser sangrado, em preparação para a operação, mas, no último momento, tiveram de adiar porque fui acometido de um ataque de tosse. Uma vez que a Lua, entretanto, saiu do alinhamento correcto, foi necessário esperar mais umas semanas. Senta...



— Mas como...

— Sentaram-me num banco e um ajudante segurou-me a cabeça com força — insistiu o homem, levantando a voz. Estava demasiado entusiasmado para deixar que o interrompessem. — Depois, o oftalmologista subiu a um degrau e tapou-me o olho são com algodão e uma ligadura. Fez o sinal da cruz e introduziu a agulha de prata pelo branco do olho. Confesso, padre, que nunca senti tanto medo na vida. Rezei a Deus e prometi que iria ao santuário de Santiago se o santo me acudisse. Juro que nem me recordo se doeu. Quando dei por mim, estava terminado, ele tinha empurrado a catarata para baixo, para que ficasse sob esta parte... a bola castanha onde vemos... — girava o dedo em frente ao olho, frustrado.

— A íris?

— Isso! A... coisa! Depois, lavou a zona com gema de ovo e óleo de rosas e levou-me para um quarto escuro. Cinco dias ali permaneci, no escuro, sem nada ver, sem saber se resultara. Mesmo o meu olho são estava coberto. Rezei, jejei, pedi perdão e o Senhor ouviu as minhas preces. É um milagre. É...

Foi acometido por novo ataque de choro, que o padre aproveitou.

— Foi Deus que guiou a mão desse oftalmologista. Cada passo que dareis na vossa peregrinação não é desperdiçado. Que a vossa jornada corra bem, na graça de Cristo.

— Obrigado. Obrigado. Louvado seja o Altíssimo.

João Cunha começou a subir o caminho que levava ao povoado de Santo Ildefonso. Passou por hortas, pomares, casas, porcos, galinhas, ovelhas e, pouco depois, estava diante da casa que procurava.

A porta estava aberta e o clérigo entrou. Ali, diante da lareira, de volta de uma panela de barro, uma mulher de vinte e muitos anos preparava uma refeição. Ao lado, um menino deficiente observava atentamente, com olhar desprovido de compreensão.

— Haveis pecado, minha filha.

— É verdade, padre.

— Trilhais o caminho da perdição, que conduz ao Inferno.

— Temo que assim seja, padre.

— Tendes de vos confessar, para que Deus vos perdoe.

— Sim, padre.

E deixou o vestido tombar.

## CAPÍTULO 4

### ALGURES NO SERTÃO, BRASIL.

O ÍNDIO ARREGALOU OS OLHOS, TRANSIDO DE MEDO. TENTOU DESVIAR-SE, PROTEGER-SE, fugir, mas não conseguiu. A flecha atingiu-o em cheio no peito. Tocado pela morte, debilitado pela fome e cansaço, a sua resistência resumiu-se em rebolar para o lado. Soltou o último suspiro e morreu.

— *Eis o que vos espera, cães, se não apressais o passo.*

Com a longa barba grisalha polvilhada de terra e sangue seco, as roupas esfarrapadas, o olhar esgazeado e o rosto distorcido pelo ódio, Manuel Lobo assemelhava-se a um deus enfurecido. O miúdo a seu lado encolheu-se, amedrontado. Sabia que o pai era um deus, mas que não estava enfurecido. Aquele era o único estado de espírito que lhe conhecia. Mesmo quando dormia, carregava o ódio para o mundo dos sonhos, rebolava e torcia-se no sono, em perpétua luta contra... tudo e todos.

O miúdo afastou-se discretamente e estudou a longa coluna que serpenteava pelo vale, em direcção ao largo rio que se estendia adiante. Depois do obstáculo, restavam ainda alguns dias de caminhada até à serra sobranceira a São Vicente. Após vários meses no sertão, a comprar ou aprisionar índios, estavam de regresso. Como ansiava por voltar a ver Maria da Ressurreição, a escrava que era o que de mais parecido tinha com uma mãe, uma índia que tomara conta dele quando a verdadeira progenitora morrera ao dá-lo à luz, por sentir os seus braços fortes em redor dos ombros, as mãos calejadas a percorrer-lhe o cabelo rebelde. O pensamento fê-lo corar de embaraço e olhar, de relance, para o pai, como se aquele tivesse o condão de lhe ler os pensamentos. Tentou afastar a imagem da mente, afinal, já tinha catorze anos, era um homem e não um bebé de colo.

— *Lobo, tenho escravos para vender. Capturados perto de Guanabara* — disse um guerreiro, acercando-se do bandeirante.

O rapaz fixou os olhos na longa coluna. A bandeira revelara-se um êxito, vinham carregados de Tamoios, que viviam a norte de São Vicente, aliados dos Franceses e inimigos dos Tupiniquim e dos Portugueses. Ainda assim, tinha a certeza de que o pai queria comprar aqueles que o velho

índio lhe oferecia. Tal não transparecia na sua face, mas o filho sabia que não perdia uma oportunidade de fazer negócio.

Tomé Pires aproximou-se para seguir a negociação. Era um homem da confiança do fidalgo que emprestara dinheiro ao pai para apetrechar a expedição e que exigira a presença daquele, não só para controlar Manuel Lobo como para se assegurar de que nenhum escravo era desviado antes da chegada a São Vicente. Ao rapaz parecia-lhe uma medida sensata, mas o pai ficara lívido de ira com a condição que subentendia que não confiavam nele. No entanto, não tivera escolha a não ser aceitar, pois, se assim não fosse, não teria podido realizar a bandeira, tal a despesa exigida. Os índios que serviam de remadores, carregadores, soldados, caçadores, batedores eram os que habitavam na área e que se prontificaram a acompanhá-los. Não fora difícil convencê-los, estavam sempre dispostos a partir para a guerra, por maior que fosse a distância que os separasse dos inimigos. O investidor não poupou dinheiro para os apetrechar com espadas, lanças, arcos, setas, arcabuzes, bestas, pólvora, munição, pavios, punhais, armas necessárias para caçar animais e índios. Vários carregadores transportavam as correntes, grilhetas e cordas que agora se encontravam em redor dos pescoços, pulsos e tornozelos dos prisioneiros, assim como facas, foices, anzóis, machados, espelhos, barretes, contas coloridas, mercadoria utilizada para comprar escravos nas aldeias amigas ou demasiado fortes para serem subjugadas. Outros tinham transportado picaretas e peneiras para filtrar ouro, no caso improvável, mas sempre ambicionado, de deparar com um filão, ou machados, cinzéis e enxós para abrir caminho pela floresta, derrubar árvores ou fazer canoas.

Um mameluco aproximou-se e fitou o rapaz como se o pretendesse devorar. Empunhava um tacape, uma moça utilizada pelos índios no combate corpo-a-corpo, e que acariciava como se de uma amante se tratasse. Fernando encolheu-se e o recém-chegado atingiu-o na cara com a palma da mão.

— Nunca mostres receio, miúdo! Tresandas a medo. Sê um homem. Lembra-te quem é o teu pai e a tua linhagem.

Sem esperar por resposta, o meio índio aproximou-se de Manuel Lobo. Apesar de ter pouco mais idade do que o filho do bandeirante, agia e falava como um homem e era sempre o primeiro a investir durante as batalhas, o que lhe granjeava o respeito dos demais índios. A sua intenção não era seguir o desenrolar da negociação, mas vigiar Tomé Pires, em quem não confiava, e, se possível, humilhá-lo com um ou outro comentário jocoso. Vestia uma camisa que no início da marcha era vermelha, mas que, agora, se encontrava reduzida a um farrapo coberto de nódoas de suor, comida e sangue seco, calçava umas botas de couro que haviam resistido orgulhosa-

mente à dura caminhada, na cabeça usava um chapéu de abas enterrado quase até aos olhos, protecção contra formigas, cobras, frutos e tudo o mais com que as árvores bombardeavam os intrusos, e segurava despreocupadamente uma pequena armadura, uma carapaça de couro endurecido enchida com algodão, leve e confortável, que pararia quase todas as flechas. Havia muito que jogara fora as calças rasgadas pelos espinhos e ramos da floresta, e o rapaz, ao ver o guerreiro com as nádegas à mostra, cobertas das feridas causadas pelos ramos e picadas de insectos, interrogou-se como é que conseguia transmitir tal aura de bravura e dignidade, quando ele próprio parecia um pedinte maltrapilho. De resto, com excepção dos índios, que andavam sempre nus, todos os outros cristãos na expedição apresentavam-se nas mesmas condições. Recordou com um sorriso quando a índia que considerava sua mãe tentara convencer Manuel Lobo a levar com ele uma muda de roupa para o filho. Tão absurda proposta fora respondida com uma bofetada. Além de alguns pratos de latão, canecas de cobre, rede para dormir, cobertor para disfarçar o frio da noite, um pouco de mandioca preparada à maneira dos Índios para resistir à humidade e formigas e, ocasionalmente, uma colher para comer ou uma almofada grosseira, os bandeirantes nada mais transportavam. Mesmo a comida provinha da caça que abatiam ao longo do caminho, dos peixes que pescavam nos rios, de frutos que colhiam e do que saqueavam nas aldeias que atacavam. Por vezes encontravam uma colmeia e empanturravam-se com mel, um luxo raro e muito apreciado.

— *Mas é um preço muito baixo* — queixava-se o índio que se aproximara para vender os seus prisioneiros.

— *Se não quereis, nada mais há a discutir* — cortou Manuel Lobo, com frieza.

— *E além disso* — acrescentou Tomé Pires —, *a câmara de São Vicente fixou o preço máximo a pagar pelos escravos em quatro mil réis de mercadoria.*

O mameluco bufou de desprezo.

— Até aqui ele se borra de medo dos vereadores — sussurrou, mas alto o suficiente para o outro ouvir.

A boca de Manuel Lobo torceu-se ligeiramente num sorriso de escárnio e Tomé Pires enrubescou até às orelhas.

— *Se não estais satisfeito* — continuou para o índio —, *podeis ir vender os vossos prisioneiros a São Vicente.*

Esboçou um gesto para a outra margem do rio.

— *Talvez faça isso mesmo.*

— *E quando lá chegardes tereis, perdido mais uns dias de caminho para receber o mesmo que eu vos pago aqui e agora* — contrapôs Lobo. — *O mes-*

*mo? Provavelmente, dar-vos-ão mercadoria de fraca qualidade. Facas embotadas, foices estragadas, anzóis enferrujados, barretes com traça ou desfiados...*

Tomé Pires susteve a respiração. A mesma Câmara que impusera o limite de preço a pagar pelos escravos estabelecera igualmente duras sanções para qualquer cristão que falasse mal das mercadorias de outro na presença dos índios, para que estes nunca soubessem que eram defraudados nos negócios.

— *Concordo com o preço* — rendeu-se o índio, visivelmente contrariado.

— *Uma boa decisão* — concordou Lobo, mas o seu sorriso matreiro mostrava que fora benéfica somente para uma das partes. — *Ide falar com...*

Gritos irados interromperam a negociação, de pronto seguidos do estampido dos arcabuzes.

Manuel Lobo, o filho, o mameluco e Tomé Pires viraram-se. Ao longe, na cauda da coluna, vários índios dispararam tiros e flechas para o interior da floresta.

— *Maldição. Estes Tamoios não nos largam há mais de um mês. Será que não compreendem que não conseguirão resgatar os prisioneiros?*

Os olhos de Manuel Lobo chispavam de fúria, como se as tentativas daqueles pais, irmãos e maridos para salvar os filhos, irmãos e mulheres constituíssem um insulto pessoal.

— *Ide apressar a construção das canoas!* — ordenou a Tomé Pires.

O corpo do interpelado já quase se voltara para cumprir a ordem quando a sua mente o obrigou a parar.

— *Há um assunto que necessitamos de discutir...*

— *Falai. O que temeis?*

Tomé Pires cerrou os dentes, irritado com o insulto velado. Estaria o velho bandeirante a insinuar que tinha medo?

— *Como pretendeis evitar possíveis sanções pela violação do alvará de quarenta e quatro?*

— *Qual alvará?* — respondeu Lobo, fingindo surpresa.

— *O alvará de Dona Ana Pimentel, emitido na qualidade de procuradora de Martim Afonso, o donatário da capitania, que proíbe a ida de cristãos ao sertão resgatar índios sem sua licença e do qual somente se abriu exceção a João Ramalho, como bem sabeis* — respondeu Tomé Pires, entredentes.

— *Ah, esse alvará! Não vos preocupeis com tais assuntos. Dizem que a intenção de Martim Afonso era de impedir a guerra com os Índios e de povoar a costa, mas como se proíbe um lobo de ir ao curral se a porta está aberta?* — soltou uma gargalhada seca, divertido com o trocadilho. — *Além disso, esses hipócritas proíbem as bandeiras, mas são os primeiros a*

comprar estes cães — fez um gesto largo com a mão na direcção dos prisioneiros que começavam a ser embarcados. — E não duvideis que assim que voltarem a precisar dos nossos serviços, a primeira medida que tomarão é emitir um perdão por este crime — a última palavra disse-a como se a cuspiisse.

— E João Ramalho? Como fareis para que não faça queixa de...

Uma bofetada cortou a pergunta. O agredido abriu e fechou a boca, espantado com o gesto. Instintivamente, levou a mão à faca, mas reconsiderou ao notar a expressão de gula de Manuel Lobo e, engolindo o orgulho, baixou os olhos. O mameluco cuspiu para o chão.

— Não seiais cobarde! E fitai-me nos olhos quando falardes comigo! — rosou o velho bandeirante, sem rodeios. — Limitai-vos a zelar pelos interesses do vosso mestre, que com João Ramalho e o bando de foragidos que vive em seu redor, como moscas em torno de bosta de vaca, me entendendo eu — cerrou os punhos como se desejasse ter o outro diante de si. — Agora, ide supervisionar o embarque. Sai da minha frente!

Tomé Pires afastou-se como um cachorro açoitado.

— Fernando Lobo!

O rapaz deu um salto, sobressaltado, e trotou obedientemente ao encontro do pai.

A carranca de Manuel Lobo suavizou-se ligeiramente e quem o conhecia sabia que era a maior demonstração de carinho de que era capaz. Aquele era o seu único filho, melhor, o único filho sobrevivente. Os outros seis havia muito que tinham sido levados pela morte. Quando o velho bandeirante já desesperava que a sua linhagem seria tragada pelo esquecimento, a mulher presenteara-o com uma última dádiva, num derradeiro esforço que pagara no parto com a vida, o rapaz diante de si. A seus olhos, as filhas não contavam.

— Aprendeste alguma coisa?

Fernando fitou-o com expressão de incompreensão.

— Se queres carregar o pesado e honroso fardo dos Lobo, tens de prestar atenção — admoestou, carrancudo. — Sabes de onde vem o teu apelido? Sabes que... Queres falar?

Fernando, que levantara a mão para coçar o olho e não para pedir a palavra, resolveu aproveitar a oportunidade para o questionar de algo que o inquietava havia muito.

— Mas, há rumores que dizem que não sou o único filho que tendes. — Hesitou ao notar que a carranca do pai se acentuava, mas lembrou-se a tempo que seria o pior a fazer, que aquele suportava menos a cobardia que a impertinência. — Que tendes alguns filhos de índias — presenteou o mameluco a seu lado com um olhar de relance.

Manuel Lobo não pôde deixar de sorrir ante a coragem do filho. Agarrou-lhe os cabelos e apertou com força, num gesto que Fernando sabia ser de carinho, mas que mais parecia uma tentativa para lhe arrancar o topo do crânio. O bandeirante passou a mão pelo punhal à cintura e explicou:

— Se cruzares um puro sangue com uma mula, que obténs? Não confundas os momentos de fraqueza em que tive de satisfazer as minhas necessidades com o respeito que sentia pela tua mãe e pelos sagrados laços do matrimónio. Achas que consideraria meu filho o que quer que saísse do ventre de uma destas selvagens? — o mameluco, a seu lado, mantinha uma expressão impenetrável. — Olha para eles — apontou para os poucos índios que ainda não tinham atravessado e que pareceriam todos iguais, se não fosse pelo facto de uns estarem acorrentados e os outros não. — Andam nus, comem-se uns aos outros, não têm casa onde se aqueçam à lareira nas noites mais frias, não conhecem lei, nem rei, nem fé. São bestas irracionais cuja semelhança com o homem ainda hoje me espanta.

— Compreendo.

O rapaz não despegava os olhos do meio índio, que parecia não ouvir.

— Agora, como estava a dizer, não debes nunca perdoar a fraqueza e a cobardia, não debes nunca mostrar medo ou fugir, não debes nunca deixar-te pisar ou esquecer um insulto, não debes nunca tornar-te num cobarde como Tomé Pires. Se o fizeres, serás abusado por todos, respeitado por ninguém. Sabes de onde vem o teu apelido? — o rapaz sabia bem, já tinha ouvido aquela história inúmeras vezes, mas interromper o pai quando este estava lançado naquele discurso, era impensável. — Muitos anos atrás, numa época de grande fome, em que até os animais comiam as próprias crias para sobreviver, o teu bisavô foi emboscado no Marão por uma alcateia. Era já noite, e os animais, esfaimados e desesperados, tinham resolvido banquetear-se com carne humana. Quando amanheceu, havia sangue nas árvores, mas era de lobos e não de Lobo — soltou uma gargalhada seca, desprovida de alegria. Adorava os trocadilhos com o seu apelido. — A partir desse dia, a alcunha pegou, mas depois tornou-se mais do que isso. Quando Martim Afonso aqui desembarcou em trinta e dois e esse degredado, ou amotinado, ou náufrago, ou o que quer que seja esse excomungado João Ramalho, que já aqui vivia entre os Índios havia mais de vinte anos, apareceu diante do forte acabado de erguer em Bertioaga, o meu pai, que Deus o tenha, eu e os teus tios não vacilámos perante a horda de índios com que se fez rodear e preparámo-nos para o combate. Quando nos chamou, dizendo que vinham em paz, que pretendiam ser amigos dos cristãos, o teu avô foi dos primeiros que saiu do forte, mesmo correndo o risco de uma traição. Não vacilou e fitou João Ramalho nos olhos. Sem dúvida que morreria, se os índios tivessem atacado, mas acabaria como um homem



e levaria muitos com ele. Seria flechado no peito e cara e não nas costas e nuca, como um bezerro assustado a correr para a mãe — Fernando não despegava os olhos do pai, mesmo já conhecendo de cor aquela história. Somente uma vez deixara de prestar atenção e ainda sentia os seus dedos na face. — E quando o mar se rebelou e entrou pela terra adentro, no grande maremoto de quarenta e dois, o teu avô recusou-se a fugir, a abandonar a casa que construía com as próprias mãos. Quando a água recuou, permanecia lá dentro. O mar levava-lhe a vida, mas não se atrevera a desalojá-lo. Os teus tios morreram com grande honra, a combater os índios Carijós, a que alguns chamam Guaranis, na bandeira enviada por Martim Afonso para sul, em busca de ouro, atrás de um rumor dourado. Os teus irmãos, que Deus os tenha, que não pereceram pela febre, sem soltar um queixume, mantiveram-se ao lado do teu avô e também fitaram o mar nos olhos, numa altura em que eu, infelizmente, estava ausente, ou sucumbiram em combate com as bestas gentias, a defender as suas plantações e gado. Compreendes agora, rapaz? Ninguém com sangue de Lobo nas veias morreu cobardemente, a fugir ou a esconder-se do inimigo, fosse ele a natureza ou as bestas da floresta. E todos eles têm os olhos postos em ti, o derradeiro sobrevivente da linhagem. E em mim, pois se tu falhares, será porque eu falhei na tua educação. Compreendes isto?

— Sim, meu pai. Honrarei o nome da nossa família.

Manuel Lobo sentiu firmeza, sinceridade e orgulho na resposta. A sua alma transbordou de amor por aquele rapaz, o único ser que restava no mundo digno do seu afecto. Sem saber como demonstrá-lo, empurrou-o ao de leve na direcção do rio.

— Vamos, chegou a nossa vez de atravessar.

Trepavam a uma pequena elevação sobranceira às águas. No outro lado, estavam a ser descarregados os últimos prisioneiros, sob o olhar atento de Tomé Pires. Uma grande gritaria brotou das árvores ao longe, seguida de uma chuva de flechas. A distância fez com que todas caíssem muito aquém do grupo que ficara para trás, mas o aviso de que os perseguidores ganhavam coragem, agora que parte dos bandeirantes se encontravam isolados, foi tomado a sério pelos poucos índios que ali se mantinham, que carregaram os arcabuzes e armaram os arcos.

— Irão atacar? — perguntou o mameluco. A sua voz denunciava excitação.

Manuel Lobo ignorou a pergunta, olhar fixo na outra margem e punhos cerrados em volta do arco. Fernando virou-se para ver o que perturbava o pai.

— Oh! — soltou, sem conseguir evitar.

Do outro lado, as canoas e jangadas ardiavam, pequenas nuvens de fumo



erguiam-se entre as árvores e gritos ecoavam pelo ar. Em instantes, fez-se silêncio e um grupo de homens avançou até às águas. À sua frente, caminhava Tomé Pires e, mesmo àquela distância, era visível o sorriso trocista que lhe dançava nos lábios.

— Lobo, humilhaste-me demasiadas vezes. Suportei-o porque como covarde que és só te atreveste a fazê-lo rodeado dos teus amigos. Pois tenho uma novidade para ti, velho louco. Lembras-te de Abatí-poçanga, o índio que mataste por o teres apanhado a roubar-te galinhas? Aquele que fizeste amarrar à boca de um canhão e o desfizeste com o disparo? Tenho aqui — esboçou um gesto para o índio ao lado — o seu irmão, que esperou muitos anos para se vingar. Pois essa hora chegou. Todos os teus partidários estão mortos, não há aqui ninguém que te vá socorrer. É altura de morreres, às mãos desses Tamoio que te perseguem. E só tenho pena que não possa assistir quando te mijares pelas pernas abaixo e implorares misericórdia, como o covarde que és.

— Tomé Pires — sibilou o velho bandeirante —, juro-vos pela alma do meu pai e irmãos que, quando morrer, ireis comigo.

O homem do outro lado limitou-se a afastar-se, rindo sonoramente.

Atrás de Lobo, também os Tamoio riam.

A hora da vingança chegara.

## CAPÍTULO 5

### GUIANA

AS MÃOS DOÍAM-LHE DE SEGURAR A ESPADA COM TANTA FORÇA, MOSQUITOS ESVOAÇAVAM em redor do seu braço, bebendo vorazmente o sangue que escorria da ferida causada pelas tiras de couro do escudo — umas poucas de ripas retiradas a uma pipa de vinho e que pareciam fazer um esforço sobrenatural para não se desintegrarem —, o suor escorria-lhe pelo rosto e fazia-lhe arder os olhos. Cartier não se atreveu a limpá-lo. Na verdade, mal se atrevia a respirar, com receio de que o mínimo movimento desencadeasse um ataque dos índios. Tentou posicionar-se de forma que usasse o corpo de Michel como escudo e amaldiçoou a precipitação do capitão, que ordenara que todos entrassem na aldeia antes do companheiro avisar que não havia perigo.

Uma eternidade passou, enquanto os dois grupos se fitavam, ambos indecisos e receosos de dar o primeiro passo. Estavam ali cerca de cinquenta homens, mais do dobro dos franceses, e um grupo de mulheres e crianças aguardavam à distância.

A seu lado, um companheiro armava com gestos lentos uma besta, adiante, outro tentava carregar discretamente um arcabuz. Mais uma vez, Cartier desejou ter aos ombros a sua armadura de ferro, a sua velha companheira de luta, que lhe fazia queimar a pele e transpirar até julgar estar a derreter, mas que o protegeria das armas dos selvagens. Deixara-a na chalupa e, agora, amaldiçoava a sua imprudência. Fitou as longas flechas dos índios e estremeceu ao pensar que nada as impediria de se afundarem na sua pele branca, na carne tenra... Carne? Teve vontade de rir, amargurado. Ossos! Havia muito que a carne o atraíçoa e partira.

Outra eternidade passou e os contendores continuavam a fitar-se, desconfiados, receosos, indecisos.

As pernas de Cartier começaram a fraquejar e os braços a latejar. A cabeça doía-lhe e a bexiga deu sinais de vida. Desejou que alguma coisa acontecesse, nem que fosse uma batalha. Tudo menos ficar ali espedado até... até... Até pensar lhe custava!

Mais eternidades se passaram.

Por fim, sob o olhar atento dos companheiros, um índio, com olhar esgazeado, atreveu-se a dar um passo em frente, assoou-se para a mão para limpar o muco verde que lhe escorria do nariz, limpou-a ao cabelo e avançou... na direção de Cartier!

— Não te mexas — sibilou o capitão. — Não o assustes.

O marinheiro obedeceu. Não por deferência pela autoridade do outro homem, mas porque quem estava assustado era ele, demasiado para mexer sequer um dedo. O índio aproximou-se cautelosamente, tocou ao de leve a pele branca do francês e retirou a mão imediatamente. Ao perceber que ainda dispunha de todos os dedos, atreveu-se a examinar a barba, a cara, braços, pernas, cabelo.

Lentamente, encorajados pelo companheiro, os restantes guerreiros avançaram e dedicaram-se a examinar as criaturas brancas, escanzeladas, imundas, barbudas, alienígenas.

— Deixai-os mexer à vontade! Não lhes façais mal — ordenou o capitão.

O corpo seminu de Cartier encheu-se de pó vermelho e muco verde, à medida que os índios o empurravam, puxavam, tocavam, cheiravam, apalpavam, numa inspecção que começou nas pontas dos pés descalços e só parou nos cabelos, em que cada palmo do seu corpo foi visto ao pormenor, com excepção do pénis, que Cartier tapou com o escudo e não retirou, mesmo ante a insistência dos índios. Naquele momento, travava uma silenciosa disputa com um homem desdentado que tentava arrancar-lhe o escudo das mãos para o ver melhor. Irritado com a insistência, considerava empurrá-lo quando um estrondo encheu o ar.

— Que imbecil — o marinheiro a seu lado ria alarvemente, ainda a segurar o arcabuz fumegante. — Disse-lhe para meter a boca no cano e ele obedeceu. Julgou que era para beber fumo — acrescentou, por entre sonoras gargalhadas.

Cartier, o capitão, os restantes marinheiros e os índios fitaram o corpo nu estendido no solo, a cabeça despedaçada onde somente restava um pedaço de maxilar, o sangue e pedaços de miolos espalhados em redor.

— Por... porque fizeste isso? — ladrou o capitão. — Tinha-te dito que...

— Não permito que estas bestas sujas me toquem e empurrem...

Um índio soltou um grito irado, logo imitado pelos demais, que se lançaram sobre os arcos, abandonados a um canto. Ninguém teve dúvidas quanto às suas intenções.

— Não os deixeis reagrupar-se! — berrou o capitão. — Ao ataque!

Os franceses investiram sobre os nativos, não lhes dando tempo para reagir. Aço cortou músculo, setas morderam em carne macia, balas despedaçaram osso. Depressa, o chão se cobriu de cadáveres e os guerreiros,

chocados com as armas mágicas dos brancos, viraram-se e fugiram, esgueirando-se para o exterior pelas aberturas na paliçada.

— Cessar fogo! — ordenou o capitão. — Deixai-os ir. Barricai as entradas. Esta noite, dormimos aqui.

Cartier ajudou a bloquear as pequenas aberturas enquanto outros enterravam os mortos. Quando se deram por satisfeitos, quando se julgaram protegidos da selva hostil, deixou-se cair no solo, vencido pelo cansaço.

Guinchos de terror e medo, a par de urros de prazer, atravessaram a aldeia. Algumas mulheres não tinham conseguido fugir a tempo e os marinhos acorriam rapidamente ao festim.

Cartier deambulou pelo recinto, estudando a aldeia dos índios. Era somente uma enorme cabana circular: no centro, havia um espaço desimpedido, usado como praça comum, e, nas orlas, as áreas individuais de cada família, cada qual separada das outras por alguns pés de espaço livre. O tecto, de folhas de árvore, descia à medida que se caminhava para a periferia. Para lá desta, à distância de um homem com os braços abertos, erguia-se a paliçada. Uma floresta de paus e estacas dispersa pela cabana suportava toda a estrutura.

O estômago de Cartier rosnou de impaciência, arrancando-o à contemplação da gigantesca habitação. Aproximou-se de um dos espaços e vasculhou as redes usadas para dormir e os rudes potes de barro utilizados para cozinhar e para guardar alimentos. Vazios! Notou Martin ali perto e aproximou-se. O espanhol olhou para Cartier, esboçou um aceno com a cabeça e voltou a concentrar-se num pedaço de... de bolo de mandioca! Um dilúvio de saliva invadiu-lhe a boca e o estômago roncou em tom suplicante. O companheiro sorriu e ofereceu-lhe um pedaço. Quando o francês hesitou, incerto se a mandioca não o envenenaria, o espanhol encolheu os ombros e ele próprio engoliu uma porção generosa. De seguida, sob o olhar fascinado de Cartier, aproximou-se de um vaso com água onde repousavam algumas folhas verdes, retirou uma, polvilhou-a abundantemente com cinza de uma fogueira, enrolou-a até ficar com uma forma compacta e colocou-a entre o lábio inferior e os dentes.

— É tabaco. Queres?

— O convívio com os gentios fez-te ganhar maus hábitos — rosnou Michel, que também observara o procedimento e que não deixava passar uma oportunidade para criticar o espanhol.

Martin encolheu os ombros e afastou-se. Cartier continuou a inspecção. Examinou um molho de canas colocadas a secar ao Sol, usadas para fazer as longas flechas que os Índios utilizavam na guerra e para caçar, passou por duas estacas espetadas no solo, onde alguém entrelaçara um longo fio de algodão, a partir do qual seria feita uma rede de dormir, fitou a alcateia em que se tinham tornado os companheiros que, sob o olhar aterrorizado

de meia dúzia de crianças, violavam as índias repetidamente, entre guinchos de dor e prazer, súplicas não atendidas e gemidos de libertação do desejo havia muito contido. Ponderou aguardar pela sua vez, mas decidiu que demoraria muito tempo e que, enquanto os companheiros se divertiam, ele poderia aproveitar para encontrar alimento. Afinal, as índias não iriam embora, mas a comida depressa desapareceria.

Procurou por entre as taças de barro e descobriu uns frutos do tamanho de ovos de galinha. Descascou um e, receoso, chupou a polpa que revestia o caroço. Era pegajosa e adocicada e teve o condão de avivar a fome que o martirizava. Sentou-se e devorou avidamente os restantes, chupando o caroço até o limpar por completo. Após terminar, dedicava-se a lamber os dedos quando começou a sentir uma sensação de ardor na garganta. Alarmado, levantou-se e procurou que beber. Ao não encontrar água, sentindo já o veneno a corroer-lhe os ossos e os órgãos, preparava-se para gritar por auxílio quando Martin o interpelou:

— Não te assustes, isso não é nada. Toma — o espanhol estendeu-lhe uma folha encharcada numa substância pegajosa. — Come isto que já passa. É mel.

O francês aceitou a oferenda e ia levar o líquido dourado à boca quando Michel lhe segurou o pulso.

— Eu a ti, não acreditava neste catalão, castelhano ou o que quer que seja — sibilou, fitando Martin com expressão desafiadora. — Se calhar é mijo de macaco.

O visado encolheu os ombros, sem mostrar sinais de ofensa.

O francês, satisfeito por, mais uma vez, ter colocado a pata em cima do companheiro, começou a inspeccionar o conteúdo de um molho de folhas pousado nas brasas de uma fogueira. Agarrou um pequeno objecto branco e olhou para Martin, sobrolho carregado de dúvida.

— Se fosse a ti, não comia isso.

O marinheiro enfiou-o imediatamente garganta abaixo, logo seguido por mais meia dúzia.

— Porque não? — perguntou Cartier, enquanto lambia as folhas.

— Porque são larvas de insecto, apanhadas no interior de palmeiras caídas.

— Larvas!? — ganiu Michel.

— Os índios arrancam pedaços de tronco para chegar até elas, pois são muito apreciadas — continuou o espanhol, imperturbável. — Algumas são enormes, do tamanho de ratos.

— Cala-te! Cala-te! Não me sinto bem...

— Prendem-nas entre os dentes e, com um movimento brusco, arrancam o corpo, deixando a cabeça e entranhas penduradas.

— Maldito! Vou... vou... vo... — Michel deixou-se cair de joelhos e vomitou em grandes convulsões.

— Depois, atiram o corpo ainda a contorcer-se para um monte de folhas, que costuma terminar em cima das brasas — concluiu Martin, com um gesto na direcção da fogueira.

— Gentio! Herege! Vou-te matar!

— Mas porquê? Eu avisei-te — retorquiu o espanhol, candidamente.

Michel abriu e fechou os grandes punhos, indeciso, e, depois, afastou-se com grandes passadas, em direcção aos companheiros que, saciado o apetite sexual, tentavam agora aplacar a fome. Digladiavam-se por um pedaço de carne de macaco e Cartier vislumbrou, no meio da confusão, o corpo do primata meio esturricado a ser passado de mão em mão. Não se aproximou. Os índios cozinhavam os animais tal como os apanhavam, com pêlo, garras, cabeça, cauda, tudo, limitando-se a retirar as entranhas. Além disso, aquela carne estaria quase queimada, algo que não suportava, mas que sabia ser a maneira usual dos nativos a comerem. Segundo se lembrava de uma explicação de Martin, comer carne crua ou mal cozinhada era considerado canibalismo, um acto que lhes era abominável.

— Ouro! Ouro!

Todos se viraram na direcção da voz. A um canto da cabana, perdido entre o labirinto de redes, potes de barro, frutos pendurados a secar, flechas e arcos e outros utensílios, um companheiro gesticulava, chamando os demais.

Cartier aproximou-se e deparou com uma estátua empoleirada num tronco pequeno. O ídolo, de madeira negra, consistia num corpo humano encimado por duas cabeças, uma humana e outra de felino. Mas o que despertara a atenção dos marinheiros tinham sido os braceletes dourados nos pulsos da estatueta, feitas de ouro e com um Sol desenhado no metal.

Uma onda de excitação varreu os homens, que desataram todos a falar em simultâneo.

— Eu bem vos disse! Eu avisei-vos! — grasnou o capitão, ao mesmo tempo que lançava olhares de desafio a Michel, que se mantinha a um canto amuado. — Reparai no Sol. É proveniente do império Inca de que vos falei, que existe algures nestas selvas. Estamos perto. Eu avisei-vos, mas vós não acreditastes em mim! Ingratos! — quando compreendeu que ninguém iria responder, que aceitavam a derrota em cabisbaixo silêncio, sorriu abertamente, radiante. Notou, então, que o Sol quase desaparecera no horizonte. — Está a anoitecer. Vou distribuir os quartos de vigia e amanhã discutiremos o futuro desta expedição.

Arreganhou a dentuça para Michel, que cuspiu para o lado e afastou-se. Cartier seguiu-o, tentando que o capitão não o visse e o mandasse vigiar. Aproximou-se de uma rede, deitou-se e procurou passar desperce-

bido. Tencionava servir-se de uma das índias antes de dormir, mas o sono reclamou-o imediatamente.

Acordou já o Sol ia alto. Desorientado, demorou alguns instantes até recordar onde estava. Coçou o braço coberto de picadas, atacado pelos mosquitos durante a noite, desceu vagarosamente da rede e, a esfregar-se para afastar o frio que teimava em não o largar, sentou-se diante de uma fogueira. Em redor, os companheiros afadigavam-se a amarrar as índias e a acondicionar o ídolo.

— As índias dizem que sempre o tiveram com eles — esclareceu Martin, enquanto espreitava por entre os troncos da paliçada. — Ou seja, não sabem como o arranjaram. São todas novas e quando nasceram, já aqui estava. Insistem, no entanto, que nunca viram aquele metal amarelo em nenhuma aldeia das redondezas — esboçou um gesto na direcção do capitão, que discutia acaloradamente com Michel.

— Por mim, regressávamos. Nada nos diz que estejamos perto desse império Inca — disse outro companheiro, que brincava com uma seta com evidente nervosismo. — Na verdade, o facto de haver tão pouco prova que ainda estamos longe.

— Mas estamos a aproximar-nos — contrapôs um terceiro. — Se continuarmos, encontraremos mais ouro.

Por toda a aldeia, os companheiros discutiam o rumo a tomar. Por fim, o capitão anunciou em voz alta e furiosa:

— Já chega! Não viemos até tão longe para regressar tão perto do nosso objectivo! Vamos prosseguir.

Michel atirou os braços ao ar e afastou-se furioso. Mais uma vez, perdera a discussão. O capitão, agora apoiado por metade do grupo, via reforçada a sua liderança e não hesitava em impor a sua vontade aos restantes.

— Vamos, então — grunhiu Michel, dirigindo-se à abertura na paliçada. — Quanto mais depressa partirmos, mais depressa nos cansaremos de caminhar pela selva sem nada encontrar e mais cedo regressaremos.

Ninguém se mexeu.

— Que se passa? — rosou.

— Tens a certeza de que os índios não estão lá fora à nossa espera? — perguntou alguém.

— E que queres fazer? Ficar aqui para sempre?

Quando todos se mantiveram estáticos, o enorme marinheiro empurrou o companheiro junto aos arbustos que vedavam a abertura, retirou-os com um gesto brusco e saiu.

— Cambada de cobardes! — trovejou, do exterior. — Que esperam? Venham!

Virou-se para chamar os outros e uma flecha materializou-se no seu ombro.

Com um rugido de dor, atirou-se para dentro da cercadura e, de pronto, foi rodeado pelos companheiros, assustados.

— Malditos bárbaros! Atingiram-me! Tirem... Tirem-na! Depressa! — ganiu.

— Esperai!

Todos se imobilizaram e Martin avançou até ao homem ferido. Com gentileza, tentou arrancar a flecha, mas esta quebrou facilmente nas suas mãos. Inspeccionou atentamente a ponta e, depois, atirou o projectil por cima do ombro.

— Curare. Não há nada a fazer.

Uma algaraviada de vozes indignadas, assustadas e furiosas ecoaram pela aldeia, logo silenciadas por Michel.

— Mentiroso! Traidor! — bradou, como se o facto de gritar servisse de antídoto. — Queres que eu morra, mas não te vou dar esse prazer! Olha, não sinto nada! — agarrou na espada e brandiu-a ameaçadoramente, ao mesmo tempo que aconchegava o braço ferido de encontro ao peito. — Estou óptimo! Deus protege-me do veneno dos gentios.

O espanhol encolheu os ombros e afastou-se.

— Vamos — o capitão ergueu as mãos para calar um coro de protestos e acrescentou:

— Vamos usar as mulheres como escudos. Eles não se atreverão a atacar e arriscar matá-las — fitou Martin que acenou a sua concordância com o plano.

Cautelosamente, transpuseram a abertura e empunharam as armas contra a densa selva. Esta ignorou-os.

Formaram um círculo com as índias na periferia e, acompanhados pelos urros e uivos dos macacos, pelo cantar dos pássaros e por todos os outros sons desconhecidos e estranhos com que o arvoredo os brindava, lançaram-se ao caminho.

— Ainda não morri, traidor. O Senhor não o permitirá — gritava Michel, ocasionalmente. E erguia um dedo para as copas das árvores, como que a dizer que mesmo naquele canto do Inferno, Deus velava por ele.

— Mas que veneno é esse? — sussurrou o capitão ao ouvido de Martin.

— O curare? É feito a partir de uma planta da zona...

— O Senhor guia-me e protege! As forças do Demónio não me tocarão!

— É usado principalmente para caçar macacos, pois faz com que o animal caia ao chão em vez de morrer no cimo das árvores, agarrado aos ramos.

— E que efeito tem nos humanos?



— Maldição! Eu estou bem. Só deixei cair a espada. Glória a Deus nas alturas!

— Bem, depende da quantidade...

— Mas pode ser fatal?

— Amaldiçoada selva, cheia de raízes! Só tropecei, não foi nada de mais! Estou de perfeita saúde, graças a Deus!

— Capitão, que pretendeis fazer? Regressar ou?...

— Responde à minha pergunta. Quero saber a verdade. Diz-me.

— Mas de quem foi a ideia de?... Não foi nada! Só tropecei e caí! Jesus está comigo e ampara-me! Ele protege-me! Ele... ele... ele...

Michel tentava levantar-se, mas os membros não lhe obedeciam.

— Que... que se passa?...

Na sua voz, bailava uma ponta de medo.

— Aqui está o que vos dizia. — Martin aproximou-se do ferido. Colocou-lhe uma mão na testa e murmurou, com suavidade:

— Pede perdão pelos teus pecados.

Michel fulminou-o com um olhar assassino e estrebuchou violentamente, tentando erguer-se. As suas pernas e braços ignoraram-no.

— Levem este gentio para longe de mim! — trovejou, aterrorizado. — É ele que me está a fazer isto! Enfeitiçou-me! É um... bruxo! Para... a fogueira com e...

A fala entaramelou-se-lhe e não conseguiu terminar a frase. Os homens recuaram, assustados. Alguns benzeram-se e esboçaram o sinal da cruz.

— Atenção! — bradou o capitão. — Não abrandem a vigilância. Os selvagens estão a vigiar-nos. E têm mais veneno para os distraídos.

Os homens fitaram a selva e chegaram-se mais às mulheres.

— Não há nada que possas fazer? — pediu o capitão a Martin, pálido de medo.

— Vou tentar. Dêem-me espaço.

Ajoelhou-se junto do ferido, que se limitou a observá-lo de olhos arregalados, num misto de terror e esperança. O espanhol empunhou uma pequena faca e cortou-o nos braços e peito. Os homens acenaram a sua concordância. Sangrá-lo para libertar o sangue envenenado parecia uma boa medida. Martin chegou a faca junto às têmporas do moribundo e, enquanto o retalhava com delicadeza, sussurrou:

— Estás condenado, imbecil. Os teus pulmões vão parar de funcionar e morrerás asfíxiado. A beleza deste veneno é que te aperceberás de tudo até perderes a consciência. Mas não será o fim. Mesmo depois disso, o teu coração continuará a bater e, se por milagre Deus te acudir e conseguires recuperar, acordarás na cova que vamos abrir para te proporcionar um enter-

ro cristão. Quase desejo que sobrevivias, para morreres de novo, no escuro e com os vermes a devorarem o teu corpo. É a paga por me teres martirizado estes meses todos, sem eu te ter feito nada. Estes golpes que te estou a fazer são a minha vingança. Eu sei que os sentes e espero que doam. E quero que a última imagem que leves deste mundo seja a minha cara sorridente em cima de ti. Quando estiveres a arder no Inferno, recorda-te dela e imagina a tua mulher e irmãs a verem-me do mesmo modo, quando eu as visitar.

Os olhos de Michel chisparam de ódio impotente enquanto o espanhol continuou a esartejá-lo até as pálpebras do ferido se fecharam.

— Está morto — anunciou Martin, levantando-se. — Nada havia a fazer. O veneno era muito potente. O máximo que podemos fazer é proporcionar-lhe um enterro cristão.

O capitão hesitou. Não pretendia demorar mais do que o necessário naquela selva e, muito menos, perder tempo daquela maneira, mas as expressões de terror e medo dos homens fizeram-no mudar de ideias. Far-lhes-ia bem encomendar a alma do companheiro ao Criador, lembrar-lhes-ia que uma recompensa infinita os esperava para lá da morte.

— Tratai disso — ordenou a dois deles.

Em silêncio, sob a vigilância atenta dos marinheiros e da selva, abriram rapidamente um buraco e, após o capitão improvisar umas palavras de despedida, colocaram na campa dois paus atados à laia de cruz e partiram.

Protegidos pelas índias, caminharam sem incidentes durante o dia todo. Quando já anoitecia e o Sol levava com ele a esperança de chegarem à chalupa antes das trevas, o rio surgiu diante dos homens extenuados. Gritos de alegria saudaram as águas, gritos que redobram de intensidade ao notarem o mastro da embarcação mais adiante, por detrás das árvores, após uma curva no rio. No topo, um dos marinheiros que ficara de vigia avistou-os e acenou. Os franceses responderam com assobios e gritos, radiantes.

— Mais um pouco, estamos perto — exortou o capitão.

Agarrou uma mulher pelo braço e avançou resolutamente, dando o exemplo. Após alguns passos, chegou à orla de uma clareira e estacou abruptamente.

— Que se?...

A pergunta morreu nos lábios de Cartier.

À sua frente, os índios aguardavam-nos.

## CAPÍTULO 6

### CONGO

OS HOMENS AVANÇARAM COMO UM SÓ E...

Bem, talvez não como um só, reflectiu Cabral, irritado. Afonso não se apercebera do sinal e deixara-se ficar para trás. Como era distraído e trapalhão. Questionava-se se seria indicado para herdar os seus negócios, uma dúvida que o atormentava constantemente. Um dia, teria de tomar uma decisão séria sobre o seu futuro.

— *Quietos! Todos quietos!* — berrou para os negros, na linguagem nativa, o quicongo.

Os visados, surpreendidos pela aparição dos guerreiros, hesitaram. Um deles ergueu o arco que repousava nos seus joelhos e largou-o logo de seguida quando um tiro de arcabuz lhe desfez a mão e o antebraço. Deitou-se no solo, agarrado ao membro destruído, a gemer com dores.

— *Quietos! Não resistais e nada de mal vos acontecerá* — insistiu Cabral.

Mais do que as palavras do português, foi a visão das armas apontadas e do ferido a contorcer-se agarrado à mão presa por um pedaço de pele que os convenceu que qualquer resistência seria infrutífera. Escravos e homens livres permaneceram em silêncio, a aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

— *Tu e tu, recolham as armas* — ordenou a dois guerreiros.

Os negros apressaram-se a revistar os homens emboscados e a arrancar-lhes das mãos os arcos e mocas, sem qualquer cerimónia e cortesia. Aproveitaram para os empurrar e insultar em voz baixa: tratavam-se de guerreiros de um clã com o qual tinham alguns diferendos.

— *Agora, recolhei os escravos e levai-os daqui.*

Três negros, que até aí tinham permanecido imóveis e em silêncio, começaram a falar entre eles, em tom urgente.

— *Vós aí, ficai em silêncio* — rugiu Cabral.

Os prisioneiros ignoraram-no.

— Duarte — rugiu —, fá-los calarem-se!

— Perdoai, mas julgo que estais a cometer um grande equívoco.

Cabral demorou alguns instantes até compreender que não fora o es-

cravo que lhe respondera em português perfeito, mas sim um dos prisioneiros. Fitou-o, espantado com a proeza e, simultaneamente, desconfiado.

— Nós — continuou o outro, ao notar que o branco não sabia que responder — fomos enviados pelo nosso tio, um chefe duma aldeia a alguns dias de viagem de Pinda, para adquirir escravos nos mercados de Pumbo. Estamos de regresso e tencionávamos pernoitar aqui quando vós e os vossos homens nos surpreenderam. Penso que nos haveis confundido com alguém. Talvez com um inimigo?

Cabral compreendeu que o outro lhe oferecia uma saída airosa para a situação. Seria verdade que aqueles homens eram sobrinhos de um poderoso chefe? Olhou em redor, em busca de confirmação, e os seus olhos encontraram muitos, demasiados sinais, de que o negro falava verdade. Entre as armas confiscadas, encontrava-se uma espada vinda de Portugal, usada mais como adorno do que para lutar, e três escudos de pele de búfalo, apetrechos usados somente por pessoas importantes: as armas comuns do povo eram o arco e flechas e maças para combate corpo-a-corpo. Junto a uma árvore, vislumbrou três paus grossos, cada qual com uma pele presa no meio, e reconheceu imediatamente o meio de transporte dos poderosos: um escravo em cada ponta segurá-lo-ia aos ombros e a pessoa sentar-se-ia na pele e agarrar-se-ia ao madeiro para não cair.

— Somos cristãos, tal como vós — o negro levantou-se, cada vez mais seguro da sua posição.

Cabral não duvidou. Ao seu pescoço, baloiçava uma cruz de madeira, feita à maneira dos Congueses, um homem de braços abertos emoldurado por quatro ripas. Mesmo não trajando o vestuário que os negros cristãos normalmente usavam, não teve dúvidas de que, no mínimo, era baptizado. E por falar em vestuário, mais um sinal de que eram homens poderosos: por cima do pedaço de pano tosco amarrado à cintura e caindo até ao meio das coxas, que a maior parte dos negros usava, três deles envergavam ainda um tecido que lhes tapava as pernas, preso por um cinto trabalhado. Aos ombros, usavam uma capa que tombava até aos pés e à frente, como se de um avental se tratasse, cada um deles ostentava a pele de um animal diferente: civeta, marta e lontra, respectivamente.

Suor frio inundou-lhe a fronte. Como se metera em semelhante sari-lho? Será que se os deixasse ir em paz o assunto ficaria arrumado? Ou iriam queixar-se ao monarca congues?

— Nosso tio é amigo d'el-rei — continuou o outro, como se lesse os pensamentos do português —, que não gostará de saber que fiéis súbditos foram tratados desta maneira.

Cabral encolheu-se. O preto até se atrevia a ameaçá-lo. O seu olhar dardejou entre as árvores, os seus homens, os negros emboscados e o filho,

como se esperasse que alguém o salvasse daquele embaraço. Foi então que fitou um dos prisioneiros, um dos fidalgos: mirava-o com uma expressão de desprezo e ódio, acentuada por uma cicatriz que lhe sulcava a face, do olho até à mandíbula. À luz da fogueira, parecia brilhar como se a ira do negro estivesse em ebulição por debaixo da pele, qual vulcão à beira da erupção.

— Podemos, claro, levar o assunto a el-rei Dom Diogo... — ronronou o negro, de braços cruzados, numa posição de desafio.

Cabral sentiu uma ira surda atravessar-lhe o corpo e a alma. Cerrou os punhos e trillhou os dentes. Como é que um preto miserável se atrevia a tentar intimidá-lo? Como é que um gentio, que, antes da chegada dos brancos, adorava qualquer pedaço de madeira que lhe parecesse ter uma forma mais peculiar, lhe dava ordens e o mirava com desdém?

— Duarte! Despe estes pretos e amarra-os!

Cabral e o negro entreolharam-se espantados. O primeiro porque, só depois de falar, compreendeu que fora ele que proferira a ordem e o segundo porque não contava com tamanha reviravolta. Os guerreiros, por seu lado, sorriram de alívio e entregaram-se à tarefa com prazer. Compreendiam o suficiente de português e tinham seguido a troca de palavras com apreensão. Talvez a comitiva emboscada não se atrevesse a vingar-se dos homens brancos, porém certamente que não deixariam que o clã que os ajudara ficasse impune pelo atrevimento.

— Mas... — gaguejou o negro, olhos arregalados de espanto. — Ouvistes o que disse? Somos filhos de... Eu chamo-me Dom Nzuau, aquele — apontou para o negro da cicatriz, que fitava intensamente cada um dos homens que o despia como se pretendesse gravar bem as suas feições para que nenhum escapasse à sua vingança — é Dom Mpetelu e o outro — indicou um rapaz que se esforçava por manter uma atitude digna, mas que estava claramente assustado — é Dom Mbelenadu. Somos cristãos!

Cabral reconheceu as deturpações que os Congueses cometiam ao pronunciar os nomes adoptados aos portugueses. João, Pedro e Bernardo. Era indiferente. Traçara um plano audacioso e desesperado. Ao invés de regressar a casa com meia dúzia de escravos e um novo inimigo, iria deportá-los a todos, homens livres ou não, e tomaria as providências necessárias para que ninguém soubesse o que fizera. Apesar de ser um plano com falhas, pois talvez não fosse possível guardar segredo do que se passara ali quando tanta gente estava a par dos acontecimentos, certamente era melhor do que ter os sobrinhos de um chefe poderoso atrás de si, empenhados em vingar a afronta. E, claro, ainda retiraria algum lucro da malfadada expedição.

— Somos crist...  
O português bateu-lhe com o cano do arcabuz, calando-o.  
— Ouviste, Duarte? Agora qualquer preto maltrapilho, morto de fome e coberto de piolhos, ostenta o título de dom?  
Os guerreiros da escolta riram com prazer.  
— Duarte... Dom Duarte, Sua Alteza, quando estiverem todos amarrados, trazei-os.  
O negro riu sonoramente, soltando grunhidos de prazer e revirando o gorro entre as mãos.  
— Dom Duarte! Passo a chamar-me Dom Duarte! — grasnou para os outros.  
Cabral sorriu e internou-se por entre as árvores, com o filho atrás.  
— Pai, achais prudente...  
O português ergueu uma mão para cortar a objecção.  
— Se tens um plano melhor, fala.  
Quando Afonso permaneceu calado, Cabral virou costas. Preparava-se para se afastar, quando deparou com o guerreiro que mandara atrás do homem que abandonara o acampamento antes do ataque.  
— Então? — ladrou.  
— Sen... senhor — gaguejou, assustado —, já o tinha agarrado quando o rice... rinoceronte apareceu. Carregou sobre nós e tive de o soltar. Quando a besta foi embora, não consegui voltar a encontrá-lo. Eu julgo que...  
— Eu julgo é que tu és um inútil! — bradou Cabral. O seu plano começava a desmoronar-se. — Marcha forçada até Pinda. Temos de lá chegar antes de o fugitivo dar o alarme.

Os dias seguintes transformaram-se numa corrida contra o tempo, mas, por entre gritos, ameaças e bastonadas, conduziu-os de volta a Pinda e entregou-os ao seu sócio, que trataria de os baptizar e embarcar para São Tomé, sem qualquer percalço. Depois de lhe contar o sucedido e instruído para largar o mais depressa possível, ordenou ao escravo:

— Duarte, vai buscar a minha mulher e filhas. Não confio que aqui estejamos em segurança. Vamos para o enclave fortificado dos portugueses em Mbanza Congo, até compreender o que se passa e perceber se alguém nos persegue.

— Senhor? — inquiriu o negro, nervosamente. Detestava quando o seu mestre falava demasiado depressa e usava muitas palavras.

— Vai buscar a minha mulher e filhas, seu inútil!

O escravo sorriu. Assim, já compreendia.

Aproximou-se dos guerreiros que constituíam o seu pequeno exército

privado, homens recrutados numa aldeia ali perto e aos serviços dos quais recorria frequentemente, e disse:

— *Sei que pretendeis regressar a casa, mas pago bem àqueles que me escoltarem até Mbanza Congo.*

Retirou uma bolsa do cinto e mostrou uma mão-cheia de conchas, a moeda do reino. Aquelas eram das mais valiosas, recolhidas nas praias da ilha de Luanda. Os olhos dos homens brilharam de cobiça, mas todos fingiram desinteresse. Após muito regatear, Cabral acordou um preço e, sempre acompanhado de Afonso, dirigiu-se à esposa e filhas, que aguardavam à sombra de uma árvore.

— Que se passa? — começou a primeira, e o português percebeu que a mulher se preparava para se lançar numa longa discussão. — Primeiro, arrançais-me à minha fazenda em São Tomé e, agora, sou informada de que tenho de me apressar para o interior deste reino horrível! — atrás dela, as filhas acenavam a sua concordância, como marionetas. — Nem sequer posso fazer as malas e...

— Não tenho tempo para explicações — cortou Cabral. — A situação é grave, corremos perigo de morte — fez uma pausa para que as suas palavras produzissem efeito nas mulheres, mas a expressão destas manteve-se inalterável. Aparentemente, era pior aparecer na capital conguesa sem roupa a condizer do que perder a vida. — Apressai-vos! — rosou o português, frustrado. — Aqueles escravos carregam-vos, para não cansardes os vossos delicados pés.

Apontou para diante, onde um grupo de negros verificava os paus que serviriam de transporte às mulheres.

— Não vou ali sentada, como uma peça de carne! — latiu uma das filhas. — E se cair? Não há uma carruagem? Ou...

— Podes andar! — trovejou Cabral, já farto da discussão e impaciente com o atraso. Virou costas e apercebeu-se de que o filho se preparava para ficar junto da mãe. — Tu vens comigo.

O rapaz obedeceu visivelmente contrariado. Aproximou-se de cabeça baixa e a arrastar os pés.

— Chega uma altura em que os pintos têm de deixar o ninho — sibilou o pai.

Afonso corou, mas nada disse.

Por fim, iniciaram a marcha. Cabral colocou-se na retaguarda da coluna, longe do queixume das mulheres. Passaram por ribeiros, aldeias, vales, hortas, até que o Sol começou a descer no horizonte.

— Onde vamos passar a noite? — perguntou a filha mais nova, que ordenara aos escravos que a transportavam que se mantivessem ao lado do pai e o encheria de perguntas sobre tudo o que via.

— Numa aldeia de um clã amigo.

— Como aquela? — insistiu, dedo apontado para algumas casas mais adiante.

— Não, aquela está abandonada — esclareceu Cabral, agradado com a curiosidade da filha e, simultaneamente, decepcionado por não ser Afonso a mostrar tanto interesse. — O teu irmão vai-te explicar porque é que tal aconteceu.

Afonso piscou repetidamente os olhos como um homem que desperta abruptamente, e fitou alternadamente a irmã e o pai. Este, julgando que o filho não ouvira a pergunta, preparava-se para a repetir, quando aquele disse:

— Podem abandoná-la por vários motivos, como um aumento inexplicável de mortes ou a queda de um raio. Além disso, sempre que o chefe morre, é tradição deixar o local e reconstruir noutro sítio, passando a primeira aldeia a servir de cemitério.

Foi a vez de Cabral piscar os olhos, surpreendido. Talvez ainda houvesse esperança para aquele pintainho, considerou.

A coluna virou para outra povoação mais adiante e aproximou-se lentamente. À medida que as mulheres se apercebiam dos pormenores da aldeia, das pequenas cubatas feitas de capim, da pequena sebe que formava um pequeno labirinto em seu redor e que servia igualmente de paliçada, dos negros que os fitavam, cheios de curiosidade, redobraram os protestos.

— Esta gente nojenta não se afasta? Saiam! Desapareçam!

— Vou sujar a roupa neste chão coberto de lama e bosta!

Cabral ignorou-as. Sabia que o pior estava para vir.

Não se enganou.

— É nesta cubata que vamos dormir!?

— É feita de canas e capim!

— Não tem janelas! Só uma porta!

— E é muito baixa! E pequena!

— Tem uma fogueira no centro! Está cheia de fumo!

— A cama é esta esteira suja e cheia de baratas!?

O português sentiu uma vontade louca de rir, mas conteve-se. Dirigi-se para uma cubata ali perto e sentou-se, exausto, enquanto Duarte acordava um preço com as mulheres da aldeia para que estas preparassem uma refeição.

— Duarte — chamou, alto o suficiente para a esposa e filhas ouvirem —, diz-lhes que desta vez não queremos que nos sirvam ratos, cobras ou gafanhotos.

As portuguesas soltaram pequenos guinchos de terror e nojo e Cabral sorriu com prazer. Em seu redor, galinhas debicavam a terra, em busca de



vermes, adiante, os aldeões recolhiam as ovelhas e cabras, crianças corriam por todo o lado, em barulhentas brincadeiras...

Despertou já a Lua ia alta no céu. Adormecera e Duarte e Afonso não se tinham atrevido a acordá-lo, nem mesmo para que comesse. Levantou-se e ia entrar na cubata quando, como se a própria noite sofresse, um grito de dor cortou a escuridão.

Estavam a ser atacados!

## CAPÍTULO 7

### PORTO

— «QUEM COMER DA MINHA CARNE, JAMAIS TERÁ FOME», DISSE CRISTO!

A cama estremeceu.

— Matarei à estocada o Demónio dentro de vós, minha filha!

As tábuas gemeram ruidosamente.

— Não pararei enquanto não vos purificar do pecado! — rugiu João Cunha.

— Não pareis, mas calai-vos — ganiu a mulher, por entre gemidos de prazer. — Os vizinhos podem ouvir.

— Que nenhum servo do Diabo me faça calar! Que da minha boca nunca parem de jorrar palavras de fé e de glória a Deus nas alturas!

Penetrou a amante com tamanha força que se desequilibrou e teve de se agarrar à pele de couro na cabeceira da cama.

— Não estragueis a pele! — guinchou Maria da Ressurreição, ofegante, pernas enleadas à volta da cintura do padre. — É pele de... vaca... genuína... Custou... custou... coberta de verniz... labores... carmim e prata... carmim e prata... carmim e prata!

— Recebe a semente da fé! Que ela te limpe do pecado e te salve a alma!

Com estas palavras, o padre ejaculou violentamente. Grunhiu de prazer e deixou-se abater em cima da mulher.

— Saí de cima de mim. Sois muito pesado. E, da próxima vez, fazei menos barulho. Os vizinhos podem ouvir e ir chamar o meu marido.

— O teu marido estava muito ocupado a aparar a barba de um cliente. E disse-me que ainda ia demorar umas duas horas. Como dizia São João Baptista: «O trabalho afugenta a tentação e o pecado.»

— Haveis passado por...? Que estais a fazer!? — sibilou a mulher. — Estais a limpar o vosso instrumento nos cortinados da cama!?

— Para que quereis vós uma cama de dossel? — o padre afastou-se rapidamente.

— Porque o meu marido gosta de mostrar aos vizinhos que é rico — respondeu Maria da Ressurreição, desprezo a transparecer-lhe na voz. — Ou, pelo menos, gosta de fingir, pois enquanto nós passamos fome

e vivemos de crédito, ele veste... Levantai-vos daí! Estais nu e ides sujar isso!

O clérigo apressou-se a erguer-se da arca, para de pronto ser fustigado com nova repreensão.

— Não vos aproximeis da janela — ladrou a mulher, empurrando-o para um canto onde um espelho o fitou, como se também o seu reflexo o repreendesse.

— Mas não tens cortinas? Assim...

— Mas são transparentes. Não sei se é boa ideia o que estais a fazer...

— Queres que mije no chão? — trovejou o padre, já farto.

Acabou de urinar, entregou o penico a Maria da Ressurreição, vestiu-se e dirigiu-se à cozinha. Aí, o rapaz deficiente rebojava na palha suja de lama. Vasculhou as panelas, tachos, sertãs, que repousavam numa prateleira na parede e soltou um grito de triunfo ao encontrar meio chouriço numa vasilha de barro, que começou a trincar com prazer. Acabou de comer, atirou o cordel na direcção do rapaz, que se limitou a fitar o objecto estupidamente, arrotou e anunciou:

— Venho confessar-te para a semana, à mesma hora.

A mulher assentiu distraidamente, já completamente concentrada na refeição que ficara ao lume, e o clérigo saiu.

O Sol aproximava-se do horizonte e João Cunha apressou-se na direcção da cidade. Teve o cuidado de evitar a Rua Nova, a mais movimentada e elegante artéria do Porto, pois constara-lhe que o bispo andava desagradado com ele e era sabido que a frequentava todas as tardes, à semelhança das pessoas mais respeitáveis da cidade.

As sombras já iam longas, quando ocupou o seu lugar habitual numa taberna da Ribeira, conhecida por ser frequentada por marinheiros de embarcações de passagem e indivíduos que preferiam manter-se longe dos olhares da justiça.

— Vinho, padre? — o taberneiro não levantou os olhos do prato que fumegava diante de si.

— Sim, mas desta vez não acrescentes água — espreitou a comida pousada no balcão e acrescentou:

— E um pouco desse estufado de coelho, também.

— E, depois, quereis que Ana vos faça companhia?

O padre hesitou. O homem referia-se à filha, que ali prostituía. O seu olhar percorreu o estabelecimento. Estava quase cheio, com os clientes habituais: marinheiros cansados, mas felizes, de regresso desse monstro devorador de homens que era o Mar Oceano. Gastavam o dinheiro antes de embarcarem para as águas irascíveis do Norte, para as calmarias mortíferas do equador ou para a Índia, onde a fortuna aguardava aqueles que não paga-

vam com a vida a ousadia de tentarem tão louca travessia. O desespero que o padre via nos seus olhares vinha de saberem que alguns nunca mais se voltariam a aquecer à beira da lareira, a beber tranquilamente uma caneca de vinho ou a acariciar as coxas suaves de uma mulher. Um dos marinheiros discutia acaloradamente o preço com a filha do taberneiro, sentada ao seu colo, que, aos poucos, vencida a sua resistência fazendo uma dose apreciável de carne alva saracotear debaixo dos olhos do homem. Mais ao fundo, outra rapariga conduzia um homem de aspecto soturno para umas escadas que subiam para o andar superior. Era uma órfã acolhida anos atrás, para servir de “criada de mesa e de cama”. No andar de baixo do prédio, funcionava o estabelecimento, no intermédio existiam três quartos, um para o taberneiro e esposa, outro onde se encavalitavam as duas raparigas e dois rapazes durante a noite — o outro filho do casal partira havia muito para a Índia —, e um terceiro para os clientes, e, por cima, morava o senhorio, que escolhera habitar no último andar por ser o que menos dinheiro lhe renderia caso o arrendasse.

— Obrigado, bom cristão, mas até um servo de Deus tem de descansar ocasionalmente.

Riu da própria piada, atravessou a sala e sentou-se numa mesa onde já se encontrava um homem, que fitava atentamente as chamas, como se estas partilhassem um segredo somente com ele. Levantou os olhos para o clérigo, acenou em reconhecimento e voltou à sua contemplação.

— E, então, irmão? Que decidistes? — perguntou João Cunha.

O outro encolheu os ombros.

— Sabeis que haveis agido mal e que o que vos peço vos salvará a alma? Já dizia Jezebel, nas suas cartas aos Efésios: «Aquele a quem tudo é dado, tudo será pedido.»

— Mas quinhentos cruzados!? É uma fortuna! E que fiz eu? Salvei uma vida! — o homem abanou a cabeça, incrédulo.

— Mas havei-lo feito sem que o enfermo estivesse preparado. Sabeis bem que muitos males do corpo provêm do pecado e que as constituições mandam que os físicos não curem os seus pacientes sem antes os mandar confessar.

— Mas era um caso grave, em que tinha de agir rápido!

— Homem de pouca fé! — trovejou o padre, o que fez várias cabeças virarem-se na sua direcção. — Que interessa salvar o corpo, se a alma está condenada?

— Mas quinhentos cruzados!?

— Que é o dinheiro comparado com as chamas eternas? Mas se achais que a módica quantia que vos peço para entregar como esmola a São João é

demasiada, não o façais. Talvez consigais comprar um escravo às portas do Inferno, para vos abanar se o bafo do demónio for muito intenso.

O físico estremeceu.

— Talvez... talvez possais... esquecer que eu o fiz. Assim não seria ex-comungado.

— Mas é precisamente isso que vos ofereço. Esquecer-me-ei se São João for agraciado com uma esmola, para provir aos pobres — agarrou a caneca de vinho e bebeu-a de um trago. — Mais! — acenou ao taberneiro.

— Não... que... queria dizer, sem ter de pagar... oferecer esmola...

— Sou vosso amigo, preocupo-me com o vosso bem-estar e vós desprezais a mão que se estende para vos ajudar — baliu o padre. Lágrimas bailavam-lhe nos olhos, como se fosse ele que estivesse às portas do Inferno. — Já dizia Abraão a Caim: «Podeis esconder os vossos crimes, mas Deus tudo vê, tudo sabe.»

O físico meteu a cabeça entre as mãos, desesperado.

— Arruinado... Arruinado... Terei de pedir crédito... — dizia, enquanto se levantava e cambaleava para a porta.

— Vereis que não há nada que pague a salvação da alma.

João Cunha comeu a refeição com prazer, empurrada por várias canecas de vinho. Quando já tinha terminado e se esforçava por aclarar as ideias, perdidas na neblina do álcool, um homem sentou-se à sua mesa. Não o reconheceu logo e limitou-se a fitar estupidamente a cara feia e barbuda, coroada por uma dentadura proeminente que lhe conferia um aspecto equino.

— Então?

— Está tratado — respondeu o padre, só então reconhecendo o homem como sendo um amigo de um amigo, interessado em ser nomeado tutor de uma rapariga de vinte e dois anos, ainda menor de idade, cujos pais tinham morrido sem indicar quem queriam que olhasse por ela. — O juiz dos órfãos meu amigo concorda em colocar à vossa responsabilidade a educação da rapariga.

— E o património?

— E os bens e dinheiro que herdou, claro.

O rosto do homem abriu-se num sorriso carregado de dentes podres.

— Graças a Deus que tudo se resolveu. Só é pena que essa rapariga seja tão feia. Não admira que ainda esteja solteira.

— E vós sois belo como uma manhã de Verão — troçou o padre. — Mas não penseis mais nisso. Ninguém vos pede para casar com ela — atalhou, ao notar que o outro franzia o sobrolho, indeciso se o comentário fora um insulto. — Quando colocardes as vossas mãos no seu património, vereis que vos parecerá a mulher mais bela do mundo. Agora, lembrai-vos da nossa combinação...

— Claro, claro — respondeu o outro, com relutância.

— Nem é bem uma combinação, é mais uma prenda que vos ofereço, em troca da graça que Deus concedeu a vós e a essa rapariga afortunada — cantarolou o padre, com voz melosa. — Trata-se de um conjunto de peças em ouro vindas de além-mar, dos povos gentios do Novo Mundo, dos Incas, para ser mais preciso. Tudo o que peço são mil cruzados, pelas despesas em que incorri na sua compra e transporte.

O corpo do homem ficou hirto como uma vara.

— Mi!?!... Mas tínhamos combinado oitocentos! E como vou eu fazer para que o juiz não dê pela falta de mil cruzados quando for fiscalizar?... — Calou-se, lívido de indignação.

— Tende calma, bom homem. Para começar, trata-se de um investimento. São peças que vendereis facilmente por mais de três mil cruzados — a expressão do outro suavizou-se ligeiramente. — Por outro lado, o meu bom amigo juiz não é avesso a uma... gratificação, como agradecimento por vos ter designado tutor. E decerto que essa amabilidade ajudaria a que encarasse essa compra como um bom negócio e não como um desfalque. Por último, tal quantia é uma ninharia em comparação com o valor do património dessa rapariga — concluiu o padre, encerrando a discussão com uma grande golada de vinho.

— Bem... sendo assim... Concordo — concedeu o outro. — Que comestes? Coelho? Tem bom aspecto. Vou pedir para mim também.

— Que vos faça bom proveito, bom homem. Peço que me desculpais, mas tenho de ir. O trabalho de Deus nunca está feito. Uma noite santa na paz dos anjos.

Levantou-se e aproximou-se de um homem que lhe acenava discretamente da porta.

— Padre, chegou a... encomenda.

O clérigo, que gostava de o irritar, disse, sem rodeios:

— Os artefactos Inca, em ouro e prata, que o vosso amigo castelhano conseguiu desembarcar, às escondidas das autoridades, nos Açores?

A cabeça do contrabandista dardejou em todas as direcções.

— Não devíeis falar tão abertamente — admoestou, já no exterior. — Trata-se de contrabando que não passou na alfândega.

O padre riu.

— Não vos preocupeis, Deus está a par de todos os vossos negócios à margem da lei.

— São também vossos...

— Meus!?! Acaso julgais que o ouro é para mim? Ficai sabendo que servirá para alimentar pobres e curar enfermos!

— Claro, padre, claro — anuiu o outro, com um sorriso trocista. — E

tendes com que pagar? — acrescentou rapidamente, antes que João Cunha protestasse.

— Terei em breve os vossos quatrocentos cruzados.

— Quinhentos!

— «Deitar-vos-eis na vossa enxerga de ouro e assareis nas fogueiras de Satanás», dizia Pedro aos Fariseus.

O outro ia ripostar, quando o sino da porta do Olival deu uma badalada. Era o toque do recolher. O homem sorriu e afastou-se, imitado pelo padre, que começou a caminhar na direcção oposta.

José Cunha acendeu um archote e, com passos incertos, internou-se por entre as ruas sujas e estreitas. Foi só passado um bocado que se apercebeu do cheiro nauseabundo que o seguia. Chegou a chama junto ao pé e viu-o coberto de bosta de cavalo.

— Sentar-se-ão no regaço do Demónio todos os que não limpam o que os seus animais deixam para trás! — sentenciou, em voz alta, ao mesmo tempo que brandia um punho para a escuridão.

Alguém, num prédio em redor, soltou uma gargalhada, o que teve o condão de irritar ainda mais o padre.

— «Das profundezas da trevas, os servos da escuridão rirão e insultar-vos-ão, mas não se atreverão a aproximar-se da vossa luz», disse o anjo Gabriel a Macabeu.

Ninguém respondeu.

— Que dizeis agora? — bradou. Aproximou-se da janela mais próxima e bateu com força nas portadas. — Não vos ris?

— Fazei silêncio, por favor — pediu alguém, do interior. — Há aqui um bebé que já dorme.

— «Não calarão as palavras que saem da vossa boca, pois elas são proferidas por Mim. E amaldiçoado aquele que ousar interromper-vos», disse Moisés ao filho, Isaac — vociferou.

— Por favor... Não nos incomodeis.

— Não vos escondais por detrás destas portas! — rugiu, cada vez mais irritado. A bebedeira fê-lo cambalear e teve de se apoiar à parede. — Que temeis? Acaso sois judeu? Estais a lavar o sangue de Cristo das vossas mãos? Não sai tão facilmente.

Uma discussão irrompeu dentro da casa.

— Judeu, porque nos atormentais, pobres cristãos? — baliu João Cunha, braços erguidos para o céu. — Porque foi que el-rei Dom João II vos recebeu quando os monarcas de Castela vos expulsaram? Olhai as desgraças que haveis causado: o herdeiro morreu e a peste irrompeu pelo reino...

As portadas abriram de par em par e um homem de idade, cabelo levantado, trovejou:

— Sim, somos cristãos-novos, mas tememos mais a Deus do que alguns dos velhos. E que culpa têm os meus avós que o príncipe Dom Afonso tenha caído quando cavalgava de mão dada com o seu aio e morrido? Tal imprudência...

— ... E quando saístes da judiaria e vos mudastes para a Ribeira, o trigo, castanhas, milho lá desembarcados ficaram ao ar livre, à mercê do tempo e dos ladrões, porque vós açambarcastes os armazéns que havia na zona — continuou João Cunha, como se não o tivesse ouvido.

— Por causa das leis que el-rei Dom Manuel... — um ataque de tosse cortou a palavra ao judeu convertido.

— É Deus que vos impede de blasfemar contra os nossos ilustres monarcas — vociferou o padre, dedo em riste. — E não estando satisfeitos, pedistes à Câmara que vos permitisse regressar às vossa antigas casas, aqui, na rua de São Miguel. Para tal, chegastes ao cúmulo de prometer construir uma igreja e calçar as ruas. Pois bem, que é feito da igreja? — olhou em redor, em busca do templo. — Onde está ela? E ainda vos admirais que a Inquisição vos persiga? Sabeis qual é a pena por simular a conversão? Eu digo-vos! O herege é torturado na roda ou esfolado vivo por meio de tenazes em brasa. Só depois é queimado na fogueira. Se o carrasco estiver bem-disposto, talvez vos estrangule primeiro e vos poupe à imolação. Que dizeis?

Mas o homem não estava em condições de responder. Agarrado ao peito, tossia violentamente cuspiam uma baba espessa.

— Isso, expulsai o pecado. Diz a bíblia que...

Um rapaz assomou à janela e puxou o idoso para dentro.

— Deixai o meu pai em paz. Não tendes vergonha? Não vedes que está doente? Ficai sabendo que somos tão devotos como qualquer cristão-velho. Podeis encontrar-nos na missa todos os dias e ficai sabendo que nunca faltámos com nenhum pagamento para a igreja.

E fechou as portadas sem esperar por resposta.

O padre, furioso que lhe tivessem cortado a palavra tão abruptamente, urinou abundantemente contra a parede.

— Eu vos purifico, em nome de Deus! Que os vossos erros sejam lavados!

Ao compreender que a provocação não obtinha resposta, olhou em redor, em busca de novo alvo. Encontrou-o do outro lado da estreita rua, no andar superior, na pessoa de um homem de meia-idade que assomara à janela para seguir a discussão.

— Conheço-vos! Vejo-vos de peito inchado, mas sei bem que durante o dia vos arrastais por casa, como uma galinha choca.

O interpelado, subitamente debaixo de fogo, fechou apressadamente as portadas.



— Vinde cá fora, ou tendes medo? Se não saís durante o dia, como fazem os homens respeitáveis, também não o fareis de noite, bem sei.

Atirou duas pedras às portadas, que permaneceram teimosamente fechadas. A praguejar baixinho, começou a afastar-se. As ruas estavam mergulhadas na escuridão da noite sem luar, somente quebrada pelo ténue tremeluzir de uma lamparina de azeite no interior de uma ou outra casa ou uma vela acesa diante do nicho de um santo. A névoa que envolvia a mente do padre dissipou-se ligeiramente e foi substituída por preocupação. Era do conhecimento de todos que bandidos patrulhavam as ruas desertas e escuras, em busca de...

Virou-se subitamente. Ouvira um som... Perscrutou a escuridão e viu-se diante de dois pontos vermelhos que o fitavam gulosamente.

— Satanás! — berrou. — Afastai-vos! Voltai para o vosso covil!

O gato miou de desprezo e saltou para o telhado por detrás, desaparecendo entre os beirais.

— Ainda não vos calastes? — ladrou um homem, abrindo uma janela com violência. — Ide dormir!

João Cunha conhecia-o. A resposta não se fez esperar.

— Castelhana excomungado! — bradou. — Ide dar ordens na vossa terra! Já esqueceste Aljubarrota? Quereis que chame uma padeira para vos avivar a memória?

— Não sou castelhana, sou galego. E ficai sabendo que...

— Ainda estais a falar? — cortou o clérigo, apontando um dedo ameaçador ao outro. — Não sabeis o que diz o ditado? «Todas as coisas boas que vêm de Castela são as que não falam.»

O interpelado abriu a boca para responder, mas reconsiderou e fechou as portadas com violência.

— Isso, fugi! Fugi, que a padeira vem aí!

Brandiu um punho para as alturas e aguardou que o outro regressasse. Ao compreender que tal não ia acontecer, retomou o caminho. Ainda não tinha chegado ao final da rua, quando ouviu novo barulho. Virou-se a tempo de distinguir um vulto que caminhava na sua direcção. Apreensivo, enveredou por uma artéria lateral. Eram muitas as histórias que conhecia de roubos, ou pior, cometidos na calada da noite, quando Deus e os homens dormiam o sono dos justos. Olhou em redor, em busca da protecção dos quadrilheiros, mas não viu ninguém. Virou para outra rua e encostou-se à parede, coração a bater descompassado e olhos esbugalhados de medo. Espreitou e ali estava o vulto, na sua peugada, como um cão atrás da lebre.

— Aqui del-rei! — bradou, na esperança de atrair a atenção dos quadrilheiros ou, no mínimo, de fazer sair alguns vizinhos de suas casas, obrigados por lei a acorrer à voz de socorro.

Nada aconteceu.

— Ides todos arder no Inferno — ameaçou, para a escuridão.

Estugou o passo e em breve corria. Virou à esquerda e, depois, à direita, escorregou num monte de esterco, largou o archote, levantou-se e recomeçou a sua corrida sem se preocupar em recuperá-lo, foi contra uma pilha de caixotes, contornou um chafariz, espezinhou um monte de lixo, espantou dois porcos que se tinham acomodado para a noite, tropeçou num buraco na calçada, foi perseguido por um rafeiro, dobrou uma esquina, depois, outra, estatelou-se no corpo de um cão que alguém atirara para a rua e, magoado no joelho, arrastou-se para um vão de escada.

O tempo arrastou-se, penosamente, até João Cunha se atrever a espreitar para a rua escura. Colocou a mão em concha em redor da orelha e escutou.

Silêncio.

Mais tranquilo, aguardou ainda algum tempo, aproveitando para massajar ao de leve o joelho dorido. Quando nenhum som suspeito lhe chegou aos ouvidos, quando estava certo que despistara o seu perseguidor, levantou-se e coxeou pela rua.

Não dera ainda dois passos, quando uma mão pousou no seu ombro.

— «Eu vos dei vida, defendei-a!» — gritou. — Livro do Génesis! — acrescentou, ao mesmo tempo que agarrava firmemente a mão do assaltante e empunhava uma faca.

— Esperai! Vós conheceis-me — implorou o bandido, esquivando-se à justa da arma.

— Co... conheço-vos?

— Sim, sou acólito na igreja onde dais missa. Estava à vossa procura.

— Pelas chagas de Cristo — vociferou João Cunha, simultaneamente aliviado e indignado. — Porque me perseguis à noite, sem tocha e com passos tão furtivos?

— Porque tive medo de ser emboscado por bandidos. E vós também, pelo que vejo. Mas, padre, se calhar teríeis preferido enfrentar um bando de gatunos... — respondeu o acólito, com malícia.

— Porquê? — perguntou o clérigo, desconfiado.

— Porque o bispo exige a vossa presença imediatamente.

## CAPÍTULO 8

### SÃO VICENTE

TOMÉ PIRES OBSERVAVA A PAISAGEM QUE SE ESPRAIAVA NO SOPÉ DA SERRA. OS SEUS olhos acariciaram as vilas de São Vicente e de Santos, situadas numa ilhota separada de terra por um estreito braço de mar, os canaviais de cana-de-açúcar, o azul do oceano.

— Finalmente — murmurou.

Estivera afastado muito tempo, demasiado tempo, perdido no sertão. Alturas houvera que se considerara morto, que se rendera ao desespero e só desejara entregar-se nas mãos do Senhor e terminar com o sofrimento, sempre sob o olhar de desprezo do velho bandeirante louco e do seu bastardo mameluco. Sorriu ao imaginá-los trespassados pelas flechas dos Tamoio e devorados como leitões em dia de festa. Sim, fora o último a rir, vingara-se e regressara.

Renascera.

— Luís — o escravo negro aproximou-se —, vou andando à frente. Leva os selvagens para o local combinado.

O interpelado assentiu e afastou-se, debitando ordens. Mesmo tendo a expedição sido patrocinada por um dos homens mais poderosos da povoação, não convinha avançar com os prisioneiros pela vila adentro como se de uma procissão se tratasse. Afinal, ainda estava em vigor uma proibição da Câmara e convinha manter as aparências. Era irónico que os mesmos que aprovavam essas resoluções, fossem os primeiros a quebrá-las. Afinal, com tantos índios a morrer de doenças, exaustão e abusos, com os colonos habituados a dispor de exércitos de gentios a caçar para eles e a cultivar as suas terras, de haréns de índias para se entreterem, como passariam se tivessem de prescindir desses escravos? A noção era aterradora para a maioria e, como tal, não poupavam quando chegava a hora de substituir os que morriam. Como os que eram vendidos na vila pelas tribos em redor eram insuficientes, restava somente uma opção: ir buscá-los. E, assim, nascera a expedição que Tomé Pires integrara, uma das muitas que Manuel Lobo liderara.

Nunca imaginara o sofrimento que teria de suportar. À medida que os

dias tinham decorrido, o pagamento prometido de milhares de réis, uma pequena fortuna, minguarda para algumas centenas, depois, dezenas, e, por fim, parecera-lhe que nenhum dinheiro pagaria a fome, frio, calor, chuva, doenças, ferimentos, batalhas que suportara. Quando o escrivão da expedição morrera afogado na travessia de um rio e quando ouvira uma conversa entre alguns índios que se tinham juntado à bandeira com o único fito de se vingarem da ofensa que Manuel Lobo cometera contra o irmão de um deles, um principal de uma aldeia, morto como um reles criminoso na boca de um canhão, parecera-lhe que Deus lhe sorria. Manobrou para nomear escrivão uma pessoa da sua confiança e tecera um elaborado plano de vingança com os índios insatisfeitos. Quando a oportunidade surgira, não a desperdiçara. Lobo fora deixado para morrer e os livros de registo registavam a morte de mais cinquenta escravos na dura caminhada pelo sertão. A sua vingança fora consumada e o seu pagamento substancialmente aumentado.

Estava de volta à civilização. Caminhava por entre canaviais de cana-de-açúcar e vislumbra, aqui e ali, as casas caiadas de branco, que o fizeram recordar as conchas de marisco empilhadas na praia, deixadas pelos índios que ali iam pescar e que delas se alimentavam, conchas que, mais tarde, tinham sido utilizadas pelos colonos portugueses para produzir a cal branca com que pintavam os edifícios.

Esboçou uma vénia a um cavaleiro que passava e, uns passos mais adiante, apercebeu-se de que aquele dera meia-volta e se pusera a seu lado. A sua mão desceu sub-repticiamente para a faca escondida entre os farrapos que lhe serviam de roupa.

— Desculpai... Tendes o aspecto de quem passou muito tempo afastado. Estais com Manuel Lobo?

Os pêlos da nuca de Tomé Pires eriçaram-se.

— Manuel Lobo? Ouvi dizer que estava de regresso de uma expedição ao interior — num relance, abarcou as ricas roupas do cavaleiro, os anéis em redor dos dedos, o cabelo cuidadosamente aparado e o puro sangue que montava. Decidiu que não se assemelhava a um meirinho enviado para o conduzir ao calabouço. — Posso cometer a indelicadeza de perguntar a vossa mercê qual o vosso interesse?

— Digamos... digamos que tenho um negócio a propor-lhe que talvez lhe interesse.

O cavaleiro mexeu-se na sela, pouco à vontade, e Tomé Pires compreendeu que o assunto, talvez, não fosse totalmente legal.

— Sou um companheiro desse grande bandeir... explorador — fingiu enganar-se na palavra e quando o outro acenou em concordância, continuou:

— Tenho a dolorosa tarefa de informar que Manuel Lobo pereceu

num ataque à traição dos índios, quando regressava de uma expedição em busca de... ouro. Que a sua alma descansa em paz.

A expressão do desconhecido contorceu-se em indecisão e angústia e o cavalo, ao sentir o conflito interior do dono, revoltou-se no lugar.

— Quietos — ordenou o cavaleiro. — E não há mais ninguém com as suas características, com o seu conhecimento da floresta e dos hábitos dos bárbaros? Alguém que esteja disposto a liderar nova entrada no sertão, em busca de... de riquezas?

— Talvez haja... Quereis dar-me pormenores? Onde estão essas riquezas? Que receberia esse explorador em troca?

O cavaleiro, farto de tantos eufemismos, decidiu deixar-se de rodeios. Olhou em volta e, ao não ver ninguém, declarou:

— El-rei Dom João III decidiu fundar uma colónia na foz do Rio das Amazonas. Toda a área é vista como a porta de entrada para um território cheio de tesouros. Dizem que os últimos Incas se refugiaram ali, levando com eles uma imensa fortuna, que existe um reino onde o rei se banha coberto de ouro, enfim... — abriu as mãos, para indicar que existiam infindáveis boatos. — Até hoje, ninguém sabe se tais rumores são verdadeiros, mas dada a infinidade de riquezas que dizem lá existir, alguns devem ser. El-rei decidiu chamar a si a tarefa em vez de a delegar em terceiros. Isto porque o capitão ao qual foi inicialmente atribuída a donataria da região do Maranhão, que terminava na foz do grande rio, naufragou nessas costas e os poucos sobreviventes maltrataram de tal maneira os Índios que estes, ajudados pelos franceses, se rebelaram e os expulsaram.

— A foz do rio das Amazonas... Dizem que já está fora da metade que nos foi concedida pelo Tratado de Tordesilhas.

O cavaleiro encolheu os ombros.

— É possível, mas como não há maneira fiável de determinar a longitude, ninguém o pode garantir. O que se sabe é que quem lá chegar primeiro, estará em posição extremamente vantajosa para reclamar todo o território. E el-rei quer que seja Portugal. Como os Castelhanos já fizeram algumas incursões na área, foi decidido fundar lá uma colónia, o mais depressa possível.

— Compreendo. Como se chama?

— Eu?

— Vossa mercê, desculpai. Não me fiz explicar bem. A colónia, como se chama?

— Nova Lisboa. Se tudo correr como se espera, tornar-se-á o porto de partida para as riquezas do rio das Amazonas e a porta de entrada para o reino do Perú. E, claro, servirá para ancorar as nossas pretensões quando reclamarmos todo o território para Portugal.

Tomé Pires acenou em concordância, tentando ganhar tempo. Não percebia ainda qual era a ligação da história com um bandeirante como Manuel Lobo, mas o que era claro era que o homem diante de si estava bem familiarizado com a corte e a alta política do rei. Decidiu que teria de ter cuidado com o que dizia, para não se comprometer.

— E que tem... teria Manuel Lobo que ver com Nova Lisboa, vossa mercê?

— Bem, digamos que os grandes planos, por vezes, perdem-se devido a pormenores. A colónia não começou da melhor maneira. Tal como aqui, tenho alguns interesses lá, uma fazenda de cana-de-açúcar. Que não funciona sem trabalhadores.

Tomé Pires contemplou os canaviais de um lado e outro da estrada, baloiçando suavemente ao vento. Ao longe, um exército de escravos afadigava-se de volta de um engenho, na penosa tarefa de os triturar. Se os nativos tinham, inicialmente, colaborado no derrube de árvores, limpeza de mato e construção do engenho, quando lhes fora pedido que conduzissem os bois, fizessem rodar as prensas e fervessem o melaço, haviam recusado peremptoriamente. Cada engenho necessitava de mais de cem escravos e implicava trabalhar longas horas durante o calor do dia e não dispor de tempo para caçar ou conviver. Para os índios, habituados a partilhar o que tinham com os familiares e membros da comunidade, trabalhar para outros era incompreensível e aberrante. Como se tal não bastasse, consideravam o trabalho agrícola tarefa de mulher, imprópria para os homens. Depois do fascínio inicial dos tesouros trazidos pelos portugueses — como tesouras, anzóis, facas, enxadas — ter passado, os gentios tinham recusado exercer essa dura tarefa, mas com as esfomeadas plantações a exigirem alimento, não restara outra alternativa a não ser forçá-los a trabalhar. Se, inicialmente, se procedera à compra de prisioneiros, capturados nas intermináveis guerras entre os nativos, e sua colocação nos engenhos — afinal, não era melhor viver uma vida de escravo do que ser executado e devorado pelos inimigos? —, cedo se tornara claro que a morte os levava mais depressa do que era possível repô-los. O passo seguinte fora incitar as tribos umas contra as outras. Quando tal continuou a não ser suficiente, nada mais restara a fazer a não ser capturá-los e escravizá-los.

— E em redor de Nova Lisboa, não há índios? Podeis sempre aprisioná-los e alegar justa guerra, permitido por lei, que os gentios se preparavam para atacar...

Interrompeu-se quando o cavaleiro negou vigorosamente com a cabeça.

— Nota-se que estivestes fora vários meses. O ano passado el-rei nomeou como governador do Brasil Tomé de Sousa. Este fundou a sua capital em Salvador da Baía e trouxe com ele um regimento, as instruções del-rei — remexeu-se

na sela, como se o que fosse dizer o incomodasse profundamente. — Nelas se declara que o principal propósito da colonização do Brasil é a conversão do gentio e que, como tal, é imperativo protegê-los e impedir a escravização ilegal. A pena para quem desobedeça é a morte e a perda do seu património, em que metade será destinada à redenção dos cativos e a outra metade a quem acusar o prevaricador — passou a mão pela testa, como se ter proferido tais palavras lhe provocasse dor de cabeça.

Tomé Pires encolheu os ombros.

— Há tantas maneiras de contornar a lei, ainda para mais estando tão longe de Portugal...

— Sim, de facto — concordou o cavaleiro. — O próprio regimento permite a atribuição de licenças em tempos de necessidade e ordena que se faça a guerra contra tribos hostis, consentindo a escravização dos índios nela capturados. Mas...

— Então, nesse caso...

— Mas, em Nova Lisboa, não é possível recorrer a estes expedientes. É que, no mesmo dia que desembarcaram os primeiros colonos, também chegou a maior praga que, na minha opinião, esta terra há-de conhecer. Refiro-me aos Jesuítas, que desde logo ergueram uma missão nas redondezas, para melhor converter o bárbaro, e que escrevem cartas atrás de cartas de protesto a el-rei sempre que um cristão não se prostra pelo solo à passagem de um índio. E o pior é que Dom João III lhes dá ouvidos e impõe que não haja qualquer contacto entre os colonos e os gentios até os Jesuítas os darem como aptos a conviver connosco.

O cavalo resfolegou e bateu com a pata no chão, também ele partilhando da indignação do cavaleiro.

Tomé Pires reflectiu brevemente na informação e não gostou das nuvens negras que vislumbrou no horizonte. Com a expedição ao sertão não só desobedecera às ordens do capitão donatário como, de acordo com o regimento de Tomé de Sousa, incorria no risco de ser condenado à morte.

— A ideia é que Nova Lisboa seja um modelo de cooperação entre os Índios e os cristãos, um exemplo a seguir em todo o território. O passado já mostrou qual a reacção dos gentios quando se sentem abusados e insultados — continuou o cavaleiro. — Não sei se estais a par, mas a capitania da Baía de Todos os Santos tinha sido atribuída inicialmente a Francisco Pereira Coutinho, que lá fundou uma colónia no ano de Nosso Senhor de mil quinhentos e trinta e cinco. No início, os índios Tupinambá ajudaram na construção de engenhos e da povoação, mas quando os colonos reclamaram a terra que os gentios consideravam deles, quando exigiram demasiado trabalho dos bárbaros, estes revoltaram-se, destruíram as fazendas e sitiaram a povoação até Coutinho retirar e abandonar a capitania.



Tomé Pires, cansado da caminhada, desejoso de se encontrar com a viúva com a qual mantinha uma relação secreta e farto da história que parecia interminável, decidiu que já era altura de o outro revelar o que pretendia.

— Compreendo. Mas, afinal, qual é o papel de vossa mercê nisso tudo? E o de Manuel Lobo?

— Bem... Como disse, tenho negócios aqui, um engenho de açúcar — esboçou um gesto para os canaviais em redor — e outro em Nova Lisboa. Infelizmente, este não funciona sem mão-de-obra e importar escravos de África é demasiado dispendioso. Necessitava de alguém que viajasse até ao Rio Amazonas, o subisse e... convencesse alguns índios a vir trabalhar para nós.

Tomé Pires compreendeu imediatamente. A esperança do cavaleiro era que se os índios capturados proviessem de um território longe da colónia, os Jesuítas não levantariam problemas. Se o fizessem, poderia alegar-se que uma expedição que partira em busca do *El Dorado* fora atacada e que aqueles eram os agressores, hostis aos cristãos e, portanto, capturados numa guerra justa.

— E então? Aceitais? Preciso de alguém que conheça os hábitos dos gentios e tenha experiência no sertão. Estou em posição de conseguir um perdão para todos os que tenham, de alguma forma, cometido alguma ilegalidade no trato com os índios. Infelizmente, parto logo de manhã pelo que cavalgava ao encontro da expedição, que dizem na vila estar de regresso. Precisaria que vos decidísseis rapidamente.

O bandeirante, de pronto, se arrependeu de ter feito tantas perguntas. O cavaleiro tomara o seu interesse como aceitação e a sua expressão mostrava que ficaria desagradado com uma recusa. Pior, o facto de estar em condições de conseguir um perdão para os prevaricadores indiciava que se tratava de alguém poderoso, talvez um fidalgo próximo de el-rei. Se, por um lado, a perspectiva de ser agraciado com um perdão lhe agradava, por outro, não se sentia inclinado em mudar-se, ainda que temporariamente, para uma colónia que, a julgar pela descrição, parecia condenada ao fracasso.

— O grupo de índios que vivem na zona de Nova Lisboa falam o Tupi e, tudo indica, têm os mesmos hábitos que os Tupiniquim que vivem aqui em redor, que os Tamoio de Guanabara ou que os Tupinambá da Baía. Estareis familiarizado com eles, portanto. Posso ainda garantir que sereis pago generosamente e que não tereis nada que temer por escravi... conduzir os gentios para as nossas fazendas. Além de todos em Nova Lisboa se ressentirem da falta de servidores, ainda gozareis da minha protecção. Que dizeis?

O cérebro de Tomé Pires trabalhava furiosamente para encontrar uma saída para a situação. Não duvidava de que aquele cavaleiro cumpriria a pa-



lavra, que lhe pagaria generosamente e que o protegeria... Proteger? E se o seu empregador viesse a saber que traíra a sua confiança e desviara mais de cinquenta índios? Aí, estava certo, ninguém o protegeria. Tentou tranquilizar-se, convencer-se que não havia maneira de tal acontecer, que o escravo que sabia do assunto não o denunciaria, pois estaria a prejudicar-se a si também. Mas, havia sempre pormenores que escapavam e que... Passou a mão pelo cabelo e respirou fundo. Estava com medo de fantasmas. O lucro que o seu empregador obteria com os escravos seria magistral, mais do que suficiente para que não fizesse demasiadas perguntas. Além disso, não teria de pagar a Manuel Lobo, o que compensaria, de certa maneira, o desfalque.

Mais tranquilo, dirigiu-se ao cavaleiro.

— Terei de tratar de alguns assuntos. Irei ter com vossa mercê à vossa nau — mentiu.

— Muito bem — respondeu o outro, visivelmente aliviado. — Lembrai-vos, temos de partir impreterivelmente ao nascer do Sol. Atrasei-me muito na travessia do Mar Oceano, quando uma borrasca nos surpreendeu e avariou a embarcação. Peço que sejais pontual — fez uma vénia e afastou-se a trote.

Tomé Pires ficou a observá-lo até desaparecer numa curva. Teria de se esconder até que partisse. Se Deus permitisse, não conseguiria saber com quem falara — lembrou com alívio que nunca chegaram a apresentar-se mutuamente — e não sofreria retaliações.

A fazenda da viúva estava à vista e o bandeirante afastou do pensamento a sua pequena mentira e encheu a mente com o corpo quente da mulher. O rafeiro que guardava a casa desatou num ladrar histérico, pontuado com grandes saltos, à sua aproximação. Não pela primeira ponderou como é que o cão não se tinha estrangulado ainda na corda que o prendia, tanta a força que fazia para se soltar. Pior, corrigiu-se, como é que aqueles escravos e a viúva conseguiam dormir com aquele animal tresloucado que ladrava sempre que o vento sacudia as folhas nas árvores.

Alertada pelo chinfrim, a viúva assomou à porta. Tomé Pires quase deu meia-volta. Meses no mato a ter de saciar-se com índias tinham levado a sua imaginação a transformar a mulher branca, gasta pelo tempo e pelas adversidades, numa princesa de um conto de fadas. O regresso à realidade era doloroso e o desejo de se desenfadar das gentias esmoreceu.

— Quem sois? Que desejais?

Um escravo negro aproximou-se discretamente, caso fosse necessário defender a sua dona. Somente então, Tomé Pires tomou consciência do seu aspecto sujo e desganhado e compreendeu que estava irreconhecível aos olhos da mulher.

— Senhora, acabei de chegar do sertão, pela graça do Senhor. Tal como vos prometi, a minha primeira acção é vir inquirir sobre a vossa saúde.

A viúva arregalou os olhos de espanto e reconhecimento, que logo cederam lugar a alegria e luxúria. Com esforço, manteve o decoro.

— Folgo em ver que Deus vos trouxe de volta são e salvo. Seria uma grande honra que aceitásseis partilhar uma pobre ceia comigo. Se quiserdes lavar-vos e barbear-vos, podeis usar a bacia que se encontra nas traseiras. Providenciarei para que vos levem água quente.

O tom de voz revelava que não se tratava de um pedido.

Obedientemente, Tomé Pires deu a volta à casa e banhou-se e barbeou-se. Aceitou de bom grado as roupas que a viúva lhe enviou por um escravo, pertença do defunto marido, falecido num naufrágio quando atravessava o mar. Refrescado e sentindo-se como novo, deu a volta à casa, atirou uma pedra ao cão que lhe ladrava incessantemente e entrou.

A noite caíra e, no interior da habitação, que mais não era do que uma cozinha com uma minúscula divisão atrás que servia de quarto, a viúva acendia um par de velas. Assim que o viu, fez-lhe sinal que o acompanhasse para as traseiras.

— Como senti a vossa falta — declarou, assim que a porta se fechou. — Sonhei vezes sem conta com este momento. Naquela almofada — apontou para a cama —, derramei um rio de lágrimas, todas as noites que não regressáveis para mim.

Tomé Pires permaneceu em silêncio. Já não estava habituado àquele dramatismo e não se lembrava exactamente do que era suposto responder. Entretanto, a viúva já tinha despido o vestido e preparava-se para tirar a roupa interior.

— Que estais a fazer? Quereis pôr-vos nua à minha frente, como uma prostituta?

— Mas... mas quando estais com as vossas índias...

— Mas essas são gentias, vós sois cristã baptizada. Deixai-vos estar assim e apagai as velas.

A viúva obedeceu, contrariada.

O bandeirante entregou-se ao seu prazer. Havia muito que ansiava por aquele momento. Após meses no sertão, voltar para os braços daquela mulher era... uma decepção. Habitado às índias que se lavavam e perfumavam frequentemente, o corpo debaixo de si, que tresandava a suor e o hálito a alho e dentes podres, enojava-o. Como se não bastasse, a cada gemido mais sonoro da mulher, o cão respondia com uma série de uivos e latidos. E, para piorar as coisas, a sua mente insistia em fugir dali e rever a conversa que tivera com o cavaleiro. As palavras deste perturbavam-no, receava sofrer represálias por ter desobedecido às instruções da Câmara e

do governador, mesmo que não estivesse a par destas quando partira. Acima de tudo, o desfalque de escravos, um plano que, no mato, julgara genial, parecia agora, a poucas horas de prestar contas ao seu empregador, um acto louco e criminoso que cedo seria descoberto.

Com a sombra da forca sobre si, terminou rapidamente, rebolou para o lado e preparou-se para dormir. Talvez uma boa noite de sono lhe trouxesse alguma inspiração. Mas a viúva tinha outras intenções.

— Pensastes no que vos propus? Toda esta fazenda pode ser vossa.

Tomé Pires suspirou. Claro que pensara. Não pretendia casar com a mulher, a propriedade de que tanto se orgulhava pouco açúcar produzia e estava afundada em dívidas até ao pescoço. Ademais, ainda não desistira de tentar conquistar a filha de um dos juizes, que, além de ostentar o título de Dona, dispunha de património que lhe permitiria viver desafogadamente. Infelizmente, o pai não via com bons olhos a união da filha com um homem que era mais pobre do que um degredado e que, somente, tinha a seu favor ser filho de um fidalgo. E, mesmo assim, não de um fidalgo dos quatro costados, mas um que fora reconhecido como tal por el-rei, em recompensa pelos serviços prestados na luta contra os mouros. Talvez com a venda dos escravos desviados, o juiz mudasse de opini...

— Não me respondeis? — insistiu a mulher, visivelmente aborrecida, elevando a voz para se fazer ouvir por cima do cão.

— Sabeis que... — o bandeirante calou-se, sem saber o que dizer para ganhar ainda mais tempo. Recomeçou lentamente, tentando falar mais alto do que os latidos que vinham do exterior. — Sabeis que a vida no sertão pouco tempo deixa para reflectir... Mas que Diabo se passa com aquele bicho?

Benzeu-se, à laia de desculpa pela blasfémia, atirou as roupas para trás e dirigiu-se à cozinha.

— Deixai-o! Deve ser um dos índios que teve de vir à rua fazer as suas necessidades.

O bandeirante ignorou-a e espreitou pela janela. Inicialmente, nada viu, mas, depois, a lua cheia desmascarou um vulto que dava uma ampla volta em direcção à casa, para contornar o cão. De súbito, reconheceu o intruso.

— Lobo! Mas... Co... como!?

— Lobos? Aqui não há lobos — a mulher riu, mas a sua alegria esmoreceu rapidamente ao ver a expressão de pânico e medo estampada na cara do amante. — Onde ides? — perguntou, ao notar que aquele se vestia à pressa e abria a janela.

— Lembrai-vos, não me haveis visto — já com uma perna de fora, lembrou-se de acrescentar:

— Regressarei para vos buscar, para vos desposar. Sabeis que vos estimo mais do que à minha vida.

E fugiu.

Transido de medo, tropeçou pelos canaviais, sempre à espreita por cima do ombro, sempre à espera de ver surgir a lâmina que lhe tiraria a vida.

— Como é possível!? Eu matei-te! — queixava-se à noite.

Não parou para considerar que tinha metade da idade do velho bandeirante, que estava armado com uma espada, ainda que embotada pelos meses passados a abrir caminho por entre vegetação impenetrável, e que poderia defender-se, que era uma cobardia fugir como um cachorrinho assustado. Nada disso interessava. Tudo o que importava era estabelecer a maior distância entre si e o velho louco, vingativo, violento, amargo, invencível.

Enquanto caminhava de regresso a São Vicente, delineou um plano que resolveria todos os seus problemas. Na verdade, quanto mais pensava, mais se convenciu que Deus lhe estendera a mão para fugir ao demónio que o perseguia. Assim, chegado à vila, irrompeu pela casa onde julgava que encontraria Luís, o seu escravo negro, com a amante índia. Não se enganou, ali estavam eles, perdidos em luxúria.

— Veste-te — ordenou sem cerimónias, atirando-lhe umas bragas. — Tens trabalho que fazer. Não discutas, estamos em perigo. Lobo sobreviveu e está atrás de mim. Sai! — ordenou à índia.

Mesmo em pânico, os seus olhos colaram-se ao corpo jovem e bem torneado da gentia, quando esta marchou para a rua.

— Como é isso? — retorquiu Luís.

Em privado, o bandeirante permitia que o outro o tratasse com algum à-vontade.

— Não há tempo para explicações. Ele está vivo, maldito seja. Hoje fui abordado por um cavaleiro que está aqui em negócios. Parte de manhã e quer que eu decida antes do dia... antes de partir...

Respirou fundo. O nervosismo fazia-o atrapalhar-se com as palavras.

— Vou partir, logo de manhã, para Nova Lisboa, uma colónia na foz do Rio das Amazonas. Tu ficas para vender os escravos e a minha casa. Quando tiveres o produto da venda, vai lá ter. Espera-te uma grande recompensa e uma carta de alforria.

Os olhos do negro brilharam de alegria e a sua cara espreada-se num sorriso largo.

— Não comemores antes de tempo — rosou o bandeirante. — Tens de evitar Manuel Lobo a todo o custo. Quando não me encontrar, vai tentar... sei lá o que vai tentar, sei que tens de o evitar e, se ele te apanhar, não lhe digas onde estou. Compreendes?

O negro assentiu. Virou-se para sair quando o branco lhe agarrou o braço.  
— Uma última coisa. Vai ter com Francisco e diz-lhe para ir ter comigo, ainda esta noite, à nau. Não lhe contes nada. Eu lhe explicarei o que se passa. Agora, vai! E que Deus te proteja.

Os homens saíram para a noite e cada um seguiu o seu caminho. Tomé Pires chegou ao porto e pagou a um pescador para o levar à embarcação, onde foi recebido pelo cavaleiro, que lhe agradeceu o facto de não se ter atrasado e lhe mostrou a sua cabina. Quando Francisco, um dos muitos filhos de João Ramalho, chegou, o bandeirante explicou-lhe rapidamente a situação e o mameluco acedeu em acompanhá-lo sem hesitações, como Tomé Pires esperava. Era um aventureiro e um guerreiro temível, que não perdia uma oportunidade para conhecer novas terras e defrontar novos inimigos.

Tomé Pires passou o pouco que restava da noite a calcorrear a cabina e a contar as voltas da ampulheta. Ocasionalmente, espreitava pela porta, agarrava com mais força o punho da espada, que teimava em não embainhar, e lançava-se em nova caminhada no apertado espaço.

Foi só quando o Sol espreitou por cima das árvores e a âncora foi largada que o bandeirante pousou a arma e se deixou abater numa cadeira.

— Salvos — desabafou.

O mameluco não respondeu.

## CAPÍTULO 9

### GUIANA

MARTIN FITOU O GRUPO DE ÍNDIOS, PREOCUPADO.

Eram mais de quarenta, alinhados em duas filas, uma atrás da outra. Nus, com as faces, peito e pernas pintados de preto, segurando as longas flechas e os potentes arcos, assemelhavam-se a... a um bando de selvagens maltrapilhos, que era o que eram, considerou o espanhol. Apesar da fome, doenças e demais provações os terem deixado a um passo da cova, ainda assim acreditava que os Índios não teriam qualquer hipótese em combate contra os cristãos. As espadas enferrujadas, os escudos amolgados, as bestas meio apodrecidas e os arcabuzes a desfazerem-se fariam a diferença, como já fora demonstrado em ocasiões anteriores.

Não, isso não o preocupava.

Um relance às armas inimigas fê-lo compreender que havia poucas flechas envenenadas. Não se admirou: produzir o curare era uma tarefa complicada, somente levada a cabo pelos feiticeiros da tribo, e que implicava abstinência sexual, jejum e proibição de tomar banho, condições necessárias para que o veneno adquirisse a potência necessária.

Também não era isso que o preocupava.

O que o preocupava era não ser habitual naquele povo, os Ianomamo, atacar frontalmente. Segundo se recordava de ouvir contar a um dos velhos da aldeia, onde vivera muitos anos antes de ser resgatado, o costume era os atacantes acercarem-se da aldeia inimiga ao amanhecer, esperar que algum habitante mais incauto deixasse a segurança da grande cabana para ir beber água ou aliviar-se, crivá-lo de flechas e fugir rapidamente, antes que o grupo atacado pudesse reagir e empreender uma perseguição. Se no ataque conseguissem raptar algumas mulheres, melhor ainda. Este era o comportamento normal. E, no entanto, ali estavam eles, prontos para um ataque frontal. Tal, somente, podia significar uma coisa: desespero. E quem luta por desespero, sem nada a perder, é capaz das maiores façanhas.

Isso é que o preocupava.

Mas que os levava a empreender uma tal acção? Seria para recuperar as mulheres na posse dos brancos? Mas quando uma tribo inimiga conseguia

apoderar-se de algumas continuavam a seguir o padrão normal de ataque, ou seja, tentavam emboscá-los no caminho de regresso ou contra-atacar e roubar eles próprios algumas mulheres. Seria o ídolo? Mas que importância teria para eles a estatueta? Seria pelo ouro? Duvidava, o metal nada...

Sem aviso, os guerreiros armaram os arcos e dispararam as flechas. Martin ergueu o escudo a tempo de o sentir vibrar com uma, duas, três pancadas certas.

— Vamos! Não os deixeis recarregar! — bradou o capitão.

Aos gritos, os franceses carregaram sobre os índios, que, ainda assim, com gestos rápidos e seguros, conseguiram soltar mais um enxame de flechas. O homem ao lado de Martin rodopiou e deixou tombar a espada, o antebraço trespassado por uma delas. Fitou-a com olhos esbugalhados de terror e o espanhol negou com a cabeça. Não havia veneno naquela ponta. Aliviado, o soldado retomou a corrida, agarrado ao membro ferido.

Martin atirou-se contra um dos arqueiros, derrubando-o com uma pancada do escudo. Levantou a espada para o trespassar, mas o guerreiro foi mais rápido e evitou a estocada. Praguejando, o espanhol saltou quando o outro tentou atingi-lo na perna com uma flecha e desferiu novo golpe, que o índio evitou com facilidade. Antes que pudesse lançar outro ataque, um homem saltou-lhe para as costas e tentou lançar-lhe as mãos aos olhos. Martin dobrou-se e projectou-o para diante, contra o companheiro que se preparava para o flechar à queima-roupa. Trespasou os corpos emaranhados e sentiu o aço vibrar com o estertor dos moribundos, como se a morte insaciável tentasse trepar pela lâmina para também o reclamar a ele. Em redor, gritos, gemidos, tiros, mortos, feridos, flechas, estocadas, sangue enchiam a pequena clareira. Um companheiro, a seu lado, brandia o arcabuz como se de uma moça se tratasse, impossibilitado de o carregar por não ter acondicionado a pólvora e esta ter humedecido com a chuvada da noite anterior, mais adiante, um homem de barba ruiva corria em redor de uma árvore em perseguição a um índio que segurava um arco partido, acolá, um grupo de franceses...

— Alto! Rendam-se!

Todos se viraram. Na orla, um grupo de marinheiros brotava dentre o arvoredo. Suando profusamente dentro de armaduras completas, equipados com escudos, espadas e lanças, a sua chegada lançou o desânimo nas hostes índias, já de si bastante maltratadas e sem capacidade para enfrentar ainda mais estes reforços. Em pânico, largaram arcos e flechas e correram para os braços da selva.

— Apanhem-nos! Não os deixeis fugir! — urrou o capitão.

Os homens tentaram agarrá-los e rasteirá-los, mas o medo emprestava-lhes agilidade e a maior parte conseguiu desaparecer entre as árvores.

Martin embainhou a espada e deixou-se tombar, exausto, ao lado de um índio. Empurrou o cadáver para o lado e avaliou o campo de batalha. Quase uma dezena de Ianomamo mortos e mais do dobro capturados. Dois destes tinham sido apanhados a tentar roubar o ídolo e outro a desamarrar as mulheres. Da parte dos brancos, além do homem ferido no antebraço, nada mais havia a assinalar. Daquela vez, ninguém caíra vítima do curare.

— Antes de vós chegardes — explicou um entusiasmado grumete aos companheiros —, estavam muitos índios na margem, armados e pintados para a guerra, a apontar para a chalupa. Quando vos vimos ao longe, receámos uma emboscada e resolvemos vir ao vosso encontro. E ainda bem que o fizemos.

Os marinheiros sorriam e davam-lhe palmadas carinhosas nas costas, aliviados pelo desfecho feliz.

— Martin! Martin! — chamou o capitão.

O espanhol praguejou e levantou-se a custo.

— Interroga-os — ordenou aquele. — Pergunta-lhes onde arranjaram o ídolo. Pode ser que algum destes saiba.

Martin aproximou-se do grupo de prisioneiros, que os franceses terminavam de amarrar. O primeiro na fila era um velho índio sem dentes e ao qual faltava uma mão. O espanhol vira muitos assim, eram os troféus dos que sobreviviam à picada de uma qualquer cobra venenosa, em que a morte se contentava em levar somente um braço ou uma perna, numa promessa que, mais tarde, regressaria pelo resto do corpo.

— *Onde há disto?* — perguntou, dedo apontado para o ídolo.

O índio esbugalhou os olhos quando o estranho falou na sua língua, mas nada disse.

— *Onde encontraram esta estátua? Há mais ouro* — indicou com um gesto os braceletes nos pulsos da figura — *na região?*

Ninguém lhe respondeu.

— *Tu!* — insistiu, indicando um guerreiro de porte orgulhoso e que se mantinha de cabeça inclinada para a frente. O gesto servia para mostrar a habitual clareira no topo da cabeça, onde brilhava um conjunto de cicatrizes horríveis, tornadas mais assustadoras pelo pó vermelho nelas espalhado. — *Existe mais metal amarelo por aqui? Nas aldeias vizinhas, talvez?*

O homem bufou de desprezo, roçou o queixo pela corda que lhe prendia o pescoço e olhou de esguelha para as longas flechas pousadas a seus pés, como se medisse as hipóteses de se libertar à dentada, apoderar-se das armas e matá-los a todos. Em vez disso, limitou-se a permanecer em silêncio.

— *Há mais ouro por aqui?* — continuou Martin, impaciência a transparecer-lhe na voz, desta vez dirigindo-se a um rapaz que olhava com desalento para o pénis, que se soltara do nó que o amarrava ao cordel em redor



da cintura. — *Fala, ou juro que to corto!* — rosnou o espanhol, agarrando-lhe o membro com força.

O jovem guerreiro soltou um guincho involuntário e balbuciou:

— *Sempre o tivemos. Sempre foi nosso. É...*

— *Cala-te* — rosnou o guerreiro com a cabeça cravejada de cicatrizes.  
— *Não sabes do que falas. Foi-nos dado por um grupo de homens brancos, como vós, que por aqui passou ainda eu era uma criança, ainda o meu pénis não se segurava na cintura. Foi a única vez que vi este metal.*

Martin pensou furiosamente. As informações do índio eram vagas, davam a entender que o ídolo fora roubado a uma anterior expedição de cristãos, talvez uma das que encontrara a morte quando buscava o *El Dorado*. O pouco ouro que, ocasionalmente, chegava até ali, indiciava a sua existência algures na selva, mas durante o tempo que vivera entre os Índios, nunca conseguira saber ao certo onde. O mais provável era tratar-se de tesouros que se extraviavam dos reinos mais a ocidente, como o dos Incas.

— Que disse ele? — perguntou o capitão, olhos arregalados de antecipação.

Martin hesitou. Não podia dar a entender que ali havia o mínimo resquício de ouro, senão o capitão insistiria em avançar selva adentro, mesmo sabendo que o esperavam flechas encharcadas em curare, cobras que pou-pavam o veneno à espera da chegada dos cristãos, fome sedenta de carne branca e, claro, o Inverno e as suas chuvas torrenciais, que tinham feito a sua aparição havia muito e que faziam a provação de Noé parecer um passeio pelo Guadalquivir.

— Disse que o ídolo foi roubado a uma expedição de cristãos que aqui passou há muitos anos e que nunca mais voltou a ver este metal amarelo.

O capitão não conseguiu esconder o desânimo. Passou uma mão suja pelos olhos, sacudiu a poeira do escudo e fitou as árvores. Martin soube que considerava a hipótese de, mesmo assim, prosseguir a busca e sentiu-se à beira do desespero ao imaginar que nunca mais sairia daquele Inferno.

— Regressar a França? — aventurou Martin, esperançoso.

— Regressar à nossa base, na ilha de Trindade, para reparar os navios, reabastecer e curar os enfermos.

— E depois? — ganiu o espanhol, apoiando-se numa árvore para não desfalecer.

— Depois, regressamos aqui! — afirmou o capitão, sobrolho carregado por ter de informar do óbvio. — Agora que descobrimos ouro, temos de investigar.

— Mas o índio disse...

— Cambada de mentirosos — cortou o outro. — Não querem que nós saibamos onde o escondem.

Martin teve a sensação que o capitão falava mais para se convencer do que para responder à pergunta. Os olhos do espanhol pousaram na chalupa diante de si, nas tábuas acrescentadas, à pressa, às amuradas e cravejadas de flechas, testemunhas das muitas batalhas travadas, e soube que, um dia, uma delas encontraria o seu corpo. Alguma vez voltaria a ver o pai, mãe e irmãs? A esperança que sentira ao ser salvo pelos franceses começava a esvanecer-se.

Diante de si, um índio soltou uma imprecação ao bater com o joelho num tronco.

— Para que os levamos, afinal? — perguntou ao capitão.

— Para minimizar o prejuízo. Tenciono vendê-los como escravos.

— Escravos? Vendê-los? Mas a quem?

— Aos Portugueses. Ou não sabias que fundaram uma colónia na foz do Rio das Amazonas?

## CAPÍTULO 10

### CONGO

— AFONSO! — BERROU CABRAL, ENTRANDO A CORRER NA CUBATA E BATENDO COM a cabeça na pequena abertura que servia de entrada. — Acorda! Estamos a ser atacados!

Deu um pontapé ao filho para lhe incutir a urgência necessária e agarrou o arcabuz encostado à parede. No exterior, os sons de batalha eram agora perfeitamente audíveis. Atrapalhou-se com a pólvora, derramou parte no solo, e encheu o cano da arma.

— Pai! Eles já aqui estão! Passaram a sebe.

Cabral ouviu o som da espada do filho a chocar com a moça de um dos atacantes. Já se encontravam à porta! Acendeu a mecha e correu para a entrada. Aí, enfiou o cano por baixo do braço de Afonso e disparou. Foi recompensado com um grito de dor e angústia. Sem tempo para recarregar, jogou a arma fora e empunhou a espada. Contava, com a ajuda do filho, conseguir defender a estreita abertura.

Os atacantes recuaram e pareceram hesitar. Cabral ouviu-os discutir entre si e interrogou-se sobre o que se estava a passar. Dispunham de arcos, mas não os utilizavam e mostravam-se relutantes em avançar. De súbito, compreendeu: queriam-nos vivos. Um calafrio de medo percorreu-lhe o corpo. Se a perspectiva de morrer o assustava, a de viver aterrorizava-o. Imaginava as inúmeras torturas a que seria submetido caso fosse capturado, quando um negro com um archote na mão surgiu da escuridão.

— Rendam-se — exigiu.

— Venham buscar-nos — retorquiu Cabral.

O homem encolheu os ombros e atirou o archote para cima da cubata. A chama, que até aí tremeluzira relutantemente, ganhou vida e, esfaimada, atirou-se ao capim que cobria a construção.

— Afonso, temos de sair daqui. Vamos vender cara a pele! Ouviste?

— Sim.

Cabral sentiu uma pontada de orgulho pelo filho. Na hora de maior perigo, a voz não lhe tremia e o braço parecia não vacilar. Colocou-lhe uma

mão no ombro, à laia de despedida, benzeu-se e correu para o exterior, gritando por Santiago.

Um homem avançou rapidamente e Cabral, num gesto automático, trespassou-o. Era Duarte.

— Traidor! — rosnou.

Mesmo morto, o negro chocou contra o português e fê-lo desequilibrar-se e tombar para trás, para cima do filho. Antes que conseguissem levantar-se, um, dois, três, vários pares de mãos agarraram-nos e imobilizaram-nos. Com a boca colada ao solo, cara a cara com o escravo que o traíra, rosnou, enquanto as suas mãos e pernas eram atadas:

— Pelo menos, levo-te comigo, cão. É assim que pagas o carinho com que te tratei estes anos todos?

Como o morto não se dignasse responder, um dos negros tomou a palavra.

— Cala-te, Mputu — era a expressão que os Congueses usavam para se referirem a Portugal e aos Portugueses, mas aquele usava um tom de voz que não deixava dúvidas que se tratava de um insulto. — O teu escravo não te traiu, fomos nós que o empurrámos para te distrair. Os únicos traidores aqui sois vós.

Cabral não respondeu. Assustado, humilhado e enraivecido, foi erguido e amarrado pelo pescoço a uma das longas varas usadas para o transporte de escravos. Não pôde deixar de sorrir ante a ironia da situação. As vidas da mulher, filho e filhas também tinham sido poupadas, mas o alívio cedo foi substituído pela angústia. Que destino lhes estava reservado? Não se interrogou quem eram os assaltantes e porque o queriam com vida. Não tinha a mínima dúvida de que aquele ataque estava relacionado com os negros que capturara dias atrás.

Em silêncio, deixou-se ser conduzido noite dentro. Além da sua família, também uma multidão de aldeões tinham sido capturados, sem dúvida para serem vendidos como escravos. De novo, sorriu da ironia. Talvez, pudesse oferecer-se para os comprar. A louca ideia quase o fez soltar uma gargalhada.

A caminhada prolongou-se durante dias e Cabral manteve-se em obstinado silêncio. Quando Afonso começou a dirigir-se a um dos captores para o interrogar, ladrou-lhe que se calasse. Não queria que o filho se humilhasse com súplicas ou perguntas. Já as mulheres eram outra história: gemiam, choravam, gritavam, lamuriavam-se ininterruptamente. Os negros ignoravam-nas. Quando a esposa se recusou a andar, alegando que tinha bolhas nos pés, pregaram uma pele de búfalo a um pau, obrigaram-na a sentar-se e ordenaram a dois dos prisioneiros que a transportassem.

Cabral ignorou tudo isto. Não queria pensar no que os esperava no

fim da caminhada e dedicou-se a estudar os campos, florestas, aldeias que passavam. Passou por um grupo de negros que limpava um terreno de árvores e arbustos, preparando-o para o cultivo. Era o máximo que fariam, a partir dali, as mulheres tomariam o comando e seriam elas que tratariam das hortas. Sem mão-de-obra masculina, não era de admirar que as áreas cultivadas fossem pequenas e frequentes, os períodos de escassez, por vezes, ampliados por pragas de gafanhotos. A seu lado, caminhava um negro que mastigava incessantemente um fruto a que chamavam *cola*, utilizado para mitigar a sede e cuja água era muito saborosa. Com a boca ressequida e a língua a colar-se-lhe ao céu da boca, Cabral permaneceu em silêncio e saciou-se com o orgulho. Mais adiante, numa padiola improvisada, seguia um ferido. As suas feridas encontravam-se cobertas por um pó de um arbusto utilizado no tratamento e desinfecção de feridas.

Por fim, deixaram o trilho principal e internaram-se por um secundário. Cabral começou a ver porcos, cabras e ovelhas que deambulavam em completa liberdade, pastando pacificamente. Atravessaram terrenos onde as mulheres se afadigavam de volta das suas hortas e passaram por um pomar composto maioritariamente de laranjeiras. O português soube então que não só se aproximavam de uma aldeia como ainda que esta tinha ou tivera contactos com os seus conterrâneos: a laranjeira era uma das árvores importadas de Portugal.

Mais adiante, passou pela primeira casa, uma cubata que ostentava por cima da porta, em meio aos mais variados objectos, um crânio de um elefante, um macho gigantesco que mesmo para lá da morte parecia fitá-los com expressão de ódio. Ao lado, erguia-se uma pilha dos mais diversos ossos de animais e, no centro, uma cruz. Cabral já tinha visto aquele tipo de habitações, mas nunca deixava de se sentir mortificado. Era a casa de um caçador e todos aqueles objectos destinavam-se a protegê-lo contra os animais e a assegurar uma boa caçada. Esta era antecedida de vários rituais, como, por exemplo, a abstinência de relações sexuais. Superstições típicas de gentios, como, tantas vezes, dizia... dissera a Duarte, que sempre o fitara com expressão carregada de desaprovação. Mas o que o chocava era ver a santa cruz reduzida a um vulgar talismã, como se um pedaço de corno de gazela ou o rabo de um chacal valesse tanto como o madeiro onde Cristo expiara os pecados da humanidade.

— Gentios — murmurou, entredentes, e recitou um credo.

O estreito caminho serpenteava por entre a erva alta. A comitiva passou por várias cubatas cercadas pelas típicas sebes, que faziam as vezes de muralha e labirinto. De uma delas, ouvia-se metal a ser trabalhado e um aroma a cinzas enchia o ar. O português reconheceu a oficina de um ferreiro, um dos ofícios mais conceituados no Congo, somente praticadas pelos

fidalgos. Por detrás da sebe, um negro coberto de suor batia no metal em brasa. A bigorna era um enorme calhau, o martelo, um pedaço de ferro e o fole era feito de troncos ocos sobre os quais estendiam uma pele, que era erguida para deixar entrar ar e atizar o fogo. À entrada da sebe, um ancião adoentado apoiava-se no ombro de outro, à espera que o ferreiro os recebesse para, em troca de um pagamento, este soprar o fole na face do doente, três vezes. Acreditavam que o ar expulsaria o mal do corpo do enfermo e garantiria uma vida longa e saudável.

— Ignorantes — murmurou.

O negro a seu lado franziu o sobrolho, mas escolheu ignorar o comentário.

Por fim, um pequeno grupo de guerreiros fez sinal aos brancos para seguir por entre uma das sebes. Após caminharem sem rumo durante uns instantes, ou assim pareceu a Cabral após tantas curvas, desembocaram num largo espaço onde uma multidão de homens e mulheres aguardavam.

Os guerreiros ordenaram aos portugueses que parassem e, depois, ajoelharam respeitosamente. Por três vezes, esfregaram a testa com terra, bateram palmas, papaguearam algo que Cabral não entendeu e prostraram-se pelo solo, onde permaneceram, imóveis. O cerimonial foi o suficiente para o português compreender que se encontrava na presença de um homem poderoso. Descortinou-o sem dificuldade. Sentado com ar austero e grave, um negro idoso estudava os cativos com aparente indiferença. Na sua cabeça, em confirmação do seu estatuto, repousava uma coroa em forma de mitra, feita de folhas de palmeira, símbolo de poder. Vestia um delicado tecido brocado e Cabral percebeu que a situação era muito pior do que imaginara. Aquele era um grande fidalgo, um dos favoritos do rei: assim atestava a sua vestimenta, que só podia ser usada sob autorização do soberano do Congo. Sentiu suor escorrer pela testa e amaldiçoou o dia em que decidira ir comprar escravos a Pumbo. Como se não bastasse aquele negro ser o chefe da aldeia, já por si com amplos poderes e regalias, ainda era chegado a el-rei. Cabral não teve dúvidas que se decidisse matar os portugueses, aquele viraria a cara e fingiria não saber.

Com um olhar autoritário, ordenou à esposa e filhos que permanecessem em silêncio. A mulher, aterrorizada e, numa das raras ocasiões em que não tinha vontade de entrar em discussão, limitou-se a acenar a sua concordância. A seu lado, uma das filhas chorava baixinho, agarrada ao braço da mãe.

O ancião murmurou algo e os guerreiros ergueram-se. A um sinal da sua mão, empurraram o português para diante. Este fez uma vénia profunda. Não ia espojar-se pelo solo como os negros, mas pretendia, ainda assim,

mostrar o máximo respeito. Se tudo corresse bem, o chefe, para mostrar a sua boa vontade, levantar-se-ia, colocaria uma mão no chão e corrê-la-ia pelo peito de Cabral e, depois, pelo seu.

O negro permaneceu sentado.

— Sentai-vos.

O português ponderou se ao sentar-se no solo, estaria a mostrar fraqueza, mas, depois, considerou que, até ali, ninguém mostrara qualquer sinal de hostilidade — à parte ter sido atacado a meio da noite e conduzido como um escravo até ali — e decidiu obedecer. Teve o cuidado de se sentar com as pernas encolhidas, como ditava a etiqueta. Sabia que o gesto seria apreciado, pois os Congueses davam muito valor a que os brancos observassem os seus rituais, principalmente os que mostravam respeito para com os seus chefes. E eram muitos, esses pequenos gestos, considerou Cabral: quando passavam ou falavam todos se calavam, quando comiam ninguém podia olhar para eles — sabia de um caso em que quando o chefe se preparava para beber, um criado tocava um instrumento e todos se prostavam pelo solo, de cara para baixo —, quando...

— Saiam — ordenou o homem idoso.

Num ápice, os escravos — e tantos que eram, notou o branco, mais um sinal do poder e riqueza daquele fidalgo —, as mulheres e todos os demais abandonaram o recinto. Só ficaram alguns guerreiros, necessários para assegurar a protecção do seu líder, dois anciãos e um ou outro negro.

— Mesmo quando nos apercebemos de que vós, Mputu, não tínheis sido enviados pelos nossos antepassados — começou o chefe, em tom grave e pausado, em português —, ainda assim os meus pais e avós abraçaram a vossa religião.

Afonso enrugou a testa, em sinal de incompreensão, e Cabral teve vontade de o pontapear. Tantas vezes que lhe explicara que os negros, quando viram os brancos chegar do mar nas suas baleias, homens ricos, apetrechados com utensílios que mostravam o seu poder e falando sobre Deus e terras desconhecidas, tomaram-nos por emissários que renunciavam o regresso dos antepassados. Afinal, não tinham eles a pele branca, a mesma cor que os seus descendentes que habitavam debaixo da terra, no mundo dos mortos? A conclusão só podia ser uma: os recém-chegados trariam o mundo subterrâneo para a superfície, onde todos viveriam em abundância.

— Ordenei a destruição dos ídolos, tomei o nome cristão de Ndombele, esforcei-me por propagar a fé cristã.

Cabral não se deixou iludir pelas palavras do preto... de Dom Abel. A maior parte dos que se haviam convertido, tinham-no feito julgando tirar daí benefício. Os homens brancos não eram ricos, poderosos? Não possuíam utensílios maravilhosos, roupas deslumbrantes, armas temíveis? Então,

por comparação, o seu deus também devia ser poderoso. Chegara a ouvir um chefe dizer a outro que para se tornar invencível, bastaria que se convertesse ao cristianismo.

— Cometi o maior sacrifício de todos. De todas as minhas mulheres, fiquei só com uma, como manda a vossa religião.

Cabral absteve-se de qualquer reacção que traísse a sua descrença. O português vira muitas mulheres em torno dele e, antes de chegar àquela cubata, reparara em várias palhotas ao longo do caminho. Cada uma destinava-se a uma das suas esposas, pois era hábito não viverem debaixo do mesmo tecto, com o marido, mas cada uma na sua habitação, com os seus próprios escravos e hortas. De resto, aquele era o maior impedimento para a aceitação da verdadeira fé: se um chefe escolhesse uma delas e dispensasse as outras, estaria a destruir as tão cuidadosamente negociadas alianças que formara através do casamento. Por outro lado, as próprias mulheres não queriam ver-se apartadas dos seus maridos. Quando tal acontecia, sentiam-se injuriadas e humilhadas e amaldiçoavam Deus, Cristo e tudo o mais. O português nunca compreendera porque reagiam elas assim, quando os maridos tratavam-nas com indiferença e faziam delas quase escravas: nunca comiam com eles, quando os serviam tinham de o fazer ajoelhadas, poucas palavras trocavam...

— Acaso não procurei respeitar os ensinamentos dos padres e seguir o exemplo dos Mputu? Prova disso são as modificações que fiz na minha casa.

O português seguiu o gesto e quase não conseguiu controlar uma gargalhada. Na ânsia de imitar os brancos, o chefe fizera uma abertura na sua cubata, no que pretendia ser uma janela, mas que parecia o resultado do ataque de um búfalo em fúria. Como se não bastasse, talvez descontente com o resultado, ao lado, erguia-se uma casa ainda inacabada, feita de tábuas, e onde já eram perceptíveis dois andares, com janelas e quartos, em imitação do estilo colonial português.

— Cheguei a mandar dois dos meus sobrinhos, Mbelenadu e Nzuau, para junto dos padres, em Mbanza Congo, para aprenderem os costumes dos brancos.

Cabral sentiu as pernas ficarem dormentes à menção dos nomes. Onde os ouvira antes? Não tinham sido mencionados pelo negro que emboscara dias atrás? Desejou que o preto se deixasse de rodeios e fosse directo ao assunto. Certamente que não o levara ali à força para enumerar os actos que praticara para agradar aos portugueses.

— Então, depois de tantas demonstrações de fidelidade, porque me fizestes isto? Porque me atraíçoastes? Acaso não fui um bom amigo, um cristão irrepreensível?



A súbita mudança de tom de voz, que agora deixava transparecer angústia e ira, ainda que mantivesse a mesma entoação calma e pausada, fez com que Cabral se encolhesse. Finalmente, chegara ao cerne da questão.

— Não sei do que falais, Dom Abel.

— Refiro-me ao facto de terdes atacado à traição e raptado os meus sobrinhos, um dos quais, Dom Mpetelu, era o meu herdeiro...

Hesitou e olhou para um dos anciãos.

Cabral compreendeu que a questão do sobrinho, o negro da cica-triz, se a memória não o atraçoava, vir a comandar os destinos da aldeia, não era um assunto pacífico. Apesar de ser tradição passar a chefia para o filho primogénito da irmã mais velha do chefe, pois esta era a mulher que mais perto estava da primeira mulher da linhagem do clã, nem sempre tal sucedia, pois o pretendente podia não se revelar merecedor do cargo.

— Não sei do que falais. Não fiz nada disso — retorquiu o português com firmeza.

— Dizeis, então, que não os atacastes ao entardecer, quando se afa-digavam a montar acampamento para a noite, e os amarrastes e vendestes como escravos?

A última palavra fora dita num sussurro pouco audível, como se a afronta de ver o seu sobrinho feito propriedade de outrem como um comum criminoso fosse demasiado dolorosa.

— Como disse, não fiz nada disso.

O ancião acenou e um homem foi introduzido no recinto. Cabral sentiu que caminhava em areias movediças. Era o negro que conseguira fugir.

— Fala — ordenou Dom Abel.

— Nós... Eu... foi...

O chefe permaneceu impassível e aguardou que o escravo controlasse o temor que sentia.

— *Estávamos a montar acampamento, regressados de Pumbo, carregados de escravos, quando Dom Mpetelu ordenou-me que fosse buscar mais lenha. Afastei-me e ouvi um barulho. Pum!* — abriu os braços para indicar que fora um grande estrondo. — *Ia voltar para trás quando um guerreiro surgiu à minha frente* — as suas mãos tomaram a forma de garras, para indicar que o outro era muito feroz. — *Comecei a correr, mas apanhou-me. Ia matar-me* — apontou para o alto do crânio, mostrando onde o agressor lhe teria desferido a pancada —, *quando apareceu um rinoceronte que o distraiu. Consegui escapar e tentei regressar ao acampamento, mas, quando vi tantos homens armados, achei melhor esconder-me. Segui-os durante uns dias, na esperança de salvar os meus*

amos, mas quando não surgiu oportunidade, decidi vir avisar que Dom Mpetelu estava em perigo.

Calou-se, arquejante. Com a cara colada ao solo, boca cheia de terra, arregalava os olhos, aterrorizado que a sua narrativa não fosse satisfatória.

— Que dizeis a isto? — perguntou o chefe. — Ou precisais que traduza?

— *Não é necessário* — respondeu Cabral, igualmente em quicongo. — *Digo que se pusessem uma barba à minha mulher, este ranhoso diria que era parecida comigo* — um dos anciãos levantou ligeiramente o canto da boca, num esboço de sorriso. — *Como pode ter a certeza que fui eu que raptei o vosso sobrinho e não outro qualquer? Para ele, todos os brancos de barbas devem parecer-lhe iguais. Digo que este cão presenciou, de facto, a cena que descreve e que seguiu essa gente durante alguns dias. Regressou para vos avisar, mas quando tentou localizar novamente os assaltantes, não os encontrou ou não soube dizer quem eram. Então, com medo de ser castigado, acusou-me a mim e à minha família, que nos dirigíamos pacificamente a Mbanza Congo.*

Todos se viraram para o escravo.

— *N... n... n... ndombele* — ganiu aquele, em voz esganiçada, espocado numa poça da própria urina, ao mesmo tempo que se esfregava na terra, como se pretendesse refugiar-se na própria sepultura. — *Posso ser um pobre escravo, mas nunca esqueço uma cara. Os brancos que raptaram os vossos sobrinhos foram este e aquele ali* — sempre de cara no chão, apontou na direcção de Afonso, que se encolheu como que socado.

— Pois, eu digo que ele mente! — rosnou Cabral. Resolveu que era hora de jogar o seu trunfo. — Juro pela sagrada cruz que estou inocente — mentalmente prometeu fazer uma doação generosa à igreja de Nossa Senhora da Graça, em São Tomé, da próxima vez que lá fosse.

O chefe permaneceu em silêncio e o português quase sorriu. Era notório que hesitava. Talvez não fosse um cristão convicto, mas sabia a importância de tal juramento. Por instantes, acreditou que iria sair incólume daquela situação, que, em pouco tempo, estaria na estrada, de volta a Pinda. Então, um dos negros debruçou-se sobre Dom Abel e murmurou-lhe algo que o fez endireitar-se no trono.

— Estais disposto a provar a vossa inocência pelo veneno?

Cabral sentiu o desespero invadi-lo. O homem que falara a Dom Abel, um negro de longa barba, um feiticeiro, um adorador do demónio, presenteou-o com um sorriso feroz. *Nganga*, era como lhe chamavam. Os seus olhos ardiam de loucura e fanatismo e o português sentiu-se como um coelho diante de uma raposa. Conhecia aquele método, utilizado pelos feiticeiros para determinar a inocência ou culpa dos homens que acusavam. Primeiro o próprio *nganga* ingeria um pouco do veneno e, depois, dava-o a quem estava a ser julgado. Se este

o vomitasse, era considerado inocente e partia em liberdade, mas se morresse, estava provada a sua culpa. Cabral não pretendia colocar-se à mercê de um homem que, era notório, não nutria qualquer simpatia pelos brancos e que, certamente, lhe daria uma dose letal de veneno. Não duvidava de que o negro não perderia aquela oportunidade para se vingar das afrontas sofridas às mãos dos missionários, que nunca perdiam uma oportunidade para ridicularizar os feiticeiros, apelidando-os de impostores e tentando, por todos os meios, retirar-lhes o protagonismo que gozavam entre os Congueses, se não mesmo eliminar a sua existência. A sua presença ali era mais uma prova que a conversão do chefe era somente aparente. No entanto, se recusasse, teria de assumir a sua culpa e isso deixá-lo-ia numa situação igualmente precária. Encurralado, optou pelo caminho que não levava à morte imediata.

— Esperai... — começou, tentando parecer convincente. — Agora me recordo que encontrámos um grupo de homens ao longo do caminho e que, como julgámos que nos iam atacar, os desarmámos e levámos para Pinda — fez uma vénia profunda, para mostrar que o seu arrependimento não conhecia limites. — Não fazia a mínima ideia que entre eles se encontravam os sobrinhos de Dom Abel. Terei muito gosto em providenciar... — a sua voz esmoreceu. Pela cara do negro, era óbvio que não acreditava na explicação.

— Fico feliz por ver que esclarecemos a situação — respondeu o chefe, em tom pausado e grave. — Terei o maior prazer em vos deixar partir para que tragais os meus sobrinhos de volta.

Cabral deu graças por ainda se encontrar inclinado para diante. Assim, ninguém via o seu sorriso. Teria de pensar se valeria a pena encontrar e mandar os negros de volta ou se simplesmente deixaria o Congo e se dedicaria a fazer comércio noutra região. Talvez, no reino de Angola, mais a sul, apesar daquele rei não ter mostrado o mesmo entusiasmo que o do Congo em acolher os cristãos. Mas o chefe ainda não terminara.

— No entanto, como tendes em vossa posse membros da minha família, é justo que eu retenha os da vossa. A vossa mulher e filhos serão meus convidados até voltardes. Daqui a três luas, cortarei um dedo ao vosso filho e assim farei por cada lua que passe sem regressardes. Quando se acabarem os dedos das mãos, passarei para as orelhas e nariz e, por fim, para a cabeça. Findo o prazo, tomarei as vossas filhas como esposas e usarei a vossa mulher como isco para caçar leopardos.

Um silêncio profundo abateu-se sobre o recinto. Uma das filhas de Cabral começou a chorar e o português não teve forças para a mandar calar. Subjugado pelos acontecimentos, limitou-se a fitar as mãos, sem saber o que fazer.

— O sobrinho que me vai suceder chama-se Dom Mpetelu e tem uma cicatriz na face. Sem ele, escusais de retornar — esboçou um gesto para a sebe. — Os meus guerreiros escoltar-vos-ão a Pinda.

O português não respondeu nem se mexeu.

— Ainda aqui estais? O tempo está a passar.

E virou as costas ao homem branco.